ÓRGÃO DO
CENTRO CULTURAL
"EUCLIDES DA CUNHA"

Tapeira

COMPOSTO E IMPRESSO PELA
GRÁFICA PLANETA LTDA.
Rua Paula Xavier, 1507

DIRETOR
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

PONTA GROSSA — ESTADO DO PARANÁ

SECRETÁRIO
GUARACI PARANÁ VIEIRA

ANO 26 — Ponta Grossa — 1.971 - 1.976 — Nº 24

A Etnia Cabocla existe e é bem brasileira.

O chamado caboclo, mameluco ou indáitico, apesar de predominar na maioria dos Estados brasileiros, como veremos, continua quase que completamente ignorado, nos compêndios em geral.

A sua etnia, inexplicavelmente, só aparece em literatura de ordem antológica, poética (do gênero comprometedor) ou casos de calúnia, infâmias e distorções.

Em livro, prestes a sair, "*Cepa Esquecida*", fomos, aos poucos, reunindo o que pudemos, em trinta anos de intensa atividade, para que se tenha uma visão de conjunto, de norte a sul do Brasil, da realidade dêsse tentópio, mais que qualquer outro, digno de veneração e respeito.

São opiniões, dados, informações, citações, pontos de ilustração, pesquisas sumárias e outras particularidades, referentes a figuras exponenciais de nossa terra, como também, indiretamente, a milhões de outros seres dos demais quadrantes da nacionalidade.

Sinceramente, o que não está certo é o silêncio ou a vontade preconcebida de usurpação ou *parti pris* de alguns demagogos raciais de outros troncos formadores do nosso povo.

Sílvio Romêro, apesar de nunca haver proclamado as suas características raciais (e foi Mestre Gilberto Freyre quem o classificou, de maneira inconfundível), deixou-nos, em sua "*História da Literatura Brasileira*", Tomo Primeiro, 4ª Edição, 1.949, Livraria José Olympio, páginas 286-287, uma opinião bem significativa sôbre a impossibilidade de abordar o assunto: "Pelo que toca ao mestiçamento com os índios, é quase impossível enumerar casos, tantas são elas. Sem precisar citar as principais famílias de S. Paulo desde Caiubi, Piquerobi e Tebiriçá, as de Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, o Brasil todo, em suma. Entre homens notáveis, basta lembrar os nomes de Basílio da Gama, Odorico Mendes, Diogo Feijó, João Lisboa, Benjamin Constant, Franklin Távora, D. Romualdo de Seixas, Augusto de Mendonça, Carlos Gomes, Floriano Peixoto, etc. etc."

O genial Gilberto Freyre, cuja obra nos vai recomendando, cada vez mais, nas melhores camadas do mundo, e que tanto tem sido, através das gerações, louvado como o genuíno e inconfundível inovador da ciência antropológica em terras do Brasil, de que, sem exagêro, a reabilitação do afrontego é uma das conseqüências, o genial Gilberto, durizmos, nunca deixou de mencionar vultos caboclos, em sua vastíssima bibliografia, donde, em incessante pesquisa, o temos podido registrar os seguintes nomes: Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Conselheiro João Alfredo, Prefeito Pereira Passos, Floriano Peixoto, Carlos Gomes, Padre Ibiapina, Diogo Feijó, Padre Cícero, Cardeal Arcoverde, D. Romualdo de Seixas, José Veríssimo (toque africano), Rondon (idem), Sílvio Romêro, Presidente Humberto Castelo Branco, Damiana da Cunha, a Familia Nabuco (toque amerindio). A. Mello Freyre (idem), etc."

Fora das nossas fronteiras, não lhe escapou à extraordinária argúcia a figura do *Marquês de Pombal*, como mostramos, no livro.

Raquel de Queiróz disse, certa vez ("*O Cruzeiro*", página 122 de 7/3/1.953), a respeito da predominância do sangue indígena no Ceará: "Se temos tamanho, côr, estatura e cara e cabeça de índio, é porque na nossa terra pobre não houve escravaria tratando ricas lavouras que nos desse mais forte e boa pinta de negro".

É, mais recentemente, no dia 28 de março de 1.971, no "*Diário do Paraná*", a propósito de "ÍNDIOS DO BRASIL", um tanto exageradamente, se bem que certa, dedicou aos avoengos indígenas o seguinte: "Nem foi de outro modo, senão por essa livre aproximação de bugres, brancos e negros, que se constituiu a população do Nordeste e Norte. Uns 80% dos nordestinos descendem de índios aculturados, que se incorporaram à população, miscigenando-se com o pequeno contingente populacional de brancos e pretos. Lá, pelo Norte a proporção de sangue índio na população do interior deve chegar aos 90%, sucedendo coisa parecida em Goiás e Mato Grosso". E mais adiante: "De quem é que vocês pensam que todos descendemos? Por cada português, por cada escravo negro, bota vinte, sem índios. Então, no interior a cabocloda chega às vêzes a parecer de raça pura, tal a fôrça do bugre na mistura".

É bem verdade que, apesar do exagêro, como dissemos, a realidade da predominância da mistura indígena é, sem dúvida alguma, coisa líquida e incontestável. Aliás, já Roquette-Pinto, sôbre o Ceará, calcurara a proporção de 37% de sangue caboclo, o que foi adotada por Afonso Arinos de Mello Franco.

A em relação a Paraíba, aí estão os livros de Coriolano Medeiros, Horácio de Almeida, José Américo de Almeida, Lopes de Andrade e outros, sem excluir Mestre Gilberto Freyre, para, em palavras objetivas, coerentes e decisivas, realçar a influência potiguara, caetê e tapuia na formação étnica da terra.

Muito recentemente, ainda, o escrito Caó Vianger, no "*Cruzeiro*", de 20/4/1.975, página 66, estampa um belo trabalho — *Miscigenação Andina — "Brasil, 3º Solução)*, em que afirma, com convicção e espírito patriótico: "Sob o domínio português, o que houve no Brasil foi uma verdadeira assimilação de índios, em larga escala, de norte a Sul do País, de leste a oeste. Misclando-se a eles, e levando o negro na esteira de suas entradas, o português criou um tipo original, o *sertanejo*, cuja base racial é o índio, e que constitui o cerne da população brasileira em todo o interior (na Amazônia, inclusive) e na faixa atlântica, da Bahia ao Pará

"Por aíto, podemos estimar em 30 milhões essa massa de sertanejo, em quem os historiadores não viram ou não quiseram ver o índio redivivo. E verdade que ele está despojado de um elemento essencial da sua primitiva cultura. Esqueceu a língua, esqueceu a floresta, perdeu até a noção de sua própna origem. O caboclo sertanejo não se julga um índio. No entrechoque das culturas, evidentemente, não podia subsistir um estágio cultural da idade da pedra. Mas, o homem, em sua essencialidade, se perpetua pelo sangue e pela raça. Nada há de desabonador para o índio no fato de ter deixado sua cultura ancestral".

O antropólogo Darcy Ribeiro nunca deixou de dizer que o "Brasil interior é bem tupi", portanto, ainda reserva incalculável para estudos e conclusões.

Outro grande nome, este de antropólogo do Equador, o Prof. Monsalve Pozo, em seu estupendo livro "*El Indio, Caracterizes de su Vida y su Pasion*", Cuenca, Equador, página 513, indica também algumas personalidades brasileiras, que são mestiças. Ao lado de um mundo de hispano-americanos de sangue indígena, menciona: "... nos recorrera entre otros, a los siguientes del Brasil: "Coelho Neto, grande cuentista, Euclides da Cunha, el más eminente estilista de la lengua portuguesa; Pontes de Miranda, el poseedor de la más notable cultura del Brasil de nuestros dias, Rocha Pombo, el historiador más profundo del Brasil; José Veríssimo, crítico de cultura polimorfa — Também, ás mestizo el General Rondon, Gonçalves Dias, uno de los mayores indianistas de América, era pardo".

Por sua vez, assim se manifesta a pena poluda e capaz do Marechal Mário Travassos: "Na verdade, seria um erro esquecer o fundo indiano das populações amazônicas, nordestinas (em grande parte), sulinas e do planalto central, e as figuras de fundo indígena de Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, José Veríssimo, Rondon, Rocha Pombo, Benjamin Constant, Rondon, Pedro Américo, Carlos Gomes ..." (*"Jornal do Brasil"*, de 17/2/1.952, secção ilíteria).

Além destas insignes personalidades, muito falaram também sôbre o assunto: Gustavo Barroso, Manoel Bomfim, Capistrano de Abreu, Pedro Calmon, Barão de Studart, Djacyr Menezes, Abdias Neves, José Veríssimo, Câmara Cascudo, Mário Melo, Rocha Pombo, Romário Martins, Souza Docca, Cavalcanti Proença, Mário de Andrade, Couto de Magalhães, Daniel de Carvalho, Afonso de Taunay, Aires do Casal, Clóvis Bevilaqua, Pierre Denis, Lynn Smith, Alvaro Ferreira, Pe. Joaquim Chaves, Craveiro Costa, Luiz Viana Filho, Artur Ramos, Wilson Lins, Estevão Pinto, Régo Barros, Basílio de Magalhães, Emanuel da Silva Bruno, Alfredo Ellis Júnior, C. R. Boxer, Clodomiro de Magalhães e outros mais, que serão analisados, oportunamente, em "*Cepa Esquecida*".

E, no que toca aos caboclos ilustres, acrescentemos mais os seguintes, por nós descobertos ou redescobertos em nossas incessantes buscas nos livros e documentos: Pedro Alexandrino, Marcos de Macedo, Marechal José de Abreu, Plácido de Castro, Almeida Júnior, Joaquim Murtinho, Paula Ney, Santana Néri, Brandão de Amorim, Campos Salles, Café Filho, Tavares Bastos, Hugo de Carvalho Ramos, Silva Jardim, Xavier Marques, Anita Garibaldi, Visconde de Abreu, Augusto dos Anjos, Teófilo Dias, Gal. Gomes Carneiro; Conselheiro Crispiniano, Barão do Rio Verde, Heitor Vila-Lobos, Júlio de Castilhos, Mário Mello, General Thibrício, Visconde de Ouro Preto, Clóvis Beviláqua. Álvaro Maia, Xavier da Silva, Manoel Ribas, Pangot de Souza, Dom Aquino Correia, Erico Veríssimo, Júlio E. Moreira, e muitíssimos outros, já falecidos, ao lado vivos: Aldemir Martins, Theóphilo de Andrade, Djanira, Aurelíano Leite, Eleazar de Carvalho, Théo Brandão, José Mauro de Vasconcellos, Irmãos Vilas-Boas, Fausto da Cunha, Abreu Sodré, Juscelino Kubitschek, Jorge Amado, Senador Theotônio Vilela, Jânio Quadros, Gal. Nelson de Mello, Gal. Ayrton Tourinho, Gal. Quandt de Oliveira, Reis Vellozo, Roberto Campos, Gal. Octacílio Terra Ururai, e infinidade de militares, políticos, cientistas, artistas, escritores, professores e demais setores da atividade humana.

São, todos, fatos comprovados, como dissemos, por mais abrasivo e insultada que possa parecer a nossa iniciativa, pelo mundo da História e da Antropologia Étnica.

Em cada caso, a proporção que formos avançando, irão sentindo, os leitores, a fôrça e inegável objetividade dos comentários do livro, devidos, repetimos, à patriótica conclamação de Mestre Gilberto Freyre.

O SIGNIFICADO DE 13 DE MAIO

Crônica de Guaraci Paraná Vieira

Bom dia, amigos.

Ofetenta e oito anos passados e no Brasil a Lei Áurea era assinada pela Princesa Isabel, redimindo nossa Pátria de uma das mais feias manchas que empanavam sua história de nação fraterna e livre.

A Abolição da Escravatura representou o coroamento feliz de uma longa e abençoada campanha desenvolvida pelos abolicionistas, que num trabalho intensível foram conquistando, gradativamente e sem violência, o direito de liberdade e igualdade para os irmãos negros, libertados de um cativeiro infamante e reconduzindo-os ao mesmo nível dos brancos, eliminando uma discriminação odiosa, que a ganância e a prepotência haviam imposto à nossa Pátria.

Hoje, ofetenta e oito anos depois dêsse ato memorável da Princesa Isabel, que, sem temer as advertências de que a abolição poderia abalar os alicerces do Império, assinou a lei que representou outra independência ou a verdadeira consolidação da independência do povo brasileiro, nos mesmos num clima inovjável de igualdade total perante a lei, negros e brancos, irmanados num mesmo ideal de patriotismo.

O dia treze de maio passou e foi incorporado à outro rol, como um dia de liberdade e fraternidade, inclusive foi feriado nacional, durante muito tempo, enaltecendo, dessa forma uma das mais belas conquistas democráticas da nossa história de povo independente.

O braço do homem de côr, agora livre, continuou trabalhando, ajudando, em prol do nosso progresso. Sua inteligência lúcida e seus sentimentos nobres são iguais aos nossos e jamais a barreira da cor representou obstáculo ao perfeito entendimento de irmãos que somos todos nós, unidos sempre em tôrno dos mesmos ideais.

Eis porque, relembrando o gesto nobre e cristão da Princesa Isabel, assinando a Lei Áurea, queremos abraçar todos os nossos irmãos libertos pelo seu ato de justiça, almejando que, numa nação fraterna, continuemos juntos na fusão das raças e das cores, que nada significam diante das leis de Deus, construindo um Brasil cada vez mais feliz e democrático, onde nenhuma barreira impedirá a conquista das nossas mais caras aspirações de povo cristão e soberano, pacífico e ordeiro, onde todas as raças e cores se diluem na cor única da brasilidade.

PLAGIOS E GENIOS

João Alves Pereira
(Do Centro Cultural Euclides da Cunha)

O dicionarista define plagiar, também, "imitar literariamente". Nem sempre. . .

Os críticos, em todos os tempos, quando foram distinguidos para opinarem sobre trabalhos literários, não raro em tôrno de obras de bem dimensionada cultura e arte, gravaram seus pareceres, afirmando que foram escritas com "arte e engenho".

Merecido, o conceito.

Na verdade, o trabalho literário, seja em prosa, seja em verso, rimado ou não, impõe arte e engenho. Pois, neste campo da arte há um dever que desafia o autor para construir algo seu, escolhendo o material vocabular com arte para não ser envolvido nas frases feitas, que se assemelham ao plágio, mesmo indicando rumos diferentes de idéia.

Fala o velho tipógrafo. Considerando seu mais de meio século de leitura de jornais, revistas e livros. Confessa de que fica sempre admirando o milagre que a caixa de tipos realiza com suas vinte e cinco letras fundamentais, compondo material vocabular, em língua portuguesa, da ordem de mais de oem mil vocábulos, desde os mais simples aos mais eruditos, propiciando os elementos com que contam os construtores dos monumentos literários, que consagram a arte literária no Brasil e Portugal. É o milagre da caixa de tipos e dos criadores da língua. São vinte e cinco letras que compõem as milhares de palavras, as quais os autores empregam em seus trabalhos, ficando todos, sem excepção, cingidos aos vocábulos encontrados em outras obras, sem que tal possa ser considerado plágio.

Interessante é conhecer como certos autores empregaram as mesmas palavras nas teses de seus discursos, de sentidos inteiramente diferentes e, em épocas e em lugares diferentes.

Esta ainda na lembrança dos homens atuais, um episódio que foi largamente divulgado pela imprensa, quando Churchill, no parlamento inglês, dava conta da sua gestão de 1º Ministro, nos dias sombrios da última grande guerra, disse ele na sua mensagem: "... por enquanto só a noticia do sacrifício sofrido com *suor, sangue e lagrimas* "naquela luta. E agora uma coincidência. Em um discurso do consagrado poeta brasileiro Olavo Bilac, também, lemos as três figuras de palavras entrelaçadas. O fato. Aconteceu que o poeta — num discurso de alto patriotismo, saudando os estudantes do Paraná, no dia 17 de novembro de 1916, na Universidade do Paraná, no contexto daquela obra primorosa, afirmou: "Quando desaparecerem da terra, pela terra, ficaremos; não com os nossos nomes passageiros e com as nossas fisionomias fugitivas, mas com o *suor*, o *sangue*, as *lagrimas* que tivermos deixado sobre este solo. . ."

Sao as coincidências na arte literária.

Estas coincidências fazem com que o autor, na alfição de construtor de obras literárias — estenda suas vistas ao panorama imenso sôbre o qual estão mais de cem mil caixas de palavras, e, num vôo alçado pelo pensamento e apoiado na inteligência e sentido estético, busque, com amôr, as joias vocabulares com que dá rara aos leitores intelectuais. Em vôo fulgurante assim, se alçou Manoel Odorico Mendes. Este autor traduziu a "Ilíada" de Homero. O trabalho, na apreciação do Prof. Silveira Bueno, é a mais fiel interpretação publicada em língua portuguesa.Odorico Mendes cumpriu um verdadeiro trabalho de missionário, considerando que o autor teve que amalhar, com muito raciocínio, o sentido exato de cada palavra para ajustá-la ao pensamento de Homero, no canto descritivo da luta na guerra de Troia, pois a figura vocabular devia dar a imagem e a métrica dos versos com a perfeição condizente com o famoso poema.

Os autores citados apoiam a opinião de que o plágio é discutível, especialmente na coincidência de figuras de palavras, e é por isso que os críticos consagram o autor que escreve com arte e engenho.

Como ponto final: o tipógrafo compõe as palavras, — a construção com as palavras é o ideal magno do intelectual.

BIBLIOGRAFIA

MANUELITA SÁENS (La Mujer Providencia de Bolívar), GÊNESIS DEL SER, LUIS ALBERTO VALENCIA, obras de G. humberto Mata, Cuenca, Ecuador.

G. humberto Mata é um glorioso veterano das letras contiantinais. Sempre se preocupou com sua gente e sua Pátria. Lembramo-nos ainda de *"Sumag Allpa" "Sanaguin"* e outros portentosos livros de sua já rica e variada bibliografia.

Em *"Manuelita Sáenz"*, ele, em conscienciosico, eloquente e substancioso trabalho biográfico, trata de pôr em relevo a personagem histórica, que tanto inspirou e ajudou o Libertador da Nova Granada, o imortal Bolívar.

Interessante é que G. humberto Mata: não trepida, em são e lucido discernimento, em considerá-la "la Mujer Estable y Fija en los tropezones y deslices del enamoradizo sino de Bolívar". Eis aí, num belo e feliz apanhado da vida agitada de Bolívar, a sagração máxima da companheira e da visionária, que sempre soube nortear os feitos do magno paladino histórico.

Livro que todos deviam ler e recomendar a outros.

GÊNESIS DEL SER é produto de outro gênero, de fundo epistemológico, de auto-reconhecimento do poeta, de suas ligações com o cosmos e os destinos, enfim, ensaio de natureza onto-beletrística, como raramente se nos apresenta. G. humberto Mata sabe o que quer, donde prometa e, seus perpetuos criadores impulsos, que pretendem e a onde se dirigem.

Como poeta, G. humberto Mata nada fica a dever ao ensaísta, biógrafo, sociólogo e Mestre das gerações.

Finalmente, Luis Alberto Valencia é um hino em louvor do excelso espírito, que se transformara na "Alma *voirna de la canción ecuatoriana"*. Aquele compositor e homem de letras que, em nosso artigo em castelhano, publicado no Equador, dissemos "vivirá eternamente em sus composiciones y ejecuciones, pues ellas representan al Pueblo: identificándose com mayor autenticidad y brillo propio, lo acepten o no los eternos rastacueras de la cultura hispanoamerindia o latino americana".

Y Mata nos ajuda com esta bela e espontânea sentença: "Ya que tus CANCIONES DEL ALMA hicieron más por La Cultura Ecuatoriana que todos los libros que nosotros publicamos". Esplêndido livro, o de G. humberto Mata !

CRUZ E SOUZA e EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL, do Prof. Artur de Almeida Torres, Rio, Livraria S. José.

Artur de Almeida Torres, o Mestre consagrado e incontestável, nunca cessa de produzir obras de luminoso saber, elegante estilo e critério metodológico dos mais adequados e justificáveis.

Sempre a ele nos referimos, como ponto de partida, qualquer o gênero que se nos antolhe, no setor de sua predilação: Filólogo, biógrafo, orador e professor de várias gerações, cada nova obra que dele aparece, é certo estarmos sendo convidados a magníficas lições e modelares preceituações.

"Cruz e Souza" (aspectos estilísticos) é um exame em profundidade das qualidades características do "Poeta Negro", mas estudado, agora, sem muita preocupação com aspectos étnicos da época, mas um estupendo apanhado da imagística de Cruz e Souza, que outros já deviam ter estudado. Destarte, o livro é também guia seguro e de utilidade para os estudiosos e estudantes, acrescido ainda de pequena antologia do poeta simbolista.

"Cruz e Souza" faz mais por nossa língua e literatura que muitos tratados da nova tendência afronegra, desencadeada das costas d'África, sequiosa agora de mostrar suas qualidades, naturalmente exageradas.

Em suma, livro cem por cento específico, objetivo, sem preocupações: ipologéticas de outra índole !

No trabalho sôbre o PORTUGUÊS NO BRASIL, o Prof. Artur se mostra conhecedor do assunto, de ampla visão e sereno auto-domínio, coisa rara nos nossos entusiastas, que só sabem repetir as toletinadas e contrassensos doutem, já consagrados. Ora, em nosso vocabulário brasileiro, as origens ainda estão sendo estudadas e não podem constituir *auto de fé*, a ser imposto.

Nossos paraléns ao Dr. Artur !

"OS ESTUDOS ARÁBICOS EM PORTUGAL", "NOTAS DE TOPONÍMIA", "OS MAIS ANTIGOS ARABISMOS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA", "MOSSE BELTRAN DE CLAQUIM", "UMA PROPOSTA PARA A IMPRESSÃO DO "CANCIONEIRO DO COLÉGIO DOS NOBRES", do Prog. José Pedro Machado, Lisboa, Portugal. O Prof. José Pedro Machado é, sem favor, o mais autorizado Mestre da língua arábica nos domínios de Portugal e Brasil.

Pesquisador emérito das peculiaridades do ramo camito-semítico, compulsador ágil e experimentado dos textos de tal origem, enfim, filólogo e linguista de incessante e competente busca nas fontes documentais e no convívio das pessoas, as suas descobertas ou conclusões se revestem, geralmente, de todas as formalidades exigidas pelos mais autorizados cultores de tal idioma ou família de idiomas.

Nos escritos acima, ficamos perfeitamente compreendendo porque, na linhagem de Frei João de Souza, Gonçalves Viana e David Lopes, se salienta a grandeza de energias e atitudes do Prof. José Pedro Machado, atitudes ininterruptas, a base da documentação e da aprendizagem oral, atitudes, por demais conhecidas, orientadas no sentido de ser útil e valioso ao conhecimento humano e à aproximação entre os povos. *"Di Mani amigos Arabismos da Língua Portuguêsa" e "Os Estudos Arábicos em Portugal"* nos apresentam um interessante resumo do mundo Português, no sentido da solução dos problemas de sua toponímia, expressões comuns e minuciosidades, referentes ao falar quotidiano e regional.

Os demais nos oferecem outras facetas de sua bem estruturada cultura: reconstituição histórica da identidade de personagens, impressão de Cancioneiros de nomeada, etc.

O Prof. Machado é, sem dúvida alguma, o Mestre dos Mestres da língua arábica, em terras luso-brasileiras.

LUMDUM versus LUNDU, SAMBA (Origem), de Batista Siqueira, Rio.

Outra notável personalidade, não cháo do folclore, musicologia, sociologia e outras secções da cultura, é o Snr. Batista Siqueira.

Seus livros são inúmeros e sobre eles já nos pronunciamos: *Influencia Ameríndia, Mulinhas do Passado, Ernesto Nazaré na Musica Brasileira, Três Vultos Históricos da Musica Brasileira, etc.*

O Prof Batista Siqueira, valendo-se de seus conhecimentos de musicologia e folclore, examina os dois vocábulos, ás suas vicissitudes nas senzalas e salões, e, após comparações e confrontos, conclui pela negativa, no que concerne à paternidade bruta e simples da escravaria de outrora.

Estamos de acôrdo com o emérito Mestre, principalmente, quando nos chama a atenção para o processo de usurpação e apropriação, sem exame prévio, empreendido pelas chamadas autoridades em matéria de afronegrismo. Temos verificado verdadeiras barbaridades: orango-langu, catinga, cangica, etc, como palavras de origem africana. Houve um na Bahia que acrescentou até a palavra CAJU!

O Prof. Siqueira é sereno, meticuloso, de frases judiciosas, porém sensatas.

Felizmente, ainda temos alguém que se não deixou absorver pelas baboseiras que consideramos de países ainda sub-alimentados, culturalmente falando.

O que já é algum consôlo !

LOS VERDUGOS DE BEATRIZ, de Zoraida Maechler, Guayaquil, Equador.

A autora é bem conhecida das letras equatorianas. Seus romances demonstram muita sensibilidade, simplicidade e delicioso poder de comunicação, que muito prende o leitor. Assim sendo, não admira que, numa linguagem adequada e dinâmica, esteja sempre tratando de problemas modernos, referentes ao sexo feminino. Desta vez, o caso escabroso e, diremos, nefando da ABÓRTO, que ela nos mostra, com todas as nefastas consequências, que origina para as moças e mulheres, ai representadas por Beatriz, que por todos é perseguida, até por sua própria mãe.

Que portentoso e didático livro, êsse de Zoraida, escrito pela mulher e para a mulher, em meio às vicissitudes da vida !

BIOGRAFIA DE VILA VELHA, Ponta Grossa, de Lourival Santos Lima, F. Michaele e Olavo Soares.

Vila Velha, a mágica cidade de pedra, onde cada rocha e cada vegetal parecem conspirar para tomá-la mais e mais misteriosa e digna de se lhe traçar o perfil, agora já o tem, através da obra acima.

Por iniciativa de Lourival S. Lima, foi o livro elaborado, tendo-se em vista, além da descrição da belezas naturais, também o ambiente humano da região, a começar pelo índio, mestiço, negro e branco, Entretanto, é óbvio que o índio pesa mais, pois que estamos remontando às mais primitivas eras. Finalmente, vem um poema interessante, visando a chamar a atenção para o caso da poluição vegetal e animal, o que torna o livro mais atraente e substancioso, ainda. Muitos autores já se manifestaram sôbre o mesmo, pondo em destaque o encanto de suas páginas, talhadas, parece, para plena permanência no terreno das obras literárias.

TEMPO MORTO E OUTROS TEMPOS, e o BRASILEIRO ENTRE OS OUTROS HISPANOS, de Gilberto Freyre, Rio, 1975.

Quando se fala em Gilberto Freyre, o que, logo, se experimenta é uma sensação indescritível de curiosidade, confôrto e superioridade de vistas, como se fôramos ter a presença da cultura propriamente dita, travestida de talento, impulso criador e modêlo exemplaríssimo de cívico-patrotismo, no que a palavra tem de mais requintado.

Sim, o genial polígrafo, que deu novos Brasis ao Brasil, não se cansa de escrever, e não se cansa de tentar levar-nos às nossas origens, para que não mais nos *aposte-femos atrevidamente*, denunciando apenas fraquezas, opróbrios e negativismos a tôda prova.

Já vai longe o tempo de procurarmos deprimir o que é nosso, para salientar o estranho. O Brasil, agora, estamos certos, não mais necessita de experiências alheias ou ideológicas superadas, a tentar impor-nos extemporâneas teorias e escravizadores desígnios.

TEMPO MORTO E OUTROS TEMPOS E O BRASILEIRO E OUTROS HISPANOS são dois livros que nada ficam a dever aos precedentes.

O primeiro é um delicioso e original escrito, que tem em vista rememorar, recordar e reviver passagens muitas da vida do escritor, (1915 - 1930), apontando experiências, encontros e vivencias, quando na Europa e em pleno Nordeste, mas que, apesar dos pesares, ainda tem fluência nos tempos atuais, pois o homem, fundamentalmente, é o mesmo. Sim, pois até o fenômeno assoberbador da inflação já existia e levava tudo de vencida. . . E o maravilhoso perfil que traça de Nietsche? E a estada em Berlim, com o julgamento da arte? E a aptidão sexual da americana, junto à francesa, mas que é mostrada, corajosamente, como muito mais libidinosa? E seu pronunciamento sôbre Proust, Joyce, Vargas Villa e Ingenieros, estes dois, medíocres, e que no Brasil ofuscavam os nomes de Barroja, Ortega, Unamuno, Azorín, Valera, Galdós e outros?

Livro, portanto, de muitas surpresas e imprevistos, mas também de muitas sentenças condenatórias, que os verdes anos do autor, absolutamente, não impediam, nem desvalorizavam.

O BRASILEIRO E OUTROS HISPANOS, que foi lançado depois, é, no entanto, um vigoroso ensaio sôbre a nossa particularidade psico-sócio-política, que os sabios da pretensa brasilidade não admitem. Ora quer queiramos, quer não, somos tão hispânicos quanto outros países, na mesma situação.

Portugal, tanto quanto a Galícia ou a Catalunha, é, de fato, parte da Hispânia ou Península Espanhola. No Brasil, seu mundo espiritual conhecemo-o índio e o negro, além de outros elementos étnicos. Portanto, predominantemente, somos um país hispânico (língua, instituições, costumes, um tanto, etc.), em que, a primitiva costituição etno-psíquica se viu recheada de novos elementos, da noite para o dia. Dizer, porém, que somos um país afronegro ou da Negritude, eis aí uma tolice, que não cabe na cabeça de ninguém, pois que, mesmo racialmente, o negro não chega à maioria da população. Nem somos índios, tão pouco.

Temos de tudo, e aqui está a originalidade do brasileiro.

Mestre Gilberto estuda até o tempo, em função da hispanidade, as relações gerais nos trópicos, afinidades, contrastes e *possíveis futuros* nas suas interrelações, a propósito de hispano e da sua ciência do homem em geral, os modernos estudos sociais e da contribuição de hispanos para um sentido mais humanístico em tais estudos, e outras coisas mais.

Vê-se, claramente, que Mestre Gilberto, dentro de seu fabuloso conhecimento do homem e do mundo, não raro, nos brinda com grandiosas e sólidas criações e descobertas, como a lusotropicologia, por exemplo, intuição, sem dúvida, oriunda dos cabedais ibéricos, em que, a sua genialidade se embebeu e enriqueceu, sobremodo, para espraiar-se, convenientemente, quando em confronto com outras experiências. Efetivamente, os anglos tiveram experiência diferente, porque não souberam (como ainda não sabem) separar *cultura*, do ponto de vista de espaço e tempo, das precariedades de outras situações, onde se terá, asseguramos, de começar, de novo. E claro que não estamos pregando a impossibilidade da transmissão de traços culturais e complexos inter-étnicos, mas, tão somente, mostrando que, também, os afronegros, com Senghor à frente, não se cansam de asseverar que cultura é também raça, em aberto desafio ao Brasil e sua história.

Grandes e ricos livros, os de Mestre Gilberto Freyre!

AS CAVALHADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL, por Mário Gonçalves Viana, Lisboa, Portugal. O Prof. Mário Gonçalves Viana é um espírito verdadeiramente privilegiado.

Tem livros sôbre quase todos os assuntos: educação, filosofia, história, folclore, etc. Através de sua obra, procurando ser um divulgador tanto quanto um autor de muita originalidade, êle sempre se mostra em dia com o avanço das ciências e de posse de invejável cultura, que, assim, se integra na massas e esclarece o por que de muitos problemas.

No presente volume, ele tenta um ensaio de história comparada, o da cavalhada, que vem da Idade Média, e se desenvolve rapidamente na luta com os Mouros, ao mesmo tempo que, também, é transplantada ao Brasil, onde recebe caráter de perpetuidade, através dos costumes, hoje recanto florido do folclore.

O autor expõsa um ponto de vista que consideramos básico e cheio de palpitantes sugestões, qual o de que a comum cultura luso-brasileira deve ser resguardada de vícios e deformações estranhas, pois que representa a vitória da operosidade lusitana em terras do Novo Mundo.

É também de profundo pendor e graciosa disposição de novas criações e perenes propósitos, no sentido da preservação dos nossos ricos e sensibilizantes valores culturais, cada vez mais, sujeitos aos governos e seus auxiliares.

Tudo depende, agora, da boa orientação, e está em nós, em nossas campanhas e movimentos, patrocinados pelos governos, quando dignos de tal.

UMA VIAGEM CIÊNTIFICA NO BRASIL E NA ARGENTINA, por Ruy Noronha Miranda, Curitiba.

O magnífico trabalho que assim se denomina, já noutra ocasião, recebeu o nosso elogio, justo e objetivo, pelo conteúdo que apresenta.

Hoje, vamos renovar o aplauso, porque se trata da edição inglêsa ou em inglês, do mesmo.

Trabalho denso, compacto, fundamentalmente didático, objetivamente cuidado e expressão, enfim, é uma monografia sôbre a Hanseníase, com documentações e provas claras de contacto direto, realizado em meses e anos de tratamento, mas também, com informações e dados concretos sôbre as jornadas na Argentina e no Brasil. Realmente, contribuiu muito lucrou a ciência e muito se engrandeceu a cultura, conforme nôslo comunica o Prof Ruy Noronha Miranda, conspícuo especialista na matéria e Professor na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.

O Dr. Ruy é nome conhecido até mesmo fora do País, por isso, muito nos alegrou que houvesse sido traduzido o seu trabalho, que, destarte, lhe conserva o nome e aumenta o prestígio em terras de língua inglesa e, mesmo, no Exterior em geral, pois o inglês é falado e lido no mundo todo.

BIBLIOGRAFIA - (Continuação)

EL PERIQUILLO SARNIENTO y MARTÍN FIERRO (Sendas Semblanzas Sociológicas de México y Argentina), México, 1.966, por Fortino Ibarra de Anda e Manuel A. Casarteli.

O livro acima é dos mais curiosos e instrutivos, pois estabelece um paralelo entre 2 obras primas, uma do México e outra da Argentina.

Os autores põem muita fé e entusiasmo no confronto, embora deixeiam das "camarilas de favoritos" e "torres de marfil", sempre a atrapalhar os escritores de algum tema original e sugestivo.

PERIQUILLO era o herói que pregou mil peças e viajou, no século XIX, por todo o globo, ao passo que MARTÍN nunca deixou a Argentina, e sua ação se passa nos pampas indômitos.

Mas, apesar de tudo, em linhas de extraordinária versatilidade e lucidez infinita, os dois nos procuram convencer da luta admirável que ambas as personagens empreenderam e acabaram por vencer, para o supremo bem-estar de suas Pátrias. Com efeito, o estilo que os autores empregam é o mais límpido, claro e sugestivo possível, nada aí faltando, a começar pelo pitoresco do enredo, a imaginítica e as figuras gramaticais, que se vão multiplicando, à proporção que se dinamiza o poema de Martín Fierro e a novela de Periquillo Sarniento.

El Periquillo foge às injustiças sociais, bem assim, Martín Fierro, que se confina no ermo, convivendo com os índios e levando de vencida mil tropeços em semelhante caminhada, longe da civilização e dos artificialismos.

Nossos parabéns aos dois dignos filhos do México e da Argentina!

TATA NDI NDE PUHAREPE e EVOCACIONES DE LA ASUNCIÓN, por Antonio Ortiz Mayans, Buenos Aires e Asunción.

São dois livros interessantes, pitorescos e cheios de novidade linguística, para os leitores das outras partes da América.

O primeiro significa, segundo o autor, *"Lámpara en tu Noche"*, e abrange adágios, frases de homens célebres, poesias breves, chistes, todos traduzidos ao guaraní, língua privilegiada do Paraguai, fronteiras do Brasil, cinco províncias da Argentina e uma da Bolívia.

Realmente, para quem lê ou está estudando guaraní, não há trabalho mais didático e bem estruturado que o presente. Nunca fomos dos negativistas, que tudo atribuem às línguas "civilizadas" e tudo pretendem que não exista nas chamadas línguas selvagens ou bárbaras. Já escrevemos *"Tupi e Grego"* e aí provamos que o primeiro tem tudo para igualar-se ao último.

"Evocaciones de la Asunción" já é composição literária do gênero memorialista, em que, uma a uma, se vão rememorando as ceras, paisagens e paisagens de Mãe de Cidades, como é conhecida Assunção.

Hoje, já não poderá falar assim, quem nota o maravilhoso e dinâmico progresso do Paraguai, que, com seus três milhões de habitantes, somados aos cinco e tanto da influência da língua guaraní, constitui, sem dúvida, um potencial extraordinário para prestigiar a participação paraguaia em monumentos colossais, como Itaipú, por exemplo.

Antonio Ortiz Mayans é pena ágil, respeitada e sumamente produtiva, nos diversos setores da literatura. "Cantos Nuevos", "Dicciónario Español-Guaraní", "Sorazabal, su Vida y su Obra"; "Entre-Rios, la Bien Amada", etc.,

CAMINHOS DAS COMARCAS DE CURITIBA E PARANAGUÁ, HISTÓRIA DA MEDICINA NO PARANÁ, VIEIRA DOS SANTOS E A SUA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO FOLCLORE DO PARANÁ, ELEODORO ÉBANO PEREIRA E A FUNDAÇÃO DE CURITIBA À LUZ DE NOVOS DOCUMENTOS, por Júlio E. Moreira, Curitiba.

O falecido Prof. Júlio E. Moreira foi um incansável devassador de arquivos e documentos, livros e revistas, enfim, passou boa parte de sua preciosa existência a procurar esclarecer as nossas origens e estabelecer conceituações novas a respeito do homem e da sociedade. Sózinho compôs o monumental *"Dicionário Bio-bibliográfico do Paraná"*, como praticamente contando apenas com a disposição invejável para a luta e o talento e preparo, básicos em tudo, que adquiriu nos anos de vida liberal, do professorado e convívio entre intelectuais, ele acaba de nos legar essa portentosa *"Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá"*, em 3 vls., material de primeria mão, que desfaz anteriores e posteriores asseverações de pretensos historiadores e nos equipa para respostas prontas e decisivas, qualquer o setor histórico que se nos apresente. Obra de Mestre e empreitada reconfortante dos que ainda acreditam nos seres privilegiados, que só trabalham para engrandecer a espécie humana.

"Eleodoro Ebano Pereira" e *"Vieira dos Santos . . ."* são outros dois trabalhos de ação, observação e integral reposição das figuras históricas em seu devido lugar. Foi em Atuba que Curitiba começou, diz o Autor, e o prova, profusamente, em estilo cristalino, fluente, de comunicação relativamente didática, apesar da linguagem dos documentos compulsados, enfim, monografia exemplar, sintética e de absoluta objetividade, o que mais recomenda o historiador.

"Vieira dos Santos", finalmente, em palavras claras, límpidas, simples e do momento, Moreira nos põe ante os olhos toda a gama espantosa de vocábulos e expressões tanto indígenas como regionais (muitas, verdadeiros arcaísmos), que existem na zona do litoral e já lembradas pelo renomado intelectual que foi Vieira dos Santos. Obras como as do Prof. Moreira, sem dúvida alguma, desafiam os séculos e enquanto existir o nosso idioma, o nosso fetrol paranismo e a indescritível vocação histórica, em seus vários setores, até aí viverá a construção, bem alicerçada e livre de percalços, do Prof. Moreira.

JACQUES MARITAIN Y EL PROBLEMA DEL MAL e SOBRE KIERKEGAARD Y EL EXISTENCIALISMO, por M. A. Raúl Vallejos, Santa Fé, Argentina.

O Prof. Raul Vallejos já é nosso companheiro, há mais de trinta anos, principalmente em estudos filosóficos e físico-epistemológicos, como se poderá ver pelo artigo que estamos incluindo neste número.

Mas, o seu valor, cultura e idealismo incontestável, geralmente, são percebíveis em cada monografia que nos remete, como as duas que citamos acima.

No trabalho sôbre Maritain, o autor se nos revela um espírito capaz de conduzir o exame de textos, sem nenhuma preocupação de ordem subjetiva, avassalante, de zeloso exclusivismo. Ao contrário, não obstante versar, noutros pontos, temas de filosofia matemática e física em suas relações com o problema do conhecimento, ei-lo, aqui, se dedica ao problema do mal, na obra de Jacques Maritain, líder do movimento católico e, sem dúvida alguma, uma das mais robustas cerebrações da cultura atual.

Mas, como dissemos, é uma análise ponderada, bem discriminada, profundamente refletida e meditada, antes de ver a linguagem dos tipos, e o mal e a caminada de todos os pontos de vista e critérios, com numerosas citações e ilustrações. Bom filósofo que é, o autor nunca se deixouida das metas palavras, de que as ideologias inúmeras da atualidade, vez por outra, se aproveitam para fazer os seus catecismos religiosos, econômicos, políticos, etc.

Como pensador, Vallejos pensa por sua cabeça, sem nenhum compromisso com escolas ou correntes, desta ou daquela coloração ou linha de conduta.

De Maritain disse algo que bem define o seu pensamento: "En primero lugar, existe el tiempo físico en el mismo mundo de las cosas materiales y que tiene el atributo característico de la sucesión de sus momentos y queda encerrado en el propio ámbito del universo externo. Por el otro camino, existe la Eternidad divina, en que tiene el atributo fundamental de su atemporalidad y que tiene la virtud de contener o tener presente al tiempo físico.

. . . . . Se trata en todo caso, como lo afirma el distinguido filósofo, de un misterio propio de la infinita transcendencia de Dios".

A respeito de Kierkegaard, o filósofo do existencialismo, temos um estudo bem porém penetrante e satisfatório do dinamarquês, que, após confrontos, comparações e sistematizações correntes, em que se lembram Sartre, Heidegger, Jaspers e outros membros da escola, o autor chega à conclusão que todo esse notável e desconcertante material, sem que o experimos, leva o pensamento de Kiekergaard ao teológico e religioso, o que está assim redigido: "Eso resulta lo más elemental del conjunto de sus razonamientos y cuando trasciende para ser analizar el problema del pecado, se penetra entonces en un ámbito de carácter teológico o religioso donde se van diluyendo, paulatinamente, los límites de un concreto pensamiento filosófico"

Assim, o filósofo do temor e da angustia termina seus dias tão metafísico, místico e teológico quanto qualquer de seus antagonistas de tais linhas de pensamento.

Vallejos é um analista como poucos, no setor das coisas do pensamento filosófico.

NOSSA SENHORA DO DESTÉRRO, por Oswaldo Cabral, Florianópolis.

O Prof. Oswaldo Cabral, abalisado historiador, folclorista e sociólogo, continua a sua luminosa bibliografia, que abrange já mais de cinquenta obras de prol, qual a qual mais fascinante, interessante e, mesmo, para nós, providencial: medicina, história, folclore, antropologia, arqueologia, viagem, discursos, etc.

Mas, esta obra, que agora temos na mesa, *"Nossa Senhora do Desterro"*, em 4 vls., nos conta a história toda de Florianópolis, desde os mais remotos tempos, com lances sensacionais de colonizadores e sertanistas, missionários e piratas, encontro de raças e de culturas, de litorâneos e habitantes do Interior, enfim, todos os costumes e tradições que a geografia, o clima, a divisão territorial e própria convivência dos homens estava a exigir da capital insular.

É claro que o mais desalumbrante da descrição se acha tomado pelo chamado ramerrão da Capital, com seus prédios, ruas, praças e vida comercial e industrial, além da política e do mundo cultural, porções em que se foi estruturando a hodierna vida citadina, com novos empreendimentos e novas transformações, todos os dias.

NOSSA SENHORA DO DESTÉRRO é instrumento de perpétua aplicação, já na consulta para fins vários, já como glorioso, honroso e imprescindível vade-mecum, da ordem universitária, ou, ainda, como séria, comedida e objetiva contribuição para conhecimento do Brasil e progresso da ciência, em qualquer círculo que se nos depare.

Ao Prof. Oswaldo Cabral, espírito requintado e cordial, os nossos agradecimentos pela remessa de tão valorosa obra.

OS PIONEIROS AMERICANOS NO BRASIL, por Frank P. Goldman, Pioneira. S. Paulo.

A história dos imigrantes americanos em terras do Brasil, empreendida em tempos do Império, não estava ainda bem contada.

É em Americana, Est. de S. Paulo, que se encontram, hoje, os resultados positivos de tão espontâneo quão benéfico afluxo das populações do Sul dos EE. UU., após o término da Guerra Civil Americana.

Sabíamos de seus feitos e êxitos de várias ordens, mas não tínhamos ainda uma visão de conjunto, elaborada com paciência e conhecimento de causa, pelo emérito, dinâmico e agradável sociólogo e historiador americano, Prof. Frank P. Goldman.

Daqui para frente, podemos dizer que estamos de posse de tudo quanto fizeram os altivos e corajosos imigrantes, neste mais de século de colonização.

Em linguagem adequada, Goldman vai, de maneira encantadora, nos informando do que faziam lavradores, educadores, médicos, engenheiros, negociantes e até escritores, no novo lar, que, por sinal, ainda tinha escravos. Muitos deles, é claro, fracassaram, outros venceram, e; finalmente, outros se integraram plenamente no ambiente luso-brasileiro, onde, hoje, a muito custo, conseguimos identificá-los: Carr, Carter, Burton, Ellis, Cook, Cobb Emerson, Mills, Gates, Newman, Gunther, Harrison, Green, Holland, Johnson, Mason, Pierce, Penn, Oliver, Perkins, McCann, Miller, Smith, Radcliff, Wright, Weaver, Turner, Thomas e outros nomes são comunissimos na população brasileira, onde se observa, igualmente, influência inglesa: Mérger, Stanways, Withers, Bond, Wood, Pugsley, Smyte, Fowler, etc.

O célebre Mackenzie foi fundação norte-americana dessa origem. Em tudo, pois, o colono aproveitou o ensejo para aqui ir construíndo um segundo lar, em terra quase virgem, pois, até começos do século XX, ainda viamos nos mapas paulistas e de outros Estados: região desconhecida, índios, etc.

Daí, de certo modo, podermos afirmar (graças ao Prof. Goldman) que o papel dessa gente foi admirável, de *pura-sertão* incontestável, mesmo, de solidariedade do avançado padrão deles com o ermo e desolação que enfrentavam.

Em terra de bandeirantes, os colonos foram novos sertanistas!

Este, o primoroso, consciencioso e, acima de tudo, verídico depoimento do Prof. Frank P. Goldman, à base de estudos, documentos e investigações *in loco*.

ACQUA DI SORGENTE. (Liriche), por Carmine Manzi, Morinielo, Itália.

Carmine Manzi é o nome de um poeta italiano, que, como nós, se dedica ao intercâmbio intelectual, pois é o Diretor de "Fiorisce un Cenacolo", revista internacional de letras, ciência e arte.

É literato de fino estro e maravilhosa inspiração, surgindo tôda em composições líricas de encantador feitio e imaginítica. Luminoso nos repentes, impulsivo na liberação apaixonada da matéria, tocante e fecundo na elaboração de coplas de vário sentir, em duas palavras, sensível, culto, seleto e de estrofes bem ordenadas, foi o que dele disse Anna Lo Monico Aprile, sua judiciosa patrícia.

Tributo-o, pois, aos nossos grandes regeneradores, Carmine canta sua Pátria e seus habitantes, unidos por mágico e indescritível elo.

Carmine, que prossiga em seu dignificante propósito, qual o de aproximar os povos e os espíritos!

OBRAS I, QUE SE EXALTE EM CADA MESTRE UM SONHO, "MALLARMÉ", por Eramo Pilotto, Curitiba.

O Prof. Eramo Pilotto, o genial filósofo, pedagogo e sociólogo, acaba de publicar várias obras, que continuam a série magestosa de Emiliano Pernetta, De Bona, João Turin, A Educação é Direito de Todos, Problemas de Educação e tantos outros.

Apenas, agora, a filosofia nos visita com simplesmente espantosos ensaios, de genuino filósofo-crítico, com articulações perfeitas e bem estudadas, trazendo aspectos novos e grandiosos nas minúcias já conhecidas, enfim, louvando e atacando, sem qualquer compromisso ou espírito de intolerância, mas, com contribuição objetiva, original e moderada, como convém a trabalhos de semelhante jaez.

Em OBRAS (PEQUENOS ENSAIOS PARA UM HUMANISMO INDIVIDUALISTA, TEMAS DA EDUCAÇÃO DO NOSSO TEMPO E DIREITO À EDUCAÇÃO), Eramo parece até esgotar a temática da educação e da filosofia, pelo menos, no que toca à mentalidade das escolas filosóficas e pedagógicas atuais.

Na parte filosófica, o Prof. Eramo submete a um processo de depuração severa os representantes de diversas escolas e orientações, a começar pela naturalista, passando pela nulista, para terminar na reação anti-naturalista da época presente. Dominda sepsis, incontestável, colhido em obras e meditação, como também no exercício do magistério. São páginas precisas, essenciais, intensas, de uma imparcialidade à tôda prova, com a digna preocupação de delimitar, confrontar, propor e mostrar a linha diretriz, tão necessária quão complexa de tôdas.

*

Daí que, em trabalhos de exposição e crítica, nunca tenhamos tido alguém que não embarulhe as coisas e traga a vacilação e o descontentamento aos leitores. Mestre Eramo é contrário a tudo isso. Aliás, certa vez, em Ponta Grossa, quando, como Secretario de Educação, proferiu a aula inaugural, podemos afirmar que, durante duas horas, leu um dos mais completos trabalhos (de sua autoria), referente às escolas contemporâneas de filosofia, em suas relações com ramo pedagógico.

Foi assim que ele se mostrou aos pontagrossenses e aos alunos da Faculdade de Filosofia.

QUE SE EXALTE EM CADA MESTRE UM SONHO !, menos volumoso, é também prediléção do lúcido pensador, porquanto estabelece uma espécie de monólogo, de muita cordura e pero pitibilidade, destinado a gravar no alumo os ensinamentos da convivência diária, com as reflexões propostas e os resultados mais plausíveis e beneméritos.

Diz ele que, escritas em diferentes épocas, essas páginas pecam pela excessiva mudança de opinião, o que, em boa verdade, julgamos deva correr por conta da modestia do Prof. Eramo, pois que, como logo se percebe, o espírito perscrutador aí se mantém o mesmo, tôda a vida, conquanto as minúcias,

BIBLIOGRAFIA - (Continuação)

naturalmente, variem, com as recentes aquisições e obtenções de cada setor filósofico, científico ou artístico. Se não fôra assim, que diríamos da própria cultura !

Finalmente, MALLARMÉ é reabilitação plena e indiscutível do poeta francês, tão malsinado e incompreendido por seus contemporâneos, por causa do seu rico e agitado simbolismo. Em Mallarmé, diz Erasmo, não era a idéia que imperava, mas a sôde da idéia". Ademais, nunca houve tanta aproximação das formas simbolistas como no presente momento. A mocidade, mesmo a existencialista ou a niilista de outras feições, só se comunica por metáforas ou absurdos monosilábados. . . . .

Razão cabe ao Prof. Erasmo, ao tomar a defesa de Mallarmé, que todos admiramos e reverenciamos.

AYIL Y AYLLU; REALIDAD SANITARIA DE LA PORLACIÓN INDÍGENA DE LA ZONA AUSTRAL ANTÁRTICA, CUATRO CONFERENCIAS SOBRE LOS INDIOS FUEGUINOS, LA NACIÓN O DEFINICIÓN DEL INDIO EN LA RECIENTE LEGISLACIÓN PROTECTORA DE LAS AMÉRICAS, EM MOVIMIENTOS INDIGENISTAS, Y LA REESTRUTURACIÓN CULTURAL AMERICANA, por Alejandro Lipschutz, México e Santiago. O autor é antropólogo consumado, sociólogo de nomeada e conferencista polígrafo, de ordem universitária. Pertence à Universidade de Santiago do Chile, e já produziu, entre outros, o excelente livro *"O Problema Racial nas Américas"*.

Como logo se comprende, trata-se de farta messe de observações e conclusões, realizadas no Chile e Argentina, onde existem alguns remanescentes das velhas e valorosas tribos, que tanto guerrearam os espanhóis e tanto foram perseguidas por autoridades e missionários, cada qual contando a história, a seu modo. Lipschutz constitui, com Rosenblatt e Comas, uma trindade de muita ascendência, no mundo da antropologia, embora, no setor físico, estejam todos muito mal informados a respeito do nestipo indiático, mameluco ou caboclo, como vamos provar em *"Cepa Esquecida"*, de publicação, nestes próximos meses.

Lipschutz é o criador da expressão "hipocrisia racial", para designar o mestiço que quer esconder a sua ascendência preta ou índia, principalmente a primeira.

Entretanto, o eminente antropólogo não se cansa de investigar, e, até, empreender jornadas de muita ousadia e prestimosidade, como é o caso dos índios fueguinos, o que bem diz da sua capacidade e talento observador.

Com Lipschutz, aprendemos todos que, no Chile, existem ainda muitos mulatos, conquanto a primazia caiba, agora, aos mestiços hispano-indígenas.

ANTOLOGIA DE SONETOS PIAUIENSES E POESIAS DE VÁRIOS AUTORES, por Félix Aires, Rio.

Félix Aires, o sereno e insigne poeta e trovador maranhense, tem o condão de sempre realizar trabalhos meritórios e sugestivos de equipe, melhor dirãmos, de associar às suas glórias outros espíritos amantes do belo. Daí que, ao lado dos prestimosos artigos, ele sempre edite coletâneas, seja co-autor de sonetos e, também, bastas vêzes, chegue a lembrar até conclaves, para a mocidade.

Mas, os livros dele, no exato significado da palavra, são inúmeros, como iremos ver. *Burití Bravo, Poema aos Imortais, Ouro Bravo, Apanágio, Relâmpagos*, etc.

Espírito cordial e fraterno, embora um tanto concentrado, êle nunca deixou de apoiar as boas iniciativas. Inspirado poeta, magnífico conferencista, orador expressivo e comedido, em duas palavras, talento ágil, vibrante e insinuante, é sempre, com saudade e carinho, que dele nos lembramos.

Os livros acima, com cuidado e solicitude, apresentam os maiores de poetas do Piauí e os melhores, do Conselho Brasileiro de Letras e Artes.

Noutra ocasião, nos reportaremos a êsses inúmeros e inteligentes representantes da poesia, incontestàvelmente bem selecionados e classificados neste país, onde todos são poetas, dizem os críticos maledicentes.

MITOS Y LEYENDAS GUARANIES, por Alberto Rubio Fuentes, Madrid.
O Prof. Alberto Rubio Fuentes, antropólogo dos mais famosos e prestigiosos, nos envi com amigável e honrosa dedicatória, o belo e substancioso trabalho: *"Mitos y Leyendas Guaraníes"*.

Monografias sôbre tão palpitante tema, por certo, existem às carradas, mas de linha geral de concepção e eficiência como esta, duvidamos que haja alguma.

O Prof. Fuentes pertence à esplendorosa e dinâmica corrente dos antropólogos e sociólogos que estão, cada vez mais, distantes das chamadas etapas da evolução, através do uso dos metais, pondo em linha reta, com as naturais consequências, todo um mundo de outras complexidades e poder criador. Por exemplo, a maioria de nossos sábios de gabinete ainda consideram os MAIAS abáixo de qualquer tribo africana, simplesmente porque os afronegros chegaram ao uso do ferro, antes dos amerríndios em geral. Exemplo: o Prof. Arthur Ramos, certa vez, apesar de todo o seu prestígio, soltou essa cincada, como provaremos. Ora, a criação animológica e ergológica nada tem a ver com essa simplista classificação, que nos veio da Dinamarca e que ainda se acha ligada ao critério darwinista, da noção de linha reta, em vez da curva ou do método histórico cultural.

Os guaranis, como seus irmãos, os tupis, enganam muito ao estudioso, principalmente, quando não conhecem seu idioma. O caso do parentesco, por exemplo, é típico: há mais de 100 palavras para caracterizar os elos de semelhante relação de consanguinidade e afinidade, não obstante as sandices dos estudiosos, que acham existir entre êles franca promiscuidade. . . . . .

Os guaranis tinham mitos, legendas, contos, fábulas e enorme manancial de valores e criações, atitentes a todos os casos.

Já vai longe, portanto, o tempo das pretensiosas e estapafúrdias tomadas de posição, contra os genuínos antropólogos, que apenas pregavam a superioridade relativa e não absoluta em tôdas as sociedades humanas: os pigmeus do Congo são mais adiantados, do ponto de vista das relações sexuais, que os habitantes dos arranha-céus de Nova York.

Belo trabalho, o do Mestre Alberto Rubio Fuentes !

O PROF. NEWTON CARNEIRO ESCREVE SÔBRE CARICATURA NO PARANÁ.
"O Paraná e a Caricatura", com ser uma pesquisa da verdadeira feição e ação contínua da caricatura, através do tempo e do espaço, passando em revista todos os Mestres da difícil arte, pode também ser tratado como a história prosa, proficua e clara das realizações, fatos e acontecimentos da terra, como a exoergou e exercitou, por meio da *charge*, essa pléiade de artistas do agradável humor.

O primeiro caricaturista foi, certamente, ensina o Prof. Newton, João Pedro, o MULATO. Mas, o maior de todos, sem dúvida alguma, pela intensidade como pela inspiração e talento prático, foi, sem dúvida alguma, e ainda é, Mestre Eloy de Montalvão, o sublime ALCEU CHICHORRO.

Como já afirmamos, em crítica anterior, o livro do Dr. Newton Carneiro é, acima de tudo, o relato tão genuíno quanto possível das principais alegrias e vicissitudes, sinceridades e malícias, rancorêos e irrupções repentinas, em suma, as reações de classes, profissões e até líderes, de certo modo, em dado momento, vindo a perpetuar-se pelas charges sócio-econômico-políticas, bem nítidas essas, em seus diálogos deliciosos.

A caricatura pura, límpida, objetiva e de variado propósito, eis o sentido que encontramos nos Mestres da caricatura nos Paraná.

Mas, a caricatura serviu para tudo: reparou injustiças, divertiu os menos favorecidos, esclareceu a dinâmica política, destruiu o prestígio de muito sub-nutrido cultural, enfim, foi também, apesar das aparências, um instrumento perigoso, conforme confessou nosso genial Aloeu Chichorro.

Livro indispensável, porque honesto, bem documentado, cheio de vida e agitação crítica, enfim, em poucas páginas, realiza o milagre do útil e proveitoso no menor número de páginas.

Mais um cumprimento ao Mestre Newton Carneiro.

À L'OMBRE DES FORCES DE FRAPPE, de Danielle Janin & Andre Légier, e ANOMORPHOSE porGuy Beguin.
Poetas da Torre de Babel, Bruxelas. Bélgica.

São dois livros admiráveis pelo seu conteúdo e processos de elaboração. Geralmente são magníficos protestos e lamentações, concebidos da maneira mais simples, descontraída, copiosa de sentenças e admoestações, enfim, tudo quanto nos possa levar a evitar os males e angústias da hora presente. Sim, os infortúnios da guerra, a falta de traquejo da mocidade, os ódios que tudo maculam e viclam, em suma, o conselho de bonita, benfazeja e magnífica reação.

Os versos são fáceis, graciosos, cheios de musicalidade, não obstante a liberdade da técnica empregada.

Aos poetas amigos, nosso agradecimento, com votos de sempre novos e excelentes poemas.

POESIAS, COISAS NOSSAS, PARANAGUÁ NA HISTÓRIA DE PORTUGAL, por Anibal Ribeiro Filho, e MEMÓRIA HISTÓRICA DA CIDADE DE PARANAGUÁ E SEU MUNICIPIO, por Antônio Vieira dos Santos.
O Dr. Anibal Ribeiro Filho é uma dessas figuras tão ilustradas e tomadas do critério intelectual, que parece personificar a própria individualidade do cientista, humanista e literato, no bom uso do têmo.

Sim, a sua agilidade mental, o seu pendor insaciável pelo conhecimento, a sua noção de que deva ser a cultura em prol do civismo e essência dos valores humanos, tomado em si, tudo isso, a uma rápida tomada de vista, se nos antolha claro, sincero, positivo e efetivo, na pessoa do autor.

Poesias é um valoroso, harmonioso e desprtensioso trabalho de todos os dias, repleto de emotivas reações, sonetos repassados de ternura e meditação, repentes de evocação e subjetivismo e outras belezas mais.

Em "Coisas Nossas", temos o maravilhoso gênero pluridvelente do histórico, cultural, folclórico, poético e anedótico, em estupenda antologia de autores célebres e oriundos da familia tradicionais, na maior parte.

Ao verificarmos como o amor à terra não obumbra sequer um exame mais objetivo e construtivo, em relação ao todo. De Ermelino de Leão ao autor, passando por Joaquim Tramujas, Leôncio Correia, Vicente Nascimento Júnior e outros escritores de renome, a vida da heróica e leal cidade de nos apresenta nitidamente cheia em seus fatos e acontecimentos gerais...

"Paranaguá na História de Portugal" é Paranaguá à luz dos documentos, anais, memórias e atos das autoridades, nos quase 200 anos de vida colonial.

Com exatidão e acuidade incrível, o Dr. Anibal consegue reunir, em tal volume, até reações contra os ataques de piratas.

Trabalho,que gostaríamos se divulgasse para mostrar ao novo Paraná a espécie de fibra cívica e rija dos antigos pamanguaras, como conscientes de um todo, que vivia a ser o nosso glorioso Brasil.

MEMÓRIA HISTÓRICA é reimpressão de precioso e indispensável volume de Antonio Vieira dos Santos, que chega a representar uma espécie de "COROGRAFIA BRASILICA", de Ayres do Casal. Nele, tudo está registrado e explicado com paciência benedítina, desde os animais e vegetais até os inventários.

Livro que deve ser lido e meditado pelos entusiastas do progresso técnico-polivalente da atualidade.

RASGOS BIOGRÁFICOS DE ARTISTAS PARAGUAIOS", de Servilliano Solís, Buenos Aires.
Servilliano Solís é um intelectual paraguaio de linguagem amena e cordial, simples e intuitiva, em duas palavras, mui adequada e eficaz para a exata expressão de suas ricas e louváveis mensagens. Servilliano é, além de poeta e escritor polígrafo, também um nobre e incansável idealista, pela aproximação entre os povos da América.

Faz parte da Ponte Cultural Paraguaia-Asunção, que conta com os intelectuais de Paranaguá, Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava e Foz do Iguaçu, rumo à gloriosa Capital Paraguaia.

Essa gente, de vigoroso e inquebrantável talento, tem por objetivo mostrar aos outros povos, como duas nações irmãs, Paraguai e Brasil, não esquecem jamais os valores culturais provenientes de seus comuns antepassados -- os guaranis, cujas características raciais se observam ainda hoje, mais distinta e irretorquivelmente no litoral Paranaense.

Como vemos, a união espiritual Paraguai-Brasil também é um realidade, apesar das de outros troncos formadores do nosso povo, mais aplicáveis a regiões de Leste do Brasil,mormente da Bahia ao Rio de Janeiro.

O Brasil é terra de muitas raças, principalmente o caboclo, mameluco ou indiático, que abrange milhões de indivíduos e se faz representar em todas as camadas da população.

COGITAÇÕES E RETRATOS E JORNADAS DO REDIZER, por Valfrido Piloto, Curitiba.
O Dr. Valfrido Piloto, já o disseram vários antes de nós, é o estilista mais vibrante, harmonioso, opulento e compreensivo de quantos povoam o mundo cultural Paranaense. Sua prodigiosa produção literária compreende mais de vinte livros, somados a artigos, conferências e palestras sem conta. Por isso, tudo que se disser do Mestre é pouco, bem pouco. *"Cogitações e Retratos"* já foi por nós analisado, anteriormente, em suas pesquisas de história, filosofia, sociologia e crítica humanística.

Euclides da Cunha, Tocqueville, Euclides Bandeira, Epaminondas Holzmann, Stefan Zweweig e outras figuras são aí tratadas, com muita espontaneidade, firmeza de juízos e capacidade estupenda de comunicação.

O mesmo podemos dizer de *"Jornadas do Redizer"*, que merecem, de nossa parte, breve porém criteriosa nota, havendo, nós outros, reafirmado a agradável, instrutiva e sugestiva impressão que os seus escritos provocam em nós e nos leitores em geral. É que, como dissemos, Ponta Grossa, que é terra do coração do Autor, aí também aparece com vários capítulos, além de outros temas atualíssimos e preciosíssimos, que se referem à cultura paranaense.

Ao Mestre Valfrido, nossos agradecimentos e sinceros votos para que êle prossiga, sempre, em tão benéfico quão glorioso rumo de beleza, donaire, esmêro e fina espiritualidade !

"POPULIRAS" por Liberalino Estêvão, Curitiba.
Liberalino Estêvão, o oraranse que em Curitiba reside, há tantos anos, nunca cessa de fazer poesia, das mais espontâneas e adequadas de quantas conhecamos.

O consagrado Mestre do Verso, em boa verdade, está sempre com a atenção voltada para o mundo, o homem e os acontecimentos mais marcantes da sociedade, pois que, mais que um dos muitos fazedores de trovas espalhafatosas e sem muita repercussão, nos diversos ambientes da atividade humana, o que ele produz, sem nenhum favor, tem o cunho de criação genuína e insofismável.

Espontaneidade, simplicidade, multissonoridade em geral, sentido de cooperação e construção, enfim, desejo ardente de contribuir a que todos façam verdadeira poesia, eis como interpretamos os trabalhos de Mestre Liberalino.

Sua "POPULIRAS" e sua coluna na "Gazeta" muito contribuem, de fato, a fim supremo ideal !

"ENVELHECER SORRINDO;..." de Heitor Borges de Macedo, Curitiba.
Heitor Borges de Macedo é um autêntico valor das nossas letras.

Não é de hoje que lhe admiramos a galhardia, espírito de otimismo e fraternidade, em suma, tôdas aquelas qualidade, que, outrora, tanto enalteciam os mortais, principalmente quando, como em seu caso, se tratava de médico, curador dos corpos e das almas dos clientes.

Mas, ao lado da poesia, o gênero biográfico-memorialístico sempre o atrasa, donde os inúmeros livros, que dele lemos, escritos em linguagem simples,harmoniosa e de irrebatível poder de comunicação, sem que nisso haja exagêro, é claro. São composições magníficas, bem estruturadas e cheias de bons conceitos e exemplares observações, portanto, muito de acôrdo com o gôsto do tempo atual.

A Mestre Heitor, nossos parabéns.

BIBLIOGRAFIA - (Continuação)

NÃO SEI SE HOJE A LUA VAI NASCER por Antonio Salomão, Curitiba.
Antonio Salomão já é nosso conhecido antigo. "*Rosas Vermelhas*", o livro consagrado, aqui também o comentamos. É assunto sempre original e bem vindo o que dele chega. Agora, temos: *Não sei se a lua vai nascer*.

Dizemos isso, porque o autor é dessas pessoas que sabem pôr ênfase nos seus escritos, sem, no entanto, transmudar o sentido das coisas, nem deixar de acrescentar novas realidades e experiências.

Médico de profissão, chega a causar-nos espanto a sua versatilidade, o manejo todo pessoal, suave, delicado e profundamente sugestivo, que chega a fazer da pena. Aborda todos os assuntos (com coluna diária na "Gazeta") e trabalha tôdas as emotividades: vida de médico, lirismo, evocação do curso primário, desventura, purificação, POEMA SAUDADE, dedicado à querida MÃE, que partiu para sempre, dêste mundo.

Pois bem, são essas preciosidades que o espírito criador de Antonio Salomão nos envia, e que nós agradecemos, comovidos, pelo muito que nos falam à alma.

POESIAS (OBRAS COMPLETAS) Por Durval Borges, Curitiba.
Durval Borges, nosso privilegiado amigo e colega, nos envia as suas "Poesias Completas". São criações de muita inspiração, delicado sentimento, harmonioso e fritura e escrupulosidade, enfim, propósitos demasiado dignos, dado o domínio variado e inconfundível em que se originam, quer sejam de ordem moral, quer cívica ou, então intelectual propriamente dita. São coisas pequenas e vultosas, simples e bem portentosas, introspectivas e, simultâneamente, mais chegadas às efemeridades dos nossos tempos. Heitor sabe, no fascínio e ductilidade de sua arte, com coração e segrêdo indelével, descrever velhas sendas e complexos de outrora, ao lado das modernas e prosaicas ações e transmutações do século que, aos nossos olhos, vôa, indiferente.

A Mestre Durval, com sua modéstia, um forte abraço!

OS EMPRÉSTIMOS ITALIANOS DA LÍNGUA PORTUGUESA E DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DE NOMES E SOBRENOMES, por R. F. Mansur Guérios, S. Paulo, 1.973.
O Prof. Rosário Farâni Mansur Guérios é dos mais cultos e experimentados filólogos e gloticólogos da língua portuguesa e, mesmo, do círculo internacional dos que se dedicam à interessante e preciosa empresa de descobrir as origens e precisar o parentesco entre as línguas humanas, pondo em relêvo a interação geral.

O primeiro dos livros é uma sôbria, metódica e bem elaborada monografia, atinente aos empréstimos italianos em nossa língua, tarefa que, antigamente, o estudioso sabia apenas ser assunto de gramática histórica. Hoje, o Prof. Rosário, neste pequeno trabalho, analisa os referidos empréstimos em tôdas as classes e profissões.

Bela contribuição, que merece estudo mais aprofundado.

Já, o segundo, ou "Dicionário Etimologico", é uma nova edição do já renomado e clássico livro de consultas, que ultrapassa todos os similares, dado o número fantástico de nomes e sobrenomes, e a garantia indiscutível de seu autor, personalidade capaz e sempre determinada, em suas empresas e objetivos.

O "*Dicionário*" não deve faltar na estante de ninguém, pois serve para tudo: objetivo prático, consulta de estudante, curiosidade, etc.

A TROVA POPULAR, A TROVA E OS VÉUS DO FUTURO, por Eno Theodoro Wanke, Pongetti, Rio.
Eno Theodoro Wanke é muito bom trovador e muito bom pontagrosense. Nunca esquece a terra natal, como Gonçalves Dias, conforme mostramos em outro local.

A Trova Popular e A Trova são dois categorizados livros sôbre a crítica da trova, em que, em citações excelentes e críticas originais e de fácil acesso, o leitor faz, num rápido e atento instante, um verdadeiro curso do assunto.

E é trova ilustrada, em vários idiomas, sem contar o nosso, o que, sem dúvida, torna a leitura mais atraente, informativa e descoetrada, apesar de inegáveis sutilezas, que se nos deparam, durante o compulsar da obra.

Dizem que o soneto é divino e não envelhece. Que dizemos, então, da trova?

"*Os Véus do Futuro*" é tipo plaquette, com bem inspirados versos, de diferentes gêneros, mas muito humano, sinceros, lembrando fatos, acontecimentos e paisagens de outrora e também coisas do amanhã.

Nossos agradecimentos ao Dr. Eno, que continua a sua trajetória admirável, sempre com fulgor, vigor inexcedível e retidão, que classificariamos de modelar.

CASOS E CAUSOS PARANAENSES; por Oney B. Borba, 1.975, Castro.
O Dr. Oney B. Borba, historiador, sociólogo e literato, nunca pára em sua produção espiritual. "*Povoadores do Campo*" e "*Marginalismo Sertanejo*", *História de Castro* ", etc.

Agora, é o livro de acontecimentos, vida quotidiana, coisas pitorescas, informações do registro civil e mil documentações a respeito de famílias, personagens e relatórios históricos.

Oney Borba é um excelente pesquisador e dele esperamos, ainda, trabalhos mais volumosos.

Seu estilo é simples, fluente, verdadeiramente jornalístico, como é da essência dos investigadores e devassadores da história. Nossos dois municípios muito lhe devem.

RUI BARBOSA E AS CLASSES ARMADAS, por Langleberto Pinheiro Soares, S. Paulo, 1.974.
O Gal. Langleberto Pinheiro Soares é vulto de muita modéstia e mérito em nossas letras históricas. Muito lê, pesquisa e dosga, no setor histórico, sendo sua especialidade a biografia: Nilo Peçanha, Pinheiro Machado, Floriano. . . Agora, é Rui Barbosa, num apanhado magistral e satisfatório, que se mostra, mais afável e menos rancoroso, principalmente em relação à classe militar.

De fato, em frases nítidas, enérgicas e apropriadas, o Gal. Langleberto prova que, tampouco, do lado dos militares jamais houve o chamado anti-barbosismo, em boa parte, inventado pelos demagogos e gente da política de outrora.

Não é que não houvesse, um ou outro desajustado e não conformado, mas a nata do nosso exército, a começar pelo Marechal Hermes, classificava o "Excelso Rui", de "cerebração privilegiada, glória da nossa terra e da nossa gente".

Eis aí, como a separata da Revista do I. H. e G. de S. Paulo, em rápidas e incisivas palavras, nos dá outra apresentação de tão discutido e consagrado capítulo das nossas letras históricas.

Nossos parabéns a Mestre Langleberto!

LENDAS E TRADIÇÕES DO PARANÁ, por Benedito Nicolau dos Santos, 1.973, Curitiba.
O Prof. Benedito Nicolau dos Santos, catedrático da nossa Universidade e Membro da Academia Paranaense de Letras, é dos nossos mais eruditos e competentados musicólogos e folcloristas. Está preparando a *História da Música no Paraná* e tem vários livros já editados. "*Lendas e Tradições do Paraná*" é um fabuloso trabalho de vulgarização e sistemática, que avança, vitoriosamente, por todos os terreiros do folclore a dentro, prestando os mais assinalados serviços, tanto à cultura como ao povo em geral, através da ciência que lhe é própria.

Já tivemos ocasião de ressaltar os méritos da obra, pondo em destaque as qualidades intelectuais e morais da Família Nicolau dos Santos, de que o Autor é digno Membro.

Nossas expressões de júbilo e congratulações ao Dr. Benedito, pelo magistral livro, que é, agora, o empreendimento inseparável de todo amante da ciência folclórica!

O ASTRONAUTA MARINHO, por Oliveiros Litrento, 1.972, Rio.
Oliveiros Litrento, o insigne novelista, poeta e crítico literário, é o nome do autor do livro "*Astronauta Marinho*".

Livro *sui generis*, de orientação fantasista sem ser fantasista, mas, aproveitando a onda dessa literatura maravilhosa e ultra-imaginária, é a própria terra do querido Nordeste, com suas praias, seus recursos e sua gente, legendária e mui sofrida. Livro de poemas autênticos, de sentimento grofítico inacreditável, em suma, até do que chamam a vocação atlântica do Brasil, tão bem representada pela pena privilegiada do poeta.

O talento do autor nos descreve o pitoresco, o versátil, o profundo das coisas vistas em menino, e agora rememoradas com criteriosa bom-senso, conquanto as dimensões, por vêzes, ultrapassem o comum, e nos engolfemos numa atemporalidade impresionante e cheia de passagens, onde "o idílio marinho é trágicamente interrompido. Dest'arte, diz Litrento, o Astronauta Marinho é vida transfigurada em poesia".

Oliveiros Litrento, o novelista de "*Psiucom*" e o Mestre de juri-geopolítica do Atlântico, costado oriental do Brasil, é sempre um intelectual de criação nova e inédita, com seus maravilhosos enredos, suas encantadoras páginas de humanidade e veracidade, enfim, tôda aquela característica inconfundível de virtuosismo no bom sentido, aplicado aos seus valores constantes e emergentes. Temos, então, a figura prodigiosa do poeta, do jurista, do novelista e do crítico literário, a espraiar, dentro de nosso mundo cultural, conceitos brilhantes e bastantes para nos encher a curiosidade espiritual.

Nossos cumprimentos sinceros a Mestre Oliveiros!

TEMAS E PROCESSOS DO CANCIONEIRO DE ALAGOAS, por Paulino Santiago, Maceió, 1.972.
O falecido Paulino Santiago foi uma dessas criaturas, cuja vida transcorreu num oceano de lutas e realizações, principalmente no terreno das coisas culturais. Membro da Academia Alagoana de Letras, do Instituto Histórico Alagoano e outras entidades notáveis de nosso País, as suas obras não são poucas, nem podemos deixar de incluí-las entre as mais bem pensadas e redigidas de quantas conhecamos. "*Presença do Velho Índio*", "*O Tapi na Corografia de Maceió*", "*Esperanto*", "*O Falar de Alagoas*", "*Temas de Processos do Cancioneiro de Alagoas*", e outros trabalhos importantes.

Era um auto-didata de capacidade incrível, civismo à tôda prova e vocação para as ciências do homem e criação poética, como raramente encontramos. "*Temas e Processos do Cancioneiro de Alagoas*" é livro que saí póstumo. Por meio dele, que tem um prefácio de Mestre Théo Brandão, o insigne folclorista de Maceió, ficamos conhecendo a rica, invejável e multiforme literatura popular, do gênero lírico dos cancioneiros, em terras de Alagoas, tôda tratada em capítulos interessantes, como: estrutura, objeto, sentido; números; enfermidades e puçangas; sincretismo, associação, dissociação; miuças, variedades; e cancioneiro de Alagoas, com farta e emocionante messe de trovas populares.

Paulino Santiago, colega admirável e sempre solidário com as boas causas, deixou, de fato, um nome e uma bagagem literária simplesmente magníficos e modelares!

Agradecemos à sua Digna Filha, Prof. Nirva Santiago, que teve a gentileza de enviar um exemplar do livro.

CONFÚCIO-DOUTRINA, por Ginés Gebrán, Paranaguá, 1.975.
Belo e instrutivo livro, escrito pela sabedoria chinesa, e que expõe as riquezas da doutrina de Confúcio. A obra foi traduzida para o francês por M. G. Pauthier e, em cuidadosa e criteriosa edição, agora, para o português, por Ginés Gebrán, o maravilhoso polígrafo, que todos conhecem e admiram. Sim, os quatros livros clássicos do povo chinês podem, destarte, daqui por diante, ser lidos e compulsados a tôda hora.

Ao Dr. Gebrán, nossa constante estima e sincera gratidão.

DEPUTADOS BRASILEIROS, 1.976, Brasília, por Mário Teles de Oliveira.
Explêndido dicionário dos nomes de todos os deputados federais brasileiros, desde 1.826 até o presente momento, realizado pelo espírito paciente e privilegiado do Dr. Mário Teles de Oliveira.

Agora, num abrir e fechar de olhos, em ordem alfabética, podemos localizar qualquer figura histórica, tanto do Império como da República.

Proveitoso e agradável, o empreendimento do Dr. Mário.

VAMOS MUDAR DE ASSUNTO ? por Mariazinha Congílio, S. Paulo, 1.975
Mariazinha Congílio é outra poetisa, cronista social, educadora e psicóloga das mais conceituadas e festejadas do Brasil.

Dizemos isso, porque, em seus livros, ela se nos denuncia um ser radiante, combativo, ágil mentalmente, deliciosa no linguajar, espontânea e genuína até às últimas, enfim, apesar de tudo isso, uma autêntica feminista, que vive a sua vida e encanta os colegas e amigos.

Entretanto, Mariazinha é também uma insaciável erudita e personalidade de pesquisas e documentação in loco, em seus muitos cursos, conferências, magistério superior, etc.

Fêz cursos na Europa, pertence a várias entidades culturais do Brasil, e Exterior, além de vencer vários concursos.

"*Vamos Mudar de Assunto?*" é gostoso, cordial e comunicativo conjunto de crônicas, que reproduzem passagens e coisas quotidianas em diversos países e que nos informam, divertem e tornam ainda mais admiradores de Mariazinha.

Que Deus a proteja para que prossiga em sua dignificante, preciosa e agradável produção literária.

IMAGENS E CANÇÕES (POESIAS), por A Isaias Ramires, Rio.
A Isaias Ramires, velho companheiro de trova e das composições líricas em geral, nunca deixa de cuidar da literatura como coisa sagrada. Com linguagem impecável, domínio absoluto do verso, harmonia e espontaneidade de mestre consumado, Ramires tem sido elogiado pelos maiores críticos e homens de letras do Brasil. Membro de inúmeras Academias, nacionais e estrangeiras, vencedor de concursos importantes, como o do Prêmio Alberto de Oliveira, condecorado por serviços, tanto do Brasil como do Exterior, estas e outras homenagens, fazem que seus livros estejam em tôdas as boas estantes.

Depois de "*Anfora de Sonhos*", outros livros se seguiram até os mais recentes: *Lirismo puro e amôro mais familiar*. como: "*Imagnes e Canções*" (poesias). Mãos, Conselho, A Majestade de Deus, Namorados, Poema da Chuva, Contraste, Paz, Poesia, Abraço de Irmãos, Tudo e Nada, Nossa História e outros trabalhos, constantes do livro, são vitorações de profundo enlêvo, diante da vida e suas profundezas e riquezas espirituais, notando-se "*Mãos*", que obteve, com justiça e esplendor, o Prêmio Ciro Costa, da Casa de Cultura, de Limeira, S. P., 1956.

IRATI E EDUCAÇÃO E COMUNIDADE, por José Maria Orreda, Irati, 1.975.
José Maria Orreda, vigoroso intelecto, que reside em Irati, nunca se cansa de produzir obras úteis e maravilhosas. IRATI, por exemplo, é uma das monografias mais exatas, objetivas e substanciosas de quantas conhecemos, tratando de assunto das origens, colonização e desenvolvimento de terras do nosso Paraná. Há, nela, de tudo: política, indústria, comércio, movimento escolar, vida científico-literária, etc. Como pedagogo conhecido e acatado, Orreda nos demostra aspectos interessantes do entrosamento de jovens na comunidade e os processos, que geralmente não faltam, tanto no lado positivo como negativo. Tudo dito em linguagem correta, simples e sugestiva, portanto, ao alcance de qualquer leitor.

Orreda vai longe, em sua trajetória literária e cultural.

GUAIRACÁ, nomes que aonam a vida do grande chefe guarani.
A figura heróica e destemida do chefe Guairacá está; mais que provada, através de autores nacionais e estrangeiros. Na literatura do Paraná, destacam-se: Ermelino de Leão, 1.928; Luis D. Cleve, 1.908; Antonio Ricardo de Andrade, 1.887; Nivaldo Braga, 1.887; Romário Martins, o reiniciador dos estudos a respeito, 1.940; David Carneiro, 1.942; Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 1.948; Lourival Santos Lima, 1.953; Faris A. S. Michaele, 1.948; Barros Cassal, 1.942 (poema); Joaquim de Carvalho, 1.954; Francisco Pereira da Silva, 1.970 (poema); Oscar Martins Gomes, 1.945, (poema), etc.

O Movimento de Guairacá, portanto, justifica-se plenamente. Bem assim, a eleição da estátua, a cargo do eminente intelectual e espírito cívico, Sr. Antonio Lustosa de Oliveira.

BIBLIOGRAFIA - (Conclusão)

TEMÍSTOCLES LINHARES É PARANAENSE DE PROJEÇÃO INTERNACIONAL

O lúcido e dinâmico intelectual, Prof. Temistocles Linhares, é também figura que honra o Paraná, o Brasil e a própria cultura humana, por sua vida de intenso labor de ordem espiritual.

Qualquer o aspecto que escolhamos de sua constante luta em prol da cultura, sempre é certo se encontrarmos produções de alto gabarito e inegável cunho de originalidade e senso de objetividade e esmêro integral.

Deste a consagrada *"Introdução ao Mundo do Romance"* até o mais recente roteiro de viagens, através da impressionante odisséia da erva mate e do *Paraná Vivo*, em tudo, sem dúvida alguma, deixa ele transparecer essas qualidades típicas, que o consagraram com o mais veraz, profícuo e intuitivo crítico literário do Paraná e dos mais categorizados de nosso País.

Linhares não pára nunca.

É como Gilberto Freyre, o Mestre de Apipucos, que se não cansa de instruir e atualizar a nossa gente, no sentido da benéfica tradição, da riqueza incontrovertível da nossa psique, enfim, da superação de importadas manias pelo zêlo patriótico, proveniente de simples e, ao menos, um tanto objetiva análise do respectivo traço ou complexo cultural.

O Prof. Linhares, além do mais, é tradutor fiel, imparcial e de amplo e eficiente poder de compreensão, qualidade advinda do conhecimento de causa.

"Novo Caminho no Brasil Meridional a Província do Paraná" é, realmente, uma tradução estupenda do original ingles de Thomas P. Bigg-Wither, que esteve tres anos no Brasil: 1.872/1.875.

Em sua introdução, o Prof. Linhares, como era de esperar de sua constante atualização e tino crítico independente, emite conceitos de extrema limpidez e orientação didática.

Não se prevalece, como a maioria dos monopolizadores da cultura, dos momentos e circunstâncias, para desfazer no pobre do índio. Nada disso.

"A experiência foi, ao contrário do que se esperava, coroada do melhor êxito. Bigg-Wither acabou por se tornar defensor intimorato de nosso selvagem. Este livro só fala bem dele, mostrando quanto de leviano e injusto havia no retrato estereotipado que se costumava fazer dele como ser indolente e preguiçoso, pouco dado a qualquer espécie de disciplina ou obrigação. Nas inúmeras freqüentações que lhe foi dado ter com ele, o seu julgamento se foi firmando em sentido contrário ao dessa visão deformada que negava valor à raça formadora da nacionalidade e cuja grandeza assentava as suas raízes necessàriamente na parte mais baixa, ou seja, na própria terra com que se identificava, por uma questão de hierarquia, se é possível dizer, uma vez que a grandeza não emerge de nenhum empíreo sublime e misterioso. Na realidade, a grandeza aparenta em si as misérias de que ela triunfa e que estão tão estreitamente associados à condição humana, de que tentarímos em vão libertá-la. O autor, sempre que lhe era dada alguma oportunidade, saía assim em defesa do índio brasileiro, antecipando-se aos etnólogos e etnógrafos que mais tarde lhe penetrariam a fundo na cultura material e espiritual, insurgindo-se contra as muralhas levantadas pela nossa suposta superioridade. Na verdade, o índio brasileiro não o decepcionou, nunca chegando a ser aquela criatura repulsiva e retrógrada dos que pretendem saber "tudo" acerca do homem e da natureza humana".

(Páginas XIV e XV da introdução).

Eis aí, nestas breves linhas, estampada a extraordinária norma de análise e trabalho de Mestre Temistocles Linhares, que todos admiramos e respeitamos, em seu esplendoroso e indefectível labor cultural.

ALVIR RIESEMBERG FOI RECEPCIONADO NA APL.

O brilhante e profícuo Dr. Alvir Riesemberg, autor de tantos livros de valor e atualidade, como *"A Instalação Humana no Vale do Iguaçu"*, *"Nha Maria - Minha Avó"* e outros, foi, poucos meses antes de falecer, recepcionado na Academia Paranaense de Letras.

Deu-lhe as boas-vindas o preclaro acadêmico, Dr. Oswaldo Piloto, que produziu magnífica oração, concebida em têrmos simples porém objetivos.

Agradecendo, o Dr. Alvir, ainda convalescente de terrível moléstia cardíaca, leu um uniforme, harmonioso e opulento trabalho, em que, detidamente, passou em revista a figura gloriosa de Cleero Franco e seus pares, para concluir, com luz e sublimidade, tôda uma odisséia na colonização do Iguaçu, o legendário Iguaçu, onde ele nasceu.

Mais de hora e meia durou a oração de Alvir, a qual, em parte, foi lida por um seu sobrinho.

"Tapejara", com os olhos rasos dágua, aqui bendiz o nome do confrade, que desejaria, antes vivo, mil vezes vivo.

No próximo número, falaremos de seus preciosos e benéficos livros.

DARIO NOGUEIRA DOS SANTOS, TAMBÉM FOI RECEPCIONADO NA ACADEMIA.

O Prof. Dario Nogueira do Santos, veterano espírito das lides intelectuais, foi, ùltimamente, recebido na Academia Paranaense de Letras.

O emérito Prof. Oswaldo Piloto foi quem, blandiciosamente, o introduziu no colendo cenáculo.

Como de outras vêzes, o Dr. Oswaldo deu cabal conta da incumbência, pondo em relevo a figura do recipiendário.

Este, ao agradecer, reafirmou, igualmente, as suas grandes qualidades de orador, professor, homem de letras e pesquisador insigne, que tanto nos comove e fez vibrar, em suas estrôfes formidáveis de *"Noturnas"*, "Trovinhas que o Vento Leva. . ." e demais obras.

Ao novo companheiro, *"Tapejara"* saúda, com carinho e consideração.

MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO, O MESTRE DE SEMPRE.

Da outra vez, destacamos algumas linhas a Mestre Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, que o Paraná e Brasil também respeitam e reverenciam.

É que o Prof. Franco é um vulto de extraordinária combatividade, agilidade mental das mais pronunciadas, profunda e indubitável cultura humanística e científica, vocação impressionante para a vida publica, estas e outras particularidades, efetivamente, o credenciam à nossa admiração e solidariedade intelectual.

Seus livros aí estão, ùtil a qual, mais objetivo, instrutivo e cheio de verdades e belezas tantas: O Sentido da Obra de Jacques Maritain; Tendências Políticas do Pensamento Jurídico Moderno", "No Limiar do Futuro", "Caxias e o Destino do Brasil" e muitas mais.

Mais, a refenda agilidade mental do Prof. Franco Sobrinho é que, de certo modo, tem impressionado a brasileiros e estrangeiros.

Na ONU, representou o Brasil, na Argentina, participou de Congressos Jurídicos, em Genebra, esteve como Membro da Organização Internacional das Atividades da Unesco, e assim em Nápoles e outros pontos clássicos da Cultura Ocidental.

O Prof. Franco e, também, membro Eminente da Universidade Federal do Paraná, de muitas Academias, incluindo a Paranaense, etc.

Eis aí, porque, hoje, aqui estamos prestando as nossas homenagens ao preclaro colega e amigo.

WORD, IMAGE AND SYMBOL IN HILDA DOOLITTLE'S EARLY NATURE POETRY

(Palavra, Imagem e Símbolo, na Primitiva Poesia da Natureza, de Hilda Doolittle), por Sigrid Paula Maria Lange Scherrer Renaux, S. Paulo, 1.974.

A significação da contribuição da obra de Hilda Doolittle para a comum literatura de língua inglesa não está ainda suficientemente esclarecida. Alé críticos de projeção, como Edmund Wilson, por exemplo, que todos apreciamos e estamos, não vacilam em dizer que *nada há em tal escritora*. Ora, semelhante julgamento, brusco e agressivo, não pode ser aceito, sem maior exame e reflexão. Hilda doolittle, à luz da crítica moderna, está cheia de virtudes e plenitudes, que partem já dos seus primeiros impulsos, orientados pela poesia e meios de comunicação clássicos (principalmente, gregos) e que, portanto, podem descerrar-nos muita riqueza e influência, que fogem ao olhos dos analistas apressados ou simplistas.

Muitos, impressionados com a obra breve da *Imagística*, não vão além de considerar, a mesma, como *tentativa morta* e, consequentemente, capaz apenas de gerar obra de pouca duração, o que, em relação à H. Doolittle e seu sério patrimônio, representa muito, uma vez que ela se dedicou, de corpo e alma, ao movimento, seduzida pelo simbolismo e, acima de tudo, pela similitude com velhas correntes da Grécia e Oriente.

Belos aspectos, então, se nos deparam, analisados por Sigrid Renaux, como a da Imagística, a da prosódia, a das constações linguísticas, a marcha natural da realização, forma e semântica, e muitos outros pontos.

Nem a Psicanálise, de Freud, em seus primórdios, examinando Hilda Doolittle, escapa à sagacidade de Sigrid.

Seu trabalho, assim, é estupendo, consciencioso, profundamente objetivo, todo concebido em linguagem precisa, fluente, sugestiva, e, como convém aos escritos, em língua inglesa, de um sabor prático e típico, apesar da árdua tarefa que ela se propôs.

Cumprimentemos, pois, a nossa ex-aluna, a dedicada e valorosa Profa. Sigrid, neste seu meritorível trabalho de *Dissertação do Mestrado*, apresentado à Área de *Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Filosofia, da Universidade de S. Paulo.*

LUIZ SILVA E ALBUQUERQUE LANÇA SIGNIFICATIVO LIVRO.

Luiz Silva e Albuquerque é o nome de um exemplar intelectual, que é, simultaneamente, magistrado, professor e mentor da União Brasileira dos Escoteiros.

Autor de vários livros de beleza e civismo, êle nunca soube o que foi e em que consiste a separação entre autor e obra, isto é, a sua intuição sempre o guiou no caminho veraz e íntegro da cultura, moral e ciosas de fundo patriótico. Tanto que, agora, nos causou a satisfação da lançar *"Memórias de um Desembargador Escoteiro"*, trabalho em que descreve sua luta e cenas prenhes de brio e grandiosidade, tomadas a partir de sua terra, a heróica Alagoas, em que o homem é ainda tremendamente brasileiro, neste século de desintegração e falta de pudor.

A linguagem de Silva e Albuquerque é o que há de mais decente, adequado e sugestivo, pois nunca se excede, nem procura confundir-se com certas aberrações e destemperos, muito encontradiços em escritores de nosso tempo.

Em *"Sete Destinos Embalados pelo Amor"*, já havíamos dito que o Autor tinha raça e inspiração, no sentido de dizer as coisas, devidamente, sem que se percebesse qualquer sombra de subjetivismos ou influências nefastas.

Agora, reproduzimos o que, então, se exarou, nitidamente. Luiz Silva e Albuquerque é, de fato, um ser privilegiado, pelas suas frequentes investidas contra o que merece censuras, por aí.

Nossos abraços ao digno e afamado Albuquerque pelas valorosas e inconfundíveis atuações, na vida e na sociedade.

As Forças Gaudinas do Rio dos Morretes...

Luis Carlos Pereira Tourinho

– Capitão Francisco Antônio Monteiro Tourinho?

– Sim.

– O Presidente pede-lhe para aguardar um instante sòzinha-se em conferência com o deputado Manoel Alves de Araujo, chegado inesperadamente.

Monteiro Tourinho recebeu a informação com naturalidade. Habituara-se a ver retardadas as audiências. Praxe. Costume. Vício herdado do portugués. Agradeceu ao ajudante-de-ordens. Caminhou até a sacada para apreciar o progresso da capital durante o ano de sua ausência. Depois retornou ao salão. Examinou os móveis da sala, sobretudo o magnífico espelho de cristal com moldura dourada, disposto sôbre a mesa de mogno com ornatos de bronze. Consultou o relógio de parede. Estranhou a demora. Algum caso grave? Notícias frescas da Côrte trazidas pelo fio telegráfico? Quem sabe lá. . .

Então ajustou os óculos. Mirou-se no espelho e sorriu com amargura. Que diferença entre a fisionomia atual e a do alferes-alumo de 1861, como se via no garreotipo que guardava em casa! Entanto, mal completara 47 anos. . . As rugas sulcavam-lhe a larga fronte ampliada pela calvície. Muito ruiva, a barba tomava-lhe conta das faces e unia-se às costeletas e ao bigode, mas fora de moda, que esta era em ponta, à general Cavaignac, cabo de guerra francês que se notabilizara por ter posto fêrmo às desordem socialistas de 1848. Apenas os olhos, de um azul-claro, mantinham os do alferes, embora a acentuada expressão de fadiga. Vestia sobre casaca azul-escuro, de traspasse, com duas ordens de botões, margas e punhos apertados, gola deitada, gravata com as platinas de trança, estas debruadas com vivos de carmim, côr de engenharia militar. Em suma — comodoro — era um homem prematuramente gasto. . . nas picadas de estradas, na chuva, na lama, no sol, nas geadas, Mas, que fazer? Que outro futuro podia ter aspirado o menino de Imbui, filho do coronel Francisco Antônio Tourinho? Por sorte, também havia a feito o curso da Escola Central que lhe dera o diploma de engenheiro. Portanto, aquela velhice prematura era o preço que pagara pelo cumprimento do dever. . . e de tanto cumprí-lo, a ele se habituara, como quem se habitua ao vício do fumo. . .

Concluído o exame de sua figura, que embora a elegância da sobrecasaca nada tinha de marcial, acomodou-se na poltrona de nogueira entalhada, forrada de setim verde, imitação provinciana do estilo Maria Antonieta. Sentia uma fraqueza generalizada. A respiração era opressa, como se carregasse enorme pêso sôb o torax. Errara, sem dúvida errara - pensou - em não ter procurado o Dr. Trajano Reis, conforme lhe aconselhara o Dr. Leocádio Correia no encontro fortuito que com ele tivera na loja do Abreu. . .

"Dr. Tourinho, vosmecê, precisa usar de cuidado! Engenharia não é meio de morte. é meio de vida. Essa sua falta de ar, respiração acelerada, extertorosa, expectoração abundante de líquido espumoso e sanguinolento, sem febre - isso é o que me preocupa! - no seu caso só pode ser transudação de sôro sanguinolento' no tecido e alvéolos dos pulmões em consequência de males do coração. . . Eu quero muito bem a vosmecê pelos serviços prestados à província. Infelizmente estou de partida para Paranaguá. . . mas retardaria de bom grado a viagem para examiná-lo, não fôsse a perícia do dr. Trajano, com quem vou estar agora e falarei a respeito do seu caso. Procure-o sem falta, antes, de partir para os cafundós do Chopim do Chapecó. A vida é uma obrigação para com Deus!"

Interessante o dr. Leocádio - pensou. Sempre pronto a atender os outros, sem preocupar-se consigo. Também a morte já não lhe estava estampada nas faces? E, contudo, era dez anos mais môço! Seria a medicina um meio de morte, como dêle a praticava, sem descanso?

Do bôlso do sobrecasaca tirou o Almanaque da Gazeta de Notícias. Abriu-o onde havia um marcador de páginas.

MOLÉSTIA DO CORAÇÃO
Asmatismo, Hypertrophias, Cardites, Palpitações, etc.
curas com o emprego do
CEREUS BRASILIENSIS
Novo medicamento aprovado pela Junta de Hygiene Pública e publicado pelo
Governo Imperial
preparado por
A. C. de Araujo Penna & Comp.
47 - Rua da Quitanda - 47
Rio de Janeiro

Depois da audiência - disse consigo - passaria no Largo da Matriz e perguntaria ao Augusto Stellfeld pelo medicamento maravilhoso. Mas não deixaria de procurar o Dr. Trajano. . . isso nunca, pois tinha o dr. Leocádio em grande conta para desprezá-lo o conselho. Então tendo virado a página, esboçou um sorriso:

"Há tempos, em uma barca de banhos nesta côrte, lia-se o seguinte:

Banhos de fundo de pau para senhoras a cinco tostões.

O dono da barca, não achando o letreiro a seu gôsto, fê-lo substituir por êste:

Banhos a cinco tostões para senhoras de fundo de pau."

Guardou o almanaque e retirou do outro bolso a Agenda Dunod 1884. Passou em

ARTISTA DE ITAPETININGA LAUREADO EM SÃO PAULO

Escreve (Thiago Gomes de Oliveira)

Um moço brilhante, inteligente, responsável e culto, nascido na cidade paulista de Itapetininga, exímio artista plástico, por vocação e capacidade inuatada, foi premiado na XIII Bienal da capital bandeirante. Refiro-me ao jovem NEWTON CAVALCANTI DE NORONHA. Como devem ter notado, escrevi-lhe o nome com tôdas as letras maiúsculas, indício, por excelência de que se trata de um moço de inegável valor, de uma espécie de expoente da jovem guarda, sem vícios e sem distorção, no lato sentido deo têrmo, valor intrínseco que, diga-se de passagem, arrostando tôda sorte de dificuldades, até mesmo, por que não dizer?, as indiferenças e insensibilidades, porém, graças aquela fibra inquebrantável, que caracteriza o caboclo brasileiro, associada aos seus próprios esfôrços e pequena assistência, que lhe foi possível oferecer aos seus pais, dentro das limitações que os condicionavam, Pois, apesar de seem pessoas dignas e responsáveis, não são possuidores de grandes recursos, e o rapaz, sòzinho, com o seu espírito de determinação e idealismo, conseguiu superar dificuldade, remover obstáculos e se projetar, de maneira alviçasareira e corajosa, no mundo da arte plástica, a que se dedica em profundidade, doando-se de corpo e alma, à sua vocação. Pois bem, após terminar os seus estudos de nível médio, continuou, sem esmorecimentos na altiva "terra das escolas", na Itapetininga cativante, poética, a hospitaleira Itapetininga de Dr. Fernandes Prestes, em terra dadivosa que há oferecido tantos homens dignos e ilustres à São Paulo e ao Brasil, bêrço impávido do clã dos mamelucos Vieira de Moraes e dos Pereiras; chão abençoado onde, outrora, plasmou o seu espírito e sua inteligência fecundante o eminente Professor e Sociólogo Dr. Juvenal Pavia Pereira, primoroso autor de "UM ESQUEMA DE SOCIOLOGIA". Torrão pátrio que sedimentou a cultura aguta e fulgurante de Vendâncio Ayres, de Fabiano estudar sob dois aspectos, a saber: ora enveredando pelo campo concreto, ora pelo abstrato, e, num crescendo de estusiasmo, com a peritícias que caracteriza os idealistas ou o artista nato, foi, pouco a pouco, ascendendo, num constante realizar-se para a sua verdadeira afirmação, conseguindo, destaite, descortinar novos horizantes de progresso, em seu campo de trabalho, com grandes perspectivas de um futuro brilhante. Seus trabalhos estilizam a personalidade marcante de um jovem e autêntico estudioso, esforçado, que sabe o que quer, digno, não há dúvida, da nossa Pátria. Melhor dizendo, é um jovem merecedor de manter um diálogo com o integêrrimo e ilustre brasileiro, Ministro Ney Braga, êsse plantador de progresso e descobridor de vocações, que tem fé e acredita nos destinos impostergáveis do Brasil!

Alves, do Prof. Virgílio e tantos outros espíritos cintilantes que serviram de lume à cátedra e as letras deste País Continente que, não há negar, renasceu no alvorecer do 31 de março de 1964. Foi, com efeito, nessa Atenas do Sul paulista que nasceu o expert da nova geração da arte plástica brasileira, Newton Noronha, que, ao terminar os seus estudos no Curso Médio, não conhecru hiato, continuou perfuntrando o caminho do saber, em busca da sublimação de seu ideal, cursando, na histórica Tatuí de Paulo Setúbal, a Faculdade de Desenho e Plástica. Concluiu os seus estudos de nível superior, com brilhantismo, e em face dêsse êxito alcançado na Faculdade, aonde fôra haurir novos conhecimentos de sua Arte, após a imposição de grau, convidaram-no para ministrar aulas na Cadeira de História da Arte Plástica e Estética, no mencionado Instituto de Ensino Superior.

Por isso, continuou no afã de conscientizar-se cada vez mais de seu papel no mundo da arte, que abraçava com tôdas as veras do coração, ainda adolescente, a pesquisar e a

---

Para ELLA, la de la hora infinita, en la senda de lo inconmensurable.

Cómo passan los meses y de qué manera crece mi amor! Pareceria que solamente el tiempo ha transcurrido y lo demás se ha detenido ante mis ojos y junto a mi corazón con la viva imagen que se adentró hondo, rompiendo su dureza interior, como el arado, la tierra; y fue la dulzura de tu rostro como semilla que dió fuerza y vigor poderoso de juventud a un cuerpo cansado, así como potente impulso a un sentimiento inigualado, hasta lograr fructificar en este renacimiento glorioso. Y así surgió un amor intenso, que se dió sin pedir, al que ni siquiera le preocupó si seria o no correspondido, porque no tuvo ni tiene pretensiones ni puede hacer trivial cuestión de lo sentido con dimensión ilimitada y perennidad que va más allá de la materia perecedera y de todo cálculo egoísta y mezquino.

En el tibio regazo en que celosamente acaricio tu persona inolvidable, las eternas energías telúricas trabajan incesantemente para que el impulso vital destruya la corteza de lo inmediato efímero y se vuelva, en lo inmortal, espíritu de luz en la claridad de los días del futuro, para siempre iluminándote con las llamaradas de un sentimiento de inmensidad infinita.

Mi corazón creyó estar colmado-iitánto he vivido, amado, sufrido y gozado! - pero ahora, después de pasar por todas las alternativas pasionales y saber de lo fingido y lo real, como, asimismo, de las separaciones impuestas por circunstancias obvias; mi corazón, repito, viene sintiendo-desde que te conocí y sentí el calor de tus blancas y tibias manos esterciopeladas -, la plenitud dichosa de emprender diariamente el vuelo y llegar a tu lado para iluminar con el haz resplandeciente de mi enorme afecto, el dulce arco de tu frente.

Y en esos precisos y conmovedores instantes me sacude la irreprimible ternura de un hombre que se siente niño desbordado por la EMOCIÓN SUPREMA.

La limpidez de las alboradas te estará diciendo eternamente de que yo soy, realmente, el de la HORA INFINITA.

Qué no se extinga jamás su luz radiante!

Juan Antonio González
(Colonia, Uruguai)

PROMENADE WITH THE DIVINITY.

Fernand Hérin.
(Bélgica)

This is a new story: the oldest I know.
"Did you ever hear, my Dear, the song of a
/rose: it is queer!
"It is like the voice of a little girl,
"Who is counting her curls. . . .

"My voice will be softer than that girlish smile,
"Than the song of a rose, for my words will
/never leave my heart.
"I never saw you, I never met you before,
"Yet, I built you in the dark room of my eyes,

"And like Milton, I knew there was a world
/and you in it. . . .
" – So, here you are, with your fabulous brown
/eyes and the world in them.
"So, I was wrong and Milton, too,
"But in the sugared perfume of the pine-trees,
/I love you. . . .

AO ENCALÇO DE UMA QUIMERA

Ó ente que em cismas eu anelo e busco,
Entre brumas de um alvor distante,
Traze consôlo à solidão que assombra
Que a própria sorte guiará teu vulto.

Venha ser, neste mundo, o bem amado
Nesta profunda solidão noturna;
E assim será bem risonhamente
Todo o trajeto de perfume e sonho.

Ó coração que tarda meu encontro
Se não vieres que será da vida?
Cisma, sonho, cinza, desencontro?

Dezembro - 1960.

(do livro "POESIAS JUVENIS" - de **Glorian Fôres**).

Plegaria por el Arbol

Acentuaría notablemente la cultura de América una legislación protectora del árbol.

El árbol purifica y fecundiza, no sólo el aire y la tierra, nuestro corazón también.

Apóstol silencioso, nos predica el bien, prodigándolo a cuanto se le acerca. Basta mirarlo, para sentir su dulzura; basta tocarlo, para sentir su paz. El siempre está aconsejándonos.

Los malhechores tiemblan al oírlo de noche, como si murmurara. Tiemblan porque no oyen lo que dice, y temen amenazas como las del hombre. Si entendiesen, serían buenos!

La armonía y la bondad fluyen de cada una de sus hojas, como de libro santo.

El ombú es la historia de la patria vieja; y la palmera, la del indio.

Además de filósofo, historiador y poeta, el árbol es profeta. Contad los árboles de una nación y leeréis su porvenir. Nada grande hay que esperar de los países sin abundancia de árboles.

Felices, fuertes y triunfadores son los pueblos que surgen en medio de los árboles, y gozan de la caricia de su sombra y de la terapéutica de su fruto.

Sabéis de dónde viene, si no es de sus bosques, esta fragancia virginal de América, que con fruición aspira el mundo?

Ay de América si sus bosques desaparecen!

En ellos está el secreto de su vitalidad exuberante, en ellos nace el sopio soberano que nos empuja al porvenir.

Los árboles impiden las cargas de caballería, dificultan el paso de los cañones y amparan al perseguido.

Cuando juzguéis a un hombre, disminuid la pena en relación al número de árboles que planto.

Vale más plantar árboles que estatuas, que no crecen, ni alimentan, ni abrigan, como los árboles.

Defendamos el árbol!

Amar el árbol es comprender la vida.

Salió de abajo de la tierra para mirar el sol, y compadecido de los pájaros abrióles brazos para protegerlos, y compadecido de los hombres, les da cuanto posee.

Recibe cada mirada como una caricia, y cada gota de agua como un tesoro.

Trasunto del Universo, es todo serenidad, belleza y armonía.

Sabio que enseña en silencio, santo que con cada mano pide al cielo la bienaventuranza para todos, artesano y artista que trabaja día y noche para convertirse él mismo en una plegaria que ascienda al cielo!

Enseñemos a todos a defender y propagar el árbol!

Constancio C. Vigil.

NOVOS ESTUDOS FOLCLÓRICOS DE FLÉRIDA DE NOLASCO

Em 1956 honrou Flérida de Nolasco a cultura do Novo - Mundo com um volume de 499 páginas, onde tudo é metódico, erudito, revelador: *Santo Domingo: em el folclore universal.*

Sua intenção foi plenamente realizada. Ela quiz mostrar como se une a sua pátria, pelas tradições e cantigas tradicionais do povo, às correntadas impetuosas das emoções de tôda a evolução humana. De fato, não há melhor prova da igualdade essencial do espírito do que êsses velhos costumes, essas antigas lendas, êsses hábitos, essas danças que vivem anônima e perpetuamente, a vencer fronteiras e a anular o tempo.

O básico, o alicerçal da nossa alma não muda. Não o destroi nesabuma. Nas manifestações do folclore abundam documentos desta verdade.

So se adata ao meio físico, à mentalidade histórica, aos decretos da economia o que nos é exterior. Aqui também a psicodemologia encontra matéria para as suas investigações.

Simultaneamente, o folclorista pesquisa, compara, classifica os elementos imutaveis do sêr em suas eternas repetições e os da localização adequada dos seus recursos à terra e à época. Desta dupla ordem de fenômenos derivam a complexidade e a imensidão dos estudos de folclore, cujas consequências, de uma vêz, nos levam ao universalismo e ao nacionalismo, ao humano e ao regional.

Flérida de Nolasco enfileirou, com precisão e bom senso, ordeira, os argumentos que nos guiam a êste conceito da psico-demologia. Santo Domingo é um elo da cadeia ininterrupta da atividade espiritual dos povos, quer quando se concretiza em objetos, quer quando se traduz por formas sentimentais e ideológicas. A Espanha, em parte notabilíssima, serviu-lhe de ponte entre o que hoje é a personalidade dominicana e todo o passado cultural do Velho Mundo.

Eis os capítulos de *Santo Domingo em el folklore universal*:

Danças de intenção piedosa.
A Árvore e a Cruz.
O amante que bate à porta.
Nossa poesia folclórica entroncada com a poesia clássica da Espanha.
Décimas anônimas de Santo Domingo.
Coplas e cantos de Plena
As danças através da nossa história.
Criação, continuação e expansão do merengue.
Jogos tradicionais.
Contribuição ao estudo da nossa linguagem familiar: I A expressão popular no Evangelho, II O Evangelho em nossa expressão familiar, III Nossos refrãos nos clássicos, IV Outros refrãos, V Outras expressões vulgares.

Apezar de se compor a obra das mais variadas monografias, sua unidade finalística é integral. A autora não se afastou da linha traçada: relacionar o popularesco da existência em seu país com os antecedente espanhóis, acima de tudo, e depois com algumas fontes menos próximas. Gritam as suas observações em tôrno da coisas bastante diferentes, porém as guia Flérida de Nolasco a um alvo, que é o de mostrar os processos de aculturação, em Santo Domingo, das mais encanecidas tradições do folclore universal.

Poderia ter traçado um plano amplo, geral, dividido apenas em quatro ou cinco aspectos asseneiais: *A poesia, O conto, A lenda, O mito, A música.* Seria, é claro, trabalho de estrutura menos difusa. Entretanto, os capítulos de que tratou não deixam de estar intimamente, correlacionados, para constituirem, afinal, uma espécie de terra, de fio condutor e de conclusão.

Flérida de Nolasco amadureceu o seu talento de psico-demóloga em longas pesquisas históricas, e assim alcançou o melhor do seu desenvolvimento doutrinário no têrmo *Santo Domingo en el folklore universal*, fecundíssim o livro, magistral exposição do que ela meditou mais vigorosamente durante decênios.

Nunca houve na República Dominicana quem, tão fiel, tão especializadamente, consagrasse à análise da vida popular esforços tamanhos, semelhantes estudos. Graças a Flérida de Nolasco, o folclore de Santo Domingo é agora bem divulgado no mundo inteiro, e o seu estudo sistemático rivaliza com os já definitivos da Argentina, Cuba, México e Brasil.

Horas e horas, dias e dias no ano de 1946, ao visitá-la em Ciudad Trujillo, pudemos comprovar-lhe a sólida cultura, a orientação científica, a magnífica inteligência e o amor irrestrito às investigações psico-demológicas. Flérida de Nolasco pairá à altura dos máximos paredros do folclore continental. Ela é glória incontestável do Novo-Mundo. Com êste *Santo Domingo en el folklore universal* cresceu e tornou-se indisputável o prestígio do nome que já ilustrara por meia-dúzia de obras honestas, necessárias, especulares, imortais.

Sílvio Júlio

El Recuerdo de Einstein

Por M. A. Raúl Vallejos

En el mundo de las personalidades científicas de nuestro siglo, muy contadas, en realidad, tenían la profunda simpatía personal y la maravillosa sencillez del profesor doctor Alberto Einstein.

Nació el célebre científico, el 14 de marzo de 1879, en Ulm, Württemberg, Alemania y falleció el 18 de abril de 1955, en Princeton, Estado de Nueva Jersey, en los Estados Unidos de América

Durante su muy fecunda existencia y su valiosa labor de eximio investigador, A. Einstein fue profesor en las Universidades de Berna; Zurich; Praga, Berlín y en el Instituto de Superiores de la Universidad de Princeton. Por el año 1921, recibe el Premio Nóbel de Física, que constituye el más alto galardón al cual puede aspirar un investigador o un intelectual.

La primera etapa de su extraordinaria obra acerca de la Relatividad se publicó por el año 1905, en la revista especializada denominada Anales de Física (Annalen der Physik) y se intitulada "Sobre la electrodinámica de los cuerpos en movimiento" y el siguiente publicado en el transcurso del mismo año, se intitulada "Depende la inercia de un cuerpo de su energía"?, en la misma revista, constando el primero de treintiuna páginas y el segundo de tres.

Esa primera etapa se denominó de la Relatividad Especial o Restringida y posteriormente por el año 1916, fundamentó la teoría de la Relatividad General, con los trabajos intitulados "Los fundamentos de la Teoría de la Relatividad General", 53 páginas y "El principio de Hamilton y la Teoría de la Relatividad General", con unas seis páginas. Estos trabajos fueron ulteriormente completados con otros aparecidos por lo años 1917, 1920 y 1921.

Es innegable que la obra de A. Einstein, tiene una extraodinaria significación en lo que concierne a la modificación de ciertos principios físicos, como asimismo a una transformación del criterio sustentado durante siglos por la mecánica clásica de Galileo Galilei y de Sir Isaac Newton.

Para precisar adecuadamente el razonamiento lógico y ajustarnos al sentido viviente de la verdad, es preciso agregar que la Física clásica, nunca fue destruida o eliminada del campo del conocimiento por obra de A. Einstein, sino que éste último científico, en el fondo nos ayudó a conocer, con una mayor certeza, los fenómenos de la naturaleza, tales como el espacio, el tiempo, la gravitación, la materia, la inercia y el movimiento.

Por otro parte, una prueba concreta de lo que estamos expresando, lo constituye el hecho de la alta estima, que tenía el propio Alberto Einstein, por la obra realizada por el destacado físico inglés.

En concreto a través de su muy agudo sentido crítico y su fina observación, el ganador del Premio Nóbel de Física del año 1921, estableció ciertos principios, con los cuales se tuvo un conocimiento más efectivo del mundo material que nos rodea. Asimismo, durante toda su existencia el creador de la Relatividad, afirmó la realidad de la existencia del cosmos externo, incluyendo la materia y el movimiento con sus funciones correspondientes y ello constituyó un rudo golpe a todos los altos especuladores idealistas, como asimismo a todos los filósofos comprendidos en la referida escuela.

Todo ello deja entonces un balance favorable para A. Einstein, que siempre se distinguió por no hacer afirmaciones categóricas y se declaraba enemigo de expresar opiniones o criterios, en una forma rotunda y terminante. Lo expuesto constituye entonces un motivo más, para que se valore su posición intelectual en el doble carácter de investigador eminente y catedrático de innegable relieve. Resulta ello también un mérito destacable que enriquece su elevada probidad intelectual.

La negación del espacio absoluto y el rechazo de la existencia del éter como un medio para transmitir las acciones electrodinámicas, son los puntales sobre los cuales se afirma la revisión crítica einsteiniana.

De acuerdo a su agudo razonamiento, la velocidad de la luz, no es influída por el movimiento de acercamiento o alejamiento de un cuerpo de la misma fuente luminosa. Es decir que, concretamente, la velocidad de la luz resulta siempre invariable, frente al estado de movimiento o de reposo de la propria fuente emisora.

Asimismo, para precisar el estado de reposo o inmovilidad de un cuerpo, el análisis debe referirse exclusivamente a un sistema de referencia determinado, donde se cuenta con la existencia de un espaciotiempo de cuatro dimensiones, a las cuales se adiciona las tres que registra el cuerpo físico, con la función del tiempo.

Es decir que, dentro de los términos de la precisión lógica, todo movimiento, para ser comprobado debidamente, necesita ser referido a otro cuerpo en reposo o a cierto terreno fijo, donde se realiza el desplazamiento. La presencia de objetos fuera del camino de traslación del móvil, nos enseña la presencia de movimiento o de reposo.

Como se comprende si un cuerpo se desplaza por el espacio exterior y no se encuentra referencia alguna para determinar su velocidad, no podríamos llegar a la conclusión de que el precitado móvil se mueve. Ello implica como una consecuencia fundamental, la anulación del espacio absoluto y la necesidad de contar siempre con un sistema de referencia.

En concreto el distinguido físico y matemático, nos enseñó la necesidad de utilizar nuestro análisis lógico y nuestro sentido heurístico para interpretar el mundo de los fenómenos naturales. En esta tarea, se dió a la incomparable obra de repensar muchos problemas que se plantearon en su tiempo, Galileo Galilei y Sir Isaac Newton, para fundar los principios generales de la Relatividad. Si bien supo distinguir, entre la masa inercial y masa gravitacional, como equivalentes, asimismo le es posible separar, la aceleración de los cuerpos, cuando ella es más acentuada frente a la masa gravitacional.

Cabe manifestar sobre el particular que, si bien la masa inercial es una función inseparable o determinante de acciones físicas, tenemos que agregar sobre este problema que, dentro de un determinado sistema de referencia, un observador, en el interior de una cabina o ascensor; registra la presencia de la fuerza inercial, cuando se cambia de dirección o bien se detiene, dejando de tener esa propiedad el mencionado movimiento.

Los fenómenos de la Relatividad Especial o Restringida, son explicados dentro de una cabina o vehículo en movimiento rectilíneo uniforme, ya que en el interior del sistema, en tal estado, no se engendran fuerzas.

M. A. Raúl Vallejos

Santa Fe (Argentina), 14 de setiembre de 1973.

TAPEJARA

(INDEPENDENTE E APOLÍTICO)

Órgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha"
Diretor: Faris Antonio S. Michaele.
Secretário: Guaraci Paraná Vieira.
Redatores: *João Alves Pereira, Rolando Guzzoni, Alvaro Augusto Cunha Rocha, Lourival Santos Lima, P. Pereira Martins, João Marcelo, Nelvin Saldanha de Oliveira, Robert K. Bowles, Brasil Borba, Josefredo Cercal de Oliveira, Francisco Souto Neto, Thiago Gomes de Oliveira, Deodoro de Souza, Antonio Joaquim Dantas e outros.*

Endereço: "Tapejara" – Caixa Postal, 337, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

"Tapejara" se destina ao intercâmbio intelectual, por isso, não pode ser vendido, nem aceita reclames comerciais.

O Homem

Arminda Gonçalves
(Lisboa, Portugal)

Ruidosamente, vinham da grande avenida sons confusos, misturados: buzinas de automóveis, tilintar de campainhas, gritos, pregões.

Enervado, ele foi fechar a janela. Lançou depois, através dos vidros, um olhar distraído para a multidão que se acotovelava num vai-vem contínuo e tornou a sentar-se com os olhos semi-cerrados.

Na sua memória as idéias antropelavam-se para em seguida passarem ordenadas, metódicas, ligadas por invisível fio.

Ele, quem era? Homem ou fantoche? Escravo ou potentado? Sim. Ele seria, de facto, o senhor absoluto dos seus actos e das suas idéias? Ou seria apenas o manequim, cuja cega obediência aos seus instintos o tornava grotesco e lastimável?

Lembrava-se perfeitamente dos seus projectos, das suas ambições, das suas ilusões. Tudo ruiu! Ele era fraco como os outros, cínico como os outros - e era egoísta, orgulhoso pedante - como os outros também. Ele lembra-s nitidamente do primeiro amor que lhe encherá a existência de quimeras puras e belas como sonhos impossíveis de criança. Deixara de amar um dia - não sabia porquê nem como isso aconteceu. Fizera-se cínico. Para atordoar seus instintos e as suas ambições inconfessáveis, convencera-se a si próprio de um ceptícismo destruidor e intolerante. Em verdade, porém, ele só tivera a intenção de gozar. Descrente também da supremacia do espírito, não ligava à existência a idéia de Deus. Era orgulhoso. A ciência, rígida, fria, analítica, profunda, valia Deus. Além da ciência, nem uma interrogação, nem uma dúvida, nem uma inquietação a perturbar o seu egoísmo àvido de se dar à total embriaguez dos sentidos.

Amara aqui e ali; amara todas as mulheres não amando nenhuma. A Vida só era bela pela quantidade de sensações que lhe oferecia. Perverso e satânico, negava, derrotava - embebedava-se de lama e prazer.

Mas teria sido assim, realmente?

Não! O mundo era uma coisa que, por vezes, tinha formas monstruosas. Soubera-o. Certificara-se disso. Para que fugir à realidade, fugir ao mundo? Seria ridículo ele querer endiritrão. Rir-se-iam dele os outros.

A inteligência era o Deus que habitava em cada homem que, como ele, devassava os mais recônditos segredos da natureza e do pensamento. Do pensamento?

Ele sorriu. Soergueu o busto e continuou o seu monólogo interior feito de perguntas e repostas.

Decerto! Não estava ele ali a analisar-se tão minuciosamente como cóstumava analisar os problemas postos diante da sua inteligência e da sua ciência? De certo. Mas o pensamento que não vai além das certezas adquiridas, era o pensamento consciência - consciência perfeita da sua vil e insatisfeita animalidade?

Ora! Ele era homem. E inteligente. Era um Deus. A sua mão podia talhar destinos de povos, conduzi-los como rebanhos fascinados e famintos do ideal que ele lhes pregasse. Mas não! Não! Mentira. Ele bem sequer talhara o seu destino. A sua vida era aquela que sonhara? Também não. E por mais cerebral que se julgasse, o seu orgulho, o seu satanismo, o seu domínio de si próprio eram e haviam sido feridos a cada instante e nunca o seu desejo se satisfizera totalmente.

Então? Então?

Sim! Ele mentia a todos. Ele era susceptível das mesmas paixões dos outros. Dava a cada coisa e a cada ser o valor da sua própria personalidade como se o mundo fosse uniforme e a cada homem não coubesse uma das suas múltiplas e infinitas facetas. Tinham todos os mesmos defeitos talvez e, todavia, de um para outro medeava quase sempre um abismo. Ah, ele mentia. Mentia e iludia-se.

Que batalhasem os homens. Que se feridssem, que se matassem, que fossem como lobos a devorar-se reciprocamente em nome de um ideal de humanidade e de justiça. Justiça, sim? Cada um a queria para si. Havia os miserávels sedentos da miragem que, para eles, essa palavra constituia. Justiça! Justiça! Era o clamor que se ouvia. E analisadas bem as coisas. . .

Assim era com ele - e seria com todos. Aquele que cria uma situação de fortuna e de bem estar, embora a consiga à custa de sacrifícios alheios, só lhe interessa o seu caso. Hoje por um, amanhã por outros, numa sucessão e contradição imprevistas.

O mundo, afinal, dava-lhe náuseas.

Ele não era nada do que julgava ser, não passava duma parte pequentíssima da máquina infernal infinitamente grande que era o mundo. Ele era um escravo movido pelas mesmas imutáveis leis que regulavam a sua condição humana.

E se houvesse algumas dessas belas coisas que ele sonhara outrora? Beleza? Bondade? Fraternidade? Altura? Sonho? E se houvesse o amor que se dá sem pedir retribuição? E a humildade? Jesus? S. Francisco de Assiz? E mesmo que houvesse, de que servia? Ele já não tinha cura. Continuaria a ser vil, egoísta, cínico.

Levantou-se novamente e desta vez abriu a janela. A multidão passava que se comprimia nos passeios, galvanizou-o, fê-lo continuar o íntimo diálogo. Todos esses homens e essas mulheres caminhavam pela Vida e para a Vida - com destino à Morte.

Sorriu num sorriso desdenhoso.

Cobarde? Ele era um cobarde? Não o seria. A Vida era Bela, extraordinariamente bela: era a batalha da sua vida e de milhões de outras vidas como a sua. Procuraria vencer a batalha. Vencê-la-ia.

Sorriu ainda o olhar abstracto na contemplação da grande avenida, pequenino mundo no seio do universo.

E na sua embriaguez, na embriaguez do seu orgulho, ele era rei absoluto.

VILA VELHA.

Eno Theodoro Wanke.

A Vila Velha me atinge
no meio da inspiração,
e eu sinto-me um deus pagão
no templo augusto da esfinge.

Ah, a Catedral de arenito!
Com que respeito transponho
entre paredões de sonho,
suas naves em conflito!

E acompanham-me a cadência
dos passos vozes perdidas
de fantasmas, cujas vidas
tem milênios de existência!

E o vento, que vem de longe,
vem suspirar numa fenda,
chorando a trágica lenda
da virgem morta e do monge. . . . . .

No fundo do coração,
a cabalística esfinge
da Vila Velha me tinge
de rubro e de inspiração!

(Os Campos do Nunca Mais (Poesia).

AÑORANZA

Hundido en la soledad
de mi habitación porteña,
revivo nuestro romance
junto a este piano que sueña
con la música de Bach,
añorando como yo,
de tus manos las caricias,
cuando forjábamos sueños
en celestiales albricias
unidos siempre los dos.
Pero tú, ya no estás más,
Lucero de mis auroras,
para volver al romance
igual como en otras horas
bajo las notas de Bach.
Hay tristezas - y nada más
en los rincones del alma,
y se hace larga la noche
en su silenciosa calma
sin la música de Bach !

BUENOS AIRES, 1967

Poder Judiciário

Em nome daqueles que, como eu, têm a ventura de pertencer à família do Desembargador Joaquim Ferreira Guimarães, faço uso da palavra, neste momento, tentando vencer uma inibição de falar em público, que me é peculiar, inibição que se agrava pela emoção que de fundo me atinge.

Não poderia, porém, furtar-me ao dever de externar nossos sentimentos de gratidão e reconhecimento, por esta justíssima reverência que se presta à memória do homenageado, a qual nos alcança, por avolumar ainda mais a herança moral recebida do pai amigo, que passou pela terra "fazendo o bem por amor ao bem".

Ao Rotary Clube de Ponta Grossa, que tomou a feliz iniciativa, logo ratificada por outras entidades públicas e particulares desta cidade, e em especial, aos amigos do homenageado, que sugeriram recebesse o Forum local o nome do Desembargador Joaquim Ferreira Guimarães, os nossos agradecimentos, extensivos ao egrégio Tribunal de Justiça do Estado que, através dos Excelentíssimos Senhores Desembargadores componentes do Conselho Superior da Magistratura, por acórdão unânime a aprovaram e aos colegas Magistrados de Ponta Grossa, que simpática e entusiasticamente a apoiaram.

O povo princesino que por meio de sua Câmara Legislativa, e em particular, por seu ilustre membro, Vereador Dr. Alexandre Aracema, inspirado pelo dinamismo do Dr. Wilson Wagner, e o poder executivo de Ponta Grossa, na pessoa do Prefeito Dr. Cyro Martins, que deliberou lembrar o nome do homenageado através de uma das ruas desta cidade que ele tanto amou, também queira receber os nossos agradecimentos.

Nascido aos 14 dias dos mês de novembro do ano de 1.895, na cidade de São Mateus do Sul, recebeu o homenageado, no berço, a característica mais marcante de sua personalidade: a tranquilidade e a simplicidade sadia e altiva do genuino caboclo, como eram seus pais lavradores e como ele próprio sempre fez questão de ser.

Saír das margens do Rio Potinga, deixar de lado a terra generosa onde a cova mate e o pinheiro nasciam em abundância e, na Capital do Estado receber instrução superior, não era, por certo, tarefa fácil em seu tempo. Poucos a realizaram. Ele, porém, a conseguiu com o mérito de seu feito próprio. Já muito antes de sua formatura em Direito, pela turma de Bachareis de 1.919, da Universidade do Paraná, passou a exercer o cargo de Promotor Público de sua terra natal. Em 16 de junho de 1.930 ingressou na Magistratura, após a aprovação em 1º lugar em concurso que realizou, recebendo a cidade de Imbituva, por sua primeira jurisdição. Dali transferiu-se para a Irati, em 13 de janeiro de 1.938, Comarca em que permaneceu por 11 anos, após os quais, em 17 de janeiro de 1.949, assumiu o cargo de Juiz de Direito da 1ª Vara Civil desta encantadora Ponta Grossa que hoje honra sua memória. Daqui foi promovido, em 20 de janeiro de 1.951 para a Capital do Estado, onde exerceu as funções judicantes, primeiramente como Juiz de Direito, até 9 de junho de 1.958 e, após, nomeado Desembargador de nosso Tribunal de Justiça, permaneceu neste cargo até 9 de janeiro de 1.960. Neste posto, vencidas todas as etapas de sua carreira e já sentindo o peso do esforço dispendido em mais de 40 anos em favor da justiça paranaense, aposentou-se, a pedido, de deu cargo, vendo já atizadas-se a enfermidade que por fim nos privou de seu convívio.

Notável sempre foi sua capacidade de adaptação às poucas Comarcas por onde passou e onde deixou vasto número de relações sociais, por nunca se permitir o isolamento. Procurou viver todas as horas com seus jurisdicionados, interpretando-lhes os sentimentos, aplacando-lhes os ímpetos, e distribuir a justiça que lhe era pedida. E executou tal tarefa magistralmente. Prova irrefutável disto são as manifestações espontâneas de simpatia que até hoje irradiam dos lugares por onde passou.

Foi um verdadeiro Juiz e nunca se limitou, em sua função, a interpretar e aplicar monotonamente a lei em soluções automáticas e mecânicas. Sempre fez mais: foi a fonte da elaboração do Direito para análise e após amoldá-los aos fatos sociais que conhecia perfeitamente, por vê-los, pelo que sabia selecionálos e valorizá-los. Não personalizou o Juiz exclusivamente técnico. Foi antes o Juiz sociólogo que com a visão universalista do filósofo, enxergava o todo sem deixar embaralhar a visão por fatos desinteressantes. Em suma, ele viveu o seu tempo e o compreendeu, não o atingindo o anacronismo e nem o isolamento impenitente.

Sua vida funcional foi sempre o espelho a refletir sua vida familiar. Bom pai e esposo, não era em casa nunca contrariado. Bastava o seu olhar bondoso, sua voz de submissão completa dos seus, as suas diretrizes que sempre visavam um único fim: a felicidade e o bem estar dos que o cercavam. Para si, nada pedia. Jamais de seus lábios se ouviu mesmo sussurros de queixa. Sua vida ele nos a dedicou inteiramente e ao partir, deixou um vazio imenso a provar que viveu e amou com intensidade.

Cumpriu sua missão neste mundo, e vestindo a toga que honrou, negra e já desbotada pelo tempo da árdua profissão, tranquila e humildemente como viveu, atendeu à convocação do Senhor para integrar a altíssima instância, sua derradeira pousada.

Euclides da Cunha

Farts Antonio S. Michaele.

To Erico Verissimo, In Memoriam,
To Thephilo de Andrade, with my compliments,

If Nature, in the tropics, is so fain,
To frustrate human hopes and all creations;
And, if, through clime itself, extreme privations
Are deeply felt, to make one's mind insane;

And if, besides, that hellish-green domain,
Proudly, seems to conspire against the nations;
And if, finally, the huge soil formations
Do show us that all efforts are in vain.

Then, forsooth, I confess I know not why,
In the long run, this pithy race of mine,
By thus fighting Fate, could award so high.

Methinks, the truth thereof, some pages proclaim,
Of "Os Sertões", – half-savage, half-divine,
Wrought by a genius: Euclid was his name!

("TITÃS DE BRONZE")

O IV SEMINÁRIO REGIONAL DA MAGISTRATURA PARANAENSE

(Discurso do Bel. Álvaro Augusto Cunha Rocha, Advogado e Professor Titular de Direito Processual Civil da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como representante do Clube dos Advogados daquela cidade, na sessão de abertura do IV Seminário Regional da Magistratura Paranaense, realizado nos dias 13 e 14 de maio de 1976). O Prof. Álvaro Augusto Cunha Rocha é, também, do Instituto dos Advogados do Paraná e do Centro Culturas Euclides da Cunha, o que, de coração, muito nos honra e entusiasma.

Ao iniciarmos estas considerações parece-nos obrigatório pedir vênia aos presentes para expressar nossos agradecimentos ao Clube dos Advogados de Ponta Grossa pela honrosa designação com que a entidade nos distinguiu, confiando-nos a condição de seu representante nesta sessão solene e pública de abertura do IV Seminário Regional da Magistratura Paranaense, que ora se realiza em nossa cidade sob o alto patrocínio da Associação dos Magistrados do Paraná.

Na esteira das idéias que emergem naturalmente da impressão causada por iniciativa de tal significado, é de se destacar o apreço que a Associação dos Magistrados do Paraná – por seu Departamento Social e Cultural – este sob a ilustre e segura presidência do Mestre e Desembargador Eminente Ary Florêncio Guimarães – tem dispensado à classe dos advogados, ao incluir, sistematicamente, nos seus ciclos de estudos, a presença, a participação igualitária e a mensagem da advocacia militante.

Nesta ocasião, oportunamente, em que insignes magistrados se dispõem a sacrificar as perspectivas do lazer familiar do fim de semana – aquilo que, no mundo, tempo ao núcleo amorável da vida de cada um, constitui ao longo da grande experiência e no dizer do Poeta Drummond de Andrade – "todo o mel dos domingos e o diamante dos sábados" – para virem depurar conceitos e analisar sugestões sobre temas de alto rigor técnico nos domínios científicos do Direito Processual – como o são as medidas cautelares enfocadas nos seus aspectos conceitual e procedimental, e as nulidades no julgamento pelo Tribunal do Júri; e quando tal fato vem acontecer em prol dos anseios coletivos de celeridade e garantia, encarecidas como virtudes exclusas, a conquistar sempre da prestação jurisdicional do Estado, – supomos ser o caso de meditarmos por instantes sobre o papel dos profissionais do Direito que somos – juízes, promotores, advogados, professores universitários – diante das singularidades que o mundo contemporâneo nos impõe e à nossa condição de comprometidos ativos desta vivência maior, histórica e social, a que nós mesmos denominamos "experiência jurídica".

Basta que se olhe – como dizem os espanhóis – "amplamente em torno" – para reconhecer-se que vivemos, hoje mais do que antes, o que Toynbee, na década de quarenta, referia em seus ensaios como "A Civilização Posta a Prova". Neste sentido, também as observações de Theodore Brameld, da Universidade de Boston, ao registrar aquela filósofo da educação que "o paradoxo maior que se apresenta na época atual é o de que, nesta segunda metade do Século XX, dispomos simultaneamente de poderes diametralmente contrastantes. De uma parte, temos o poder de nos destruirmos com um só golpe; de outra, dispomos da capacidade igualmente poderosa de reconstruir a civilização com magnificente grandeza, riqueza e humanismo."

Nesse contexto de alternativas extremas, que se abrem à nossa sensibilidade enquanto um espetacular avanço tecnológico coexiste com carências de toda ordem, dolorosas e elementares, – é de notar que os homens certamente jamais se resentiram tanto de seu próprio convívio quanto nos dias que ocorrem, – por se comunicarem tecnicamente melhor, ou mais facilmente, ou mais intensamente que ontem, e se compreenderem uns aos outros todavia menos do que puderam ou souberam fazê-lo em outras etapas de sua áspera presença no tempo.

Este, pois, um segundo paradoxo, que se junta ao referido por Brameld, do afã cumulativo dos poderes máximos de destruir e de construir: o paradoxo da incompreensão como fenômeno mundial gerado exatamente pela comunicação intensa e operacionalizada, a despeito de seu crônico insucesso, com a ênfase de um triunfo.

Na aldeia global de Marshall Mc Luhan, a massa de informações, a todo instante absorvida simultaneamente por milhões de pessoas, estraçalha-se em tiras aos embates das escalas de valores que se desverificam a cada grupo de convivência, desencadeando o permanente processo de arrestamentos e rejeições de conteúdo e de descompasso ético e político demonstrado por Solzhenitsyn nas páginas candentes de "Uma raiavara de Verdade".

Num mundo veloz, em que teses brilhantes são quase diariamente desmentidas e substituídas no asséptico silêncio dos laboratórios; em que sistemas inteiros, ardentemente levantados sobre a análise da natureza humana, ruem por completo diante de exigências até então insuspeitadas, que eclodem em todos os campos de opinião; em que idéias longamente apregoadas como detentoras de validade indiscutível e universal subitamente envelheceram e nada mais nos sugerem hoje senão que estamos afastados delas para sempre; enfim, neste mundo indemente de agora – cresce, por certo, em todos os povos e países, a responsabilidade cultural e moral daqueles a quem cabe, nas comunidades, por destinação vocacional e histórica, o esforço qualificado de preservação da dignidade da pessoa humana, sobretudo no que tange à representatividade e à iniciteza das instituições que devem dimensioná-la como sua necessária projeção objetiva, política e social.

Hoje, ao ensejo deste seminário, em que juízes eminentes irão colocar questões de direito sem qualquer atitude "ex catedra", – a fim de que os temas relatados melhor possam viver a força do que ainda contem como teor de boa razão e pertinência científica, e as intervenções afiorem espontâneas do ânimo de colaboração dos interessados – mais e mais nos convence o alto nível de compreensão e descortínio, e de perfeita identificação com suas relevantes funções, que exorna, no cenário jurídico do País, a Magistratura Paranaense.

A técnica dos "seminários", provinda da corrente que propugna pela dinâmica de grupo como meio eficaz para a consecução de apreciáveis índices de rendimento do labor intelectual, se nos afigura de todo adequada aos fins visados por este conclave, sobretudo por sua compatibilização com os novos perfis da inteligência brasileira, tendente a uma crescente objetividade em todos os campos de especialização, – com a virtude adicional, que ambicionamos entrever, de evocar em nossos meios o trabalho coletivo "de laboratório" que nos assegurou, no passado ainda próximo, com a escola de Liebman em sua expansão a partir da plêiade de São Paulo, os grandes momentos científicos sobre os quais se estruturou o moderno Direito Processual Brasileiro, que já em 1939, pelo texto do revogado Código, se evidenciava, na América Latina e ao mundo inteiro, um dos mais avançados de seu tempo.

Ainda sobre questões de método e objetividade, conforta-nos poder registrar que é cultura jurídica brasileira, na elaboração doutrinária quanto no processo jurisdicional como fonte reveladora do Direito, sempre soube superar os defeitos da herança coimbrã que lhe poderiam ser imputados, no conteúdo tribunício mais afeito ao gosto excessivo dos aspectos puramente ornamentais da inteligência.

De outra parte, hoje, obviamente – com o descortínio humanístico que confere particular realce e prestígio, em nossas Universidades, aos cursos de Direito, – como, aliás, sempre ocorreu, – o jurista brasileiro está sobejamente habilitado a preservar a sua área própria de cultivo científico, das intrusões do tecnicismo, que surge, tão enfática e enganosamente bafejado nesta era da tecnologia, justamente em sua condição mais elementar de mediocridade da técnica.

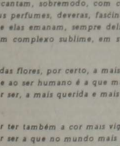
Especialmente quanto a este IV Seminário Regional da Magistratura Paranaense, tudo nos está a indicar os excelentes frutos que advirão dos trabalhos a desenvolver.

A Associação dos Magistrados do Paraná muito acertou igualmente, em descentralizar para além de sua sede, na Capital do Estado, a realização deste encontros.

O fluxo cultural que parte dialeticamente das províncias para vivificar a capitalização nos vezes ensiada das metrópoles, vivificando-se nelas e sobretudo respaldando com o vigo de ingenuidade e de crença que está na base de todo pensamento original (para crer é preciso ver; ou, de outro modo, ...) é o fenômeno universal para o qual André Malraux nos chamava a atenção em entrevista coletiva à imprensa brasileira, quando de sua estada entre nós em 1960, para a inauguração oficial de Brasília, como Ministro da Cultura do Governo De Gaulle.

"O Paraná voltado para o Interior" com os seus profissionais do Direito unidos no trabalho em prol da ciência e de suas conotações éticas e sociais – é atitude ampla do espírito que muito sensibiliza os meios forenses desta região, polarizada em Ponta Grossa, proporcionando-nos a emoção intensa desta hora e o conforto de nossas esperanças na solução de problemas comuns.

Em conclusão: por tudo que se conseguiu exprimir com palavras pobres, válidas porém na intenção da solidariedade e do apreço, – é-nos sumamente grato e honroso consignar aqui, à Associação dos Magistrados do Paraná e ao seu Departamento Social e Cultural, pela iniciativa deste IV Seminário Regional da Magistratura Paranaense, – os cumprimentos e as homenagens do Clube dos Advogados de Ponta Grossa.



Deodoro A. Quintiliano
Do Centro Cultural Euclydes da Cunha e U.B.T.

Das invenções, da excelsa natureza,
sem dúvida, as mais belas são as flores,
que, em milhares de espécies multicores,
encantam com seus dotes de beleza !

Encantam, sobremodo, com certeza,
seus perfumes, deveras, fascinantes,
que elas emanam, sempre delirantes,
num complexo sublime, em sua grandeza!

E das flores, por certo, a mais formosa,
que ao ser humano é a que mais encanta,
por ser, a mais querida e mais mimosa,

por ter também a cor mais vigorosa,
por ser a que no mundo mais se planta,
sem dúvida nenhuma, é a linda rosa!

O Ford de Ouro

Pedro Pereira Martins

O Ford veio encaixotado dos Estados Unidos e o Dr. Benício, acompanhado do Senhor Acosta, alto funcionário da agência vendedora, que ficava na capital, fôra buscá-lo no pôrto.

O guindaste, numa manobra simples e rápida, que os deixara a ambos de boca aberta, tirou o enorme caixão dos porões do navio e, num piscar de olhos, o depositou no carro plataforma da Estrada de Ferro. O Dr. Benício e o Senhor Acosta, excitadíssimos, em mangas de camisa para ajudar no que preciso fôsse, subiram, prontamente, ao vagão e, rodeando a grande caixa de madeira, conjeturavam sôbre o aspecto e as qualidades do veículo, que, de acôrdo com os papeis que tinham em mãos, era uma cupê do último tipo, super-luxo, com rádio e em côr verde-sêda.

— Que verde é esse, Senhor Acosta?

— Ah! Doutor! Esse verde é um verde muito feminino! . . . — respondera o funcionário, piscando um ôlho. E concluíra, depois, categórico:

— O que eu lhe digo com certeza é isto, Dr. Benício: o seu carro é um Ford e, sendo um Ford, é um carro de ouro!!! . . .

— Ora, sem dúvida! . . . — concordara o velho magistrado esfregando as mãos e antegozando o assombro da noiva, quando lhe disesse numa atitude gentil.

— E seu, minha querida!

O Ford estava parado à porta da casa da moça, tendo, no banco de trás, conforme a delicada sugestão do Senhor Acosta, uma grande cesta com flores e champanha, pois o carro era o presente de noivado de Sua Excelência, o Meritíssimo Senhor Juiz de Direito do Barreiro, o Dr. Benício Madeira Leitão, à sua futura esposa, a Glorinha Ventura, sem nenhuma dúvida a mais bela e a mais prendada jovem da cidade, condições, essas, justamente, que tinham decidido o veterando magistrado a desprezar uma tranquila viuvez de mais de vinte anos.

E para que tudo acontecesse exatamente como o Dr. Benício desejava, o Senhor Acosta tomou tôdas as providências, ou, sejamos explícitos, quase tôdas, pois não foi possível conseguir para o Ford, no Barreiro, uma bateria nova. Alguém solucionou o problema, colocando no carro uma bateria emprestada, velha e de mau aspecto, mas ainda com alguma carga. Pode, assim, o Ford, que já fôra desencaixotado e que o Senhor Acosta dirigia, descer do vagão e vir, airosamente, num buzinar festivo e com o rádio a todo o volume, carregando flores e champanha, estacionar defronte à casa humilde da jovem eleita de Sua Excelência, o Dr. Benício, que, trazendo a noiva pela mão e indicando-lhe o carro, lhe disse numa atitude gentil:

— É seu, minha querida!

Seriam necessárias muitas páginas para descrever os fatos e as emoções do momento, e bastam umas poucas palavras a mais para o fiel relato do fim de tudo, que é o que, realmente, sempre se quer saber. Vamos, pois, ao fim de tudo.

Em três dias o Senhor Acosta ensinou Glorinha a guiar, e, ao fim de uma semana, com o noivo ao lado, ela ia já por tôda a parte. Largaram-se no domingo, pela manhã, até o rio para nadar, e, então, quando se dispunham a voltar, o carro plantou-se nos areiões da várzea e a batena "deu o prego". Sua Excelência, metido em enorme calção vermelho, desceu do carro e, colocando as mãos sob o pára-choque trazeiro, retezou os flácidos músculos dos braços magros, num esfôrço para movê-lo. Aconchegada no seu roupão amarelo e ao volante, Glorinha ouviu o noivo gemer, oprimo, uma ou duas vezes, agarrado, freneticamente, ao pára-choque do Ford. De súbito, porém, o Dr. deixou de ofegar e o silêncio a encheu de susto. Meteu a cabeça na janela e olhou para atrás. Viu os pés de Sua Excelência, que, distantes um do outro, apontando para cima, prestagiavam um acidente grave. Deixou, então precipitadamente, o automóvel, atordida, desalça, com o roupão aberto ao vento, veio correndo para cidade buscar socorro.

Como Glorinha não quisesse mais, sequer, ver o Ford e como o certificado de propriedade estivesse em nome do falecido, interessou-se pelo carro e prontamente o ofereceu um irmão daquele, um eclesiástico, que era bispo da Diocese de Caieiras.

Veio buscar o Ford o secretário de Sua Excelência Reverendíssima, um frade capuchinho, jovem e alegre, que depôs nas mãos de Glorinha, num envelope com o timbre do bispo, um cheque cujo valor não se soube.

— É uma lembrancinha de D. Eudóxio — disse-lhe o frade, amavelmente.

Glorinha soluçou e, voltando-se para a mãe, escondeu em seu ombro a face tomaciada e branca. O frade desapareceu e foi buscar o carro que, desde a morte do juiz, se encontrava estacionado sob um velho pálitano nos fundos do Forum, onde os oficiais de justiça, reverenciosamente, não se cansavam de o espanar e brunir. Na estrada, com o sandalião "na tábua" e observando o velocímetro, o frade assustou-se e exclamou, alvoroçado:

— Céus! Este carro marca em milhas! . . .

Chegando em Caieiras com o Ford coberto de pó, o frade levou-o diretamente ao lavador e só depois de vê-lo outra vez límpido e brilhante foi que o conduziu para o Palácio Episcopal, em cujos jardins estacionou e onde o viera admirar e examinar Sua Excelência Reverendíssima e todo o cabido, que aquela hora estava em reunião.

— Então é êste o carro?

— É, Excelência. É o um Ford! E pelo que pude observar é um Ford de ouro! . . . Ninguém me passou à frente e os que alcançei foi deixando "pratrás"! . . .

Todos sorriram e o bispo ponderou, complacente:

— Bem, Frei Inácio, já que é assim, urge benzer o carro e implorar a proteção de S. Cristóvão!

— Ah! Sem dúvida, Excelência! Mas, creia-me, não há carro igual! . . . É um raio! . . .

Ninguém pretendia duvidar do frade secretário, mas antes que alguém pudesse fazê-lo Monsenhor Lino sustentou que o carro era uma necessidade. Sua Excelência Reverendíssima não podia continuar viajando nos trens, que eram sujos e quentes e não observavam os horários. As viagens em ônibus e carrocinhas eram, igualmente, desagradáveis e, isto, não se falando nas duras jornadas a cavalo, quando Sua Excelência Reverendíssima era esperado, à entrada das vilas e povoados, com enorme foguetório, espantando-se a montaria, que já, mais de uma vez, a puzera em sérios perigos

— Ora, Padre Lino, pode contar . . . interveio o bispo, sorrindo. — Conte que, numa de suas viagens, que não demorará muito, eu vinha comparando à mulinha em que Nosso Senhor entrou em Jerusalem, me lançou por terra e me cobriu de coices . . .

— Ah! Excelência! Que acidente aquêle! . . . Vossa Excelência com o pé preso ao estribo e a mula aos pinotes no meio do povo! . . . Foi horrível! . . .

— Hoje Nosso Senhor entraria em Jerusalem num Ford! Não tenhamos dúvidas! . . . — disse com seriedade o frei secretário

Todos sorriram e alguns trataram de abolestar-se no carro para sentir-lhe todo o conforto. Outros recolheram-se com Sua Excelência e, pouco depois, uma sineta chamava a todos para continuarem a reunião interrompida. A tarde, após a reunião, voltaram a examinar o carro e Sua Excelência Reverendíssima, de casula e estola, o benzeu contra "os embustes e as ciladas do demônio".

O Ford fez ampla justiça ao entusiasmo do frade secretário. Conduziu D. Eudóxio aos lugares mais remotos e até então inacessíveis da diocese, foi local de audiências e reuniões, foi pousada, confessionário, escritório, ambulância, carro triunfal do Santíssimo, cuja custódia levava sôbre a tolda, e carro oficial de Sua Excelência, o Governador do Estado, por ocasião de sua última visita à cidade. D. Eudóxio chegara a dizer, certa vez, que o Ford parecia ter uma alma sacerdotal, tais os serviços que prestava à Igreja.

Um dia, porém, o Ford precisou de um reaprêro. Frei Inácio levou-o, lógicamente, à Oficina Ford da cidade, Devia apanhar o carro às 16 horas, e, ofeca de 15, um outro frade foi buscá-lo. Era um frade de ar ascético, pálido e magro, com um sorriso humilde fixado aos lábios e as mãos escondidas nas largas mangas do burel. Perguntara, apenas, se o carro estava pronto. Faltava terminar uma coisinha de nada. Ele se pôs à espera, pacientemente, e depois, pedindo que mandassem a conta do serviço à Sua Exam Revma., distribuiu entre os mecânicos alguns bentinhos e ao volante do Ford foi-se em embora. Chegando à oficina logo após, Frei Inácio ficou perplexo. Não se conhecia, na diocese, frade algum com tais ares ascéticos, assim pálido, assim magro, com um sorriso assim humilde nos lábios!

Tinham roubado o Ford! ! ! . . .

O Forde desapareceu por completo. Inúteis foram tôdas as notícias sôbre o roubo colocadas em destaque nos jornais, nas rádios, em folhetos e avisos fixados às portas das igrejas e dados a público, do alto dos púlpitos, pelos vigários, que imprecavam o roubo como um sacrilégio, pois o Ford era, afinal de contas, um bem da Igreja. E já se murmurava com resentimento, mesmo entre os padres, que Deus protegia os ladrões, pois parecia não fazer caso das missas rezadas, das orações fervorosas, das penitências bravas, das promessas mais sérias e das invocações mais apropriadas ao necessário encontro do carro, quando, ala noite, em meio a um temporal que transformava em rios as desoladas ruas de Butiás, parou diante da casa paroquial um carro preto, que vinha buscar o Padre Quinco para ir administrar os últimos sacramentos a alguém que morria.

Padre Quinco não se fez esperar. Vestiu a sobrepeliz, pôs a estola, cobriu-se com uma capa de borracha, e, conduzindo os sacramentos, tomou o carro que, acorrentado, rompeu pelos caminhos enchacrados e o levou até um sítio isolado, fora da cidade, onde, inesperadamente, dois sujeitos, de revólveres em punho, o cercaram.

— Meu Deus! Que é isto? ! . . . — exclamou o padre, assustado, jungindo ao peito os sacramentos que levava.

— Nada, padre! Fique quieto! — disse-lhe o chofer, um rapazola que parecia não se preocupar com o fato.

Os dois indivíduos entraram no carro, sentando-se no banco de trás e um dêles, sem qualquer explicação, passou um lenço sôbre os olhos do padre, que quiz protestar.

Fique bonzinho, Reverendo, e nada lhe acontecerá! Daqui pra diante o senhor poderá ver o que não deve! . . . — rosnou-lhe junto ao ouvido um dos homens.

O padre obedeceu e o carro prosseguiu lentamente, patinando na estrada lamacenta. Depois de ter rodado algum tempo estacionou e, em meio ao um silêncio estranho, alguém puxou-o pelo braço, delicadamente, para fora do veículo, dizendo-lhe baixo:

— É aqui, padre. . . Venha, Cuidado! . . . São três degraus.

Sentiu que o levavam pelo interior de uma casa bastante ampla. Subitamente tiraram-lhe a venda e pôde ver então que se encontrava num quarto pobre, junto a uma cama de ferro; antiga e tôda escalavrada na pintura de esmalte branco, onde, sob um enorme acolchoado de penas, uma mulher idosa, de cabelos brancos, muito magra e muito pálida, parecia dormir. Um lampião de querosene, erguido na parede encardida, oferecia ao local uma luz tímida e fraca, que um tôco de vela, sôbre um caixote vazio, em nada melhorava. Quatro homens e duas mulheres ali estavam, estáticos e silenciosos, em um dos homens, que vestia um blusão de couro e tinha uma cabeleira hirsuta, aproximando-se do leito e curvando-se sôbre a velhinha, disse-lhe, carinhosamente, junto ao ouvido:

— Mãezinha, o padre que a senhora pediu está aqui.

Como se se acordasse de um sono profundo, a anciã abriu lentamente os olhos e, vendo o sacerdote ao seu lado, sorriu e tirou de sob a coberta a mão magra, que estendeu para o filho. Este a tomou com um soluço mal contido e curvou-a de beijos. Entremecida, a velhinha ciciou:

—Quero. . . Quero falar com o "seo" padre. . . a sós.

Retiraram-se então os demais e o padre cerrou por momentos a porta do quarto. Quando a abriu e convidou a todos para que entrassem e tomassem a comunhão da velhinha, uma voz feminina, suave e gentil, chamou para os fundos da casa:

— Robert Escobar! Arturo! O senhor reverendo está chamando! . . .

Nas pontas dos pés voltaram todos, novamente, ao quarto e, assim que o sacerdote concluiu suas orações e ministrou os últimos sagrados, o homem de blusão de couro chegou-se ao padre e perguntou-lhe com discrição:

— Quanto lhe devemos, padre?

— Ora, nada.

— Mas. . . Não gostamos de nada de graça!

— Olhe aqui, meu filho. Por falar em graça. . . A graça foi de Deus e, sem dúvida, a velhinha bem que a merecia! . . .

— O senhor tem que cobrar!

— Eu não cobro coisa nenhuma! Estou cumprindo com o meu dever.

— Sabe. . . O senhor é um padre diferente! . . .

— Nada disto. Sou um padre igual ou quase igual aos outros! . . .

— Bem. Não podemos brigar com o senhor! Vamos levá-lo de volta.

Vendaram-lhe, novamente, os olhos e o guiaram de volta ao automóvel. Não seria fácil precisar o tempo que rodou pela estrada lisa e cheia de buracos, sob a chuva, que não cessara e se tornava de momento a momento mais pesada. Viajara, porém, muitas horas e tivera a impressão de que o retôrno se fazia por um caminho mais longo e diferente. A certa altura o carro parou e o chofer apeou-se. Padre Quinco não deu maior importância ao fato e, certo de que havia mais alguém no carro, ali deixou-se ficar, de olhos vendados, a desfiar as contas do rosário. Após algum tempo, porém, ouviu, claramente, murmúrios e risos ao redor de si e, intrigado com a coisa, foi baixando com vagar o lenço que lhe tapava os olhos. Risadas e chacotas acolheram sua surpêsa. O sol lá alto num céu sem nuvens e êle estava sôzinho no carro, que jazia estacionado defronte o palácio episcopal, em Caieiras.

— Mas! . . . Céus! . . . Que é que eu vim fazer aqui? ! — exclamou, reconhecendo prontamente o local.

Desceu do carro e procurou, às pressas, Sua Exa. Revma., o Bispo, para explicar-lhe tudo. D. Eudóxio, Frei Inácio e mais alguns padres, que se encontravam no palácio, pasmos e curiosos, acompanharam até a rua para ver o carro. O frade secretário franziu a testa avistar o automóvel, tirou do bolso um canivete e raspou-lhe a pintura sôbre o pára-lama esquerdo traseiro. Um fino traço verde fez-lhe a revelação surpreendente

— É o Ford, Exa.! . . . Os ladrões ca.voleram o nosso Ford! . . . É o nosso Ford, Exa. ! . . . — gritou Frei Inácio, dando pulos de alegria.

D. Eudóxio, inesperada e inexplicavelmente, deixou a dignidade e os encargos episcopais e, como simples frade, ingressou num dos conventos da Ordem dos Capuchinhos, na Capital Federal. Substituiu-o D. Guido, um eclesiástico jovem, mas caprichoso, impenetrável e sêco, que desde logo achou a cupê um carro impróprio para um bispo.

— É um carro sem muita dignidade!. . . Falta-lhe compostura! . . . Se fôsse um sedan. . .

— Mas, Exa., este carro é um estouro! — ponderava Frei Inácio, constemado.

— Pode ser, mas não gosto das suas linhas! Veja-lhe a traseira. . . Não lhe imtinua algo? . . .

— Ora, Exa., isto não tem a menor importância!

— Para mim tem. A cupê é um carro impróprio!

Outros sacerdotes tentaram demover Sua Exa. Revma. de dispensar-se do Ford, mas sua Exa. Revma. não costuma retroceder em suas decisões.

— Mas, Exa., as suas viagens. . . Como as fará? ! . . .

— Viajarei como Nosso Senhor o permitir.

Alegando precisar de dinheiro para continuar as obras da diocese, o bispo efetuou, então, a rifa do Ford. Fizeram-se milhares de bilhetes, que, colocados aos vigários de tôdas as paróquias da diocese, foram vendidos rapidamente, a duzentos cruzeiros cada. Houve, em seguida, o sorteio e o número premiado foi o 711, vendido em Formosa do Sul, paróquia de Frei Elias. Este, ao receber pelo telégrafo a informação do número sorteado, foi incontinenti aos cashotos dos blocos para verificar o nome do ganhador.

— Ora, quem! . . . Esse largo! . . . — murmurou, entre os dentes, Frei Elias, ao verificar que o premiado era o Rubinho da Coletoria, o Rubens Camargo, coletor estadual em Formosa do Sul.

Rubinho, ao adquirir dois bilhetes da rifa, dissera a Frei Elias, maliciosamente

— Nestas rifas de padres quem ganha é sempre a Santa Madre Igreja! . . .

Os amigos do coletor acharam a tirada perfeita, riram-se muito e Frei Elias, para vender mais alguns bilhetes, riu-se com eles, mas não gostara da saída. Agora era justamente o Rubinho o contemplado.

Rubinho comprara dois bilhetes, o 710 e o 711. Presentearam, a espôsa, a triste e laboriosa Dona Gertrudes, com o 710 e dera a Suzi, uma bela e desempenada garota da casa da Gringa, o 711.

Suzi, com o bilhete na ponta dos dedos, sentou-se, despreocupada, no colo de Rubinho, abraçou-o e cobriu-lhe de beijos a carcea pálida e ampla. Ele afastou-a com delicadeza, soprou a fumaça do cigarro sôbre o copo de cerveja, que tinha diante de si na mesa e, facêto, olhando fixamente para o copo, envolvendo-o em gestos que pareciam devassar todos os segredos, como se fôsse um adivinho que examinasse a bola de cristal dos anúncios publicitários da Ford, disse-lhe, grave, num augúrio de que todos riram:

— Suzi, meu bem, há um Ford em seu futuro!

Num instante Formosa do Sul inteira ficou sabendo que o automóvel saíra para Rubinho e este, ao informar-se do fato com o

próprio Frei Elias, abalou, atordido, para a casa da Gringa, onde as mulheres, também já a par do sorteio, o receberam com desconfiança.

— Que é da Suzi? ! — perguntou, nervoso, logo de entrada.

— Ela saiu — respondeu-lhe a Gringa peremptória e de má sombra.

— Mas como? ! . . . Onde foi? . . .

— gritou Rubinho, aflito.

— Sai. . . Venha à noite. De dia, você sabe, não atendemos. E ela saiu. Já lhe disse.

— Mas eu quero é só falar com ela! Um instante! . . . Onde ela foi?

— Ora, sei eu! . . . Mas por que essa afobação? Não me diga que o automóvel saiu pra ela! . . .

— Não!!! Não saiu! Precisa falar com a Suzi e já! Onde é que ela se metru? ! — berrou Rubinho, desesperado, pegando a Gringa pelos braços e sacudindo-a com fúria.

Acudindo a dona da casa, as outras mulheres atiraram-se ao coletor, cobriram-no de socos, ponta-pés e o mantiveram seguro pela roupa já rasgada, enquanto a Gringa, enfurecida, lhe gritava na cara:

— Quer saber de uma coisa, "seo" filho de uma . . .? ! Vá pôr a não suja na sua mãe! . . . Vá pintar nos cavalos da sua mãe! E puxe daqui pra fora! Já!!!

— Sua. . . — Rubinho só não disse a palavra para não descer ao nível de tal gente, mas a Gringa entendeu o que compreendeu isto e, de braço estendido e a mão pronta para a bofetada, urrou-lhe, fora de si:

— Digo! . . . Diga, "seo" fresco! . . .

Num repelão o coletor desvencilhou-se das mulheres e fugiu. Já na rua uma garrafa lhe passou, roncando, junto à orelha. Fula de raiva e chiando de vergonha pensativa estão o Dâmano de Paula, o amigo Dâmano, que era o delegado de polícia, a quem confidenciou o caso do bilhete premiado e denunciou a agressão que sofreu. O amigo Dâmano foi rápido, enérgico e inteligente. Mandou prender a Gringa e a Suzi e prevenir as outras mulheres de que, à menor alteração da ordem, iria fecharia a casa e as deportaria "pró inferno".

As duas mulheres chegaram à delegacia amuadas, abatidas e serva. Suzi, dando de cara com Rubinho, que as esperava, triunfante, junto à porta do gabinete de Dâmano, devolveu-lhe, imediatamente, sem qualquer palavra, o bilhete premiado. O caso podia encerrar-se aí, mas o delegado, muito fino, achava de bom aviso uma conversa com as mulheres e, assim, mandou-as entrar e sentar-se.

— Muito bem — disse, dirigindo-se, risonho, à Suzi — Você é uma moça honesta. Recebeu o que o Senhor Coletor não estava no seu juízo perfeito ao lhe dar o bilhete! . . .

Suzi sacudiu a cabeça, afirmativamente. Ele voltou-se para a Gringa e perguntou-lhe, sério:

— E a senhora? ! . . . Não acha que a Suzi procedeu como uma moça direita? . . .

— Claro, "seo" Dâmano! Ela sempre foi uma pequena muito de direitas!

— Bem. Então estamos entendidos e não se fala mais nisto. O caso está encerrado. As senhoras podem ir-se tranqüilas.

As duas mulheres estenderam as mãos ao delegado, despedindo-se. Ele as apertou, confidenciou e naquele momento fim, pelo finíbus da tarde, foi com Rubinho a Caieiras buscar o Ford.

— Chegados a Caieiras, Rubinho e Dâmano encontraram, de imediato, vários interessados na compra do Ford, no caso de que o quisessem vender. Alguns tinham deixado seus nomes e endereços do Dr. Guido, o bispo, e eram, particularmente, recomendados por Sua Exa. Revma. Outros não saíam da Agência Ford local, onde o carro estava exposto, para um negócio direto com o ganhador, assim que ele "desse as caras". Contudo, foi Nenê Froes, que não participava de qualquer um dos grupos, quem primeiro encontrou com Rubinho e Dâmano, quando, num dos bares da cidade, junto a uma mesa, tomavam uma mídia com pão e manteiga. Nenê os ouvia falando sobre a rifa, notou que eram de fora, meteu-se na conversa e, de repente, percebeu que estava diante do ganhador ou dos ganhadores do Ford. Mostrou-lhes, então, sorrindo, o maço de bilhetes brancos, que comprara e lhes disse:

— Imagínem. . . Cinco tables inteiros de bilhetes! . . . Decerto, sorte no amor! . . .

— Com certeza. . . — confirmou o delegado, sacudindo a cabeça.

— A sorte é assim. . . Caprichosa! . . — redargulu o coletor.

— A sorte é eu! — disse Nenê Froes.

— Somos ambos caprichosos! Por isto eu, compro a cupê, se vocês a quiserem vender.

— Não, senhor! Nem sequer a experimentamos, ainda! — interveio o delegado.

— Pois se quiserem vendê-la, eu lhes pago, por ela, quatrocentos mil. . . Uma "abobrinha" em cima da outra! . . .

À menção da importância, que Nenê se propunha a pagar pelo Ford, Rubinho pisou de leve, sob a mesa, no pé de Dâmano e ambos se entreolharam num silêncio interrogativo. Rubinho pediu licença, levantou-se e encaminhou-se para o mictório, nos fundos do bar. O delegado não se fez esperar.

— Que tal a proposta? — perguntou-lhe Rubinho, afoitíssimo.

— É boa, mas vamos com calma. . .

— Se é boa! . . . Quatrocentos "cabrais" ! . . .

— Sim, é uma "nota compreda" Mas por que vender o Ford, assim, sem ao menos saber ao certo o seu valor?

— Olha aqui, Dâmano! Eu venderia o Ford pra êsse "cara"! Quatrocentos mil me parecem um bom dinheiro. . . E eu até prefiro levar o dinheiro em seu caro. Você sabe. . . O carro vai alvoroçar a Suzi, a Gringa, e a mulherada poderá não se conter!.

— Homem. . . Você tem razão, mas não poderemos deixar um carro dêsses. O que eu aconselho é calma! Apenas calma! . . .

— É. . . Você tem razão! — concordou Rubinho, pensativo.

Assim entendidos, voltaram ambos para a mesinha do bar, onde Nenê Froes os aguardava.

— E então? — perguntou-lhes.

— Nada feito! . . . — respondeu Rubinho, sentando-se e pondo um cigarro na bôca.

— Quando quiserem vender o carro, me procurem — disse-lhes Nenê levantando-se e deixando, sôbre a mesa, rabiscado num papel, o seu endereço.

A sós com o amigo, Dâmano provou-lhe "pra a + b" que era uma tolice vender o Ford. Êle, o delegado, conseguiria do Governo tudo para o carro, gasolina, óleo, pneumáticos, peças sobressalentes, e na delegacia sempre se podia contar com algum soldado, ou algum preso, com prática de mecânica, para prestar assistência ao carro e, ainda, lavá-lo, lustrá-lo, deixá-lo como uma jóia.

— Claro está que terei de ocupar o carro nos serviços da delegacia, mas, você sabe, o serviço é pouco!. . . Você pegará o carro quando quiser! É absurdo!. . . A gasolina, o óleo, tudo, nós arranjamos! Ficará a meu cargo engraçar graças aos cuidados de gente que é "da coisa". . . Agora, um aviso, pois quero avisa amigo é! Não vá com o Ford à casa da Gringa! . . .

Rubinho conhecia bem o delegado e sabia que nem sempre se podia confiar nêle, mas — que diabo! — ele o aceitava, prontamente, no caso do bilhete premiado e lhe propunha, agora, um arranjo em que não perceba o menor inconveniente. Tocava-lhe a vez de corresponder a um gesto de camaradagem, que tinha, em tôda a sua inqualidade, um firme e raro traço de beleza, já que reagardava o nome e o carro de um amigo. Ele, Rubens Camapo, dos Camapos de Japucaia da Serra, Rubinho na intimidade, pelos amigos era, também, capaz de tudo! . . . Levantaram-se da mesa, Dâmano fez questão de pagar a mídia e foram, de braços dados, até a agência, onde, entre congratulações e fotografia, lhes foi entregue o Ford.

Rubinho guiava mal e Dâmano menos mal que o amigo, todavia fizse foi, desde logo, o motivo dos cuidados excessivos do segundo, que culpava o coletor de todos os males, que a barbeiragem de ambos ocasionavam ao Ford.

— Vamos ver qual vai ser a "travalhada" do Ford — gracejou, sarcástico, o delegado, quando êle, aos trancos e barrancos, saía com o carro.

Todos, na delegacia, onde o Ford tinha a garagem, gozaram a cena, e o coletor, encaffiado, afetava indiferença, embora aguardasse, manhosamente, um motivo e uma ocasião para pôr em aquilo sem ofender a Dâmano qualquer possibilidade de explorar, num intuito de forra, o caso do bilhete premiado.

E o motivo e a ocasião chegaram juntos um belo dia, em que saía da delegacia de polícia de Formosa do Sul apenas dois presos um débil mental, que não se sabia por que estava ali, e um homem, ainda moço, que matara a sogra. Esses presos, que não estavam encarcerados, faziam todos os serviços de limpeza na delegacia, na residência do delegado e nas casas dos praças que compunham o destacamento. Certa manhã dru-se pela falta dos dois presos. Ninguém sabia onde êles estavam. Avisado pelo sargento comandante do destacamento, delegado e praças atulharam, aparatosamente, o Ford para sair à caça dos fugitivos. O Ford negou-se, então, a partir. Foram inúteis todos os esforços para pô-lo em movimento. Furioso, o delegado sacou de seu revólver trinta e oito e, pondo-se na frente do Ford, dru-lhe seis tiros. Rubinho, então, sem increpações ou desculpas, tirou-lhe o carro, colocou-o numa oficina para os reparos necessários e telegrafou para Nenê Froes, em Caieiras: "Ford à sua disposição".

Nenê deu à cupê os seus melhores dias. Sem obter a despesas, renovou-a interiinha e pintou-a outra vez de verde, mas de um verde diferente, o verde magnólia, uma côr que facilitava ao carro o escender-se na mata ou o esgueirar-se pelo campo. Forrou-lhe de branco — um branco "de branco lençóis de linho", conforme recomendara ao estofador — todo o interior e colocou-lhe umas buzinas novas, que emitiam uma clarinada festiva, talvez-um tanto espalhafatosa, mas agradável. Por três vezes inscreveu o Ford em grandes competições automobilísticas e, por duas vezes, foi o vencedor. Dois magníficos troféus de prata, colocados em lugares próprios na biblioteca de sua casa, atestavam, tanto quanto a perícia e o arrôjo do volante, as qualidades excepcionais do Ford. Não venceu a última das corridas porque o mecânico, que o acompanhava, sofreu um desmaio num dos arricados lancos da prova, que fora por isso abandonada.

Havia quem estranhasse o ter Nenê comprado mais um carro. Em Caieiras, na Fazenda, que era junto à cidade, os Froes tinham duas rurais novas e um "fuque" e, na capital, onde tinha a amplia garagem da casa abrigava quatro automóveis, sem se contar a Lincoln conversível de Nenê, que ficava sempre fora, sob as casuarinas do parque, pronta ao primeiro sinal solicitações do dono.

A Lincoln era o carro preferido das garotas. Em noites enluaradas, nos lugares ermos e sinistos, deacia-se-lhe a capota e, ao lado da mulher amada no momento, ficava-se horas e horas, de olhos nos olhos, a "ouvir estrêlas".

Danusa, porém, uma linda morena de olhos verdes e longos cabelos negros, achava a Lincoln um carro devassado e inseguro. Uma senhora casada não podia expor-se tanto, ainda mais sendo a esposa de Márcio Ulhoa de Melo, um dos mais ilustres e poderosos homens da República, Ministro de Estado, Deputado Federal, dono de uma cadeia de jornais e de rádios, magnata das aves e ovos no país.

Os Ulhoa de Melo moravam no palacete vizinho à vila solarenga dos Froes. Eram amigos velhos e tinham tanta intimidade que um portão, aberto no muro de pedras, ligava pelos fundos as duas residências. O filho vivo e a língua solta da criadagem das duas casas não ofereciam ao portão, que se escondia entre a verde hera do muro, uma utilidade mais romântica. Por isso e, ainda, ante as reservas de Danusa para com a Lincoln, Nenê adquirira o Ford. E foi no Ford que, num domingo de ofa muito azul e de muito sol, aproveitando uma das ausências de Márcio, rumaram ambos para a Enseada, onde os Froes tinham, numa praia de sua propriedade, escondido entre os rochedos, um rancho de veraneio.

Para chegar à Enseada, o Ford teria que trafegar ofrca de cinquenta quilômetros pela praia, que era larga e bonita.

O carro entrou sem novidades na areia úmida e que o avanço e o recuo das ágoas dava maior consistência. Onde as ondas se quebravam, regria-se uma nêvoa tênue, que pairava no ar, rebrilhando ao sol, e, mais ao largo, sôbre as águas, voando baixo e em círculos, as gaivotas pareciam querer alçar nos bicos a renda branca das espumas, que flutuavam.

O Ford parecia voar sôbre a areia, enquanto o casal conversava animadamente. Então, ao longe, na praia, em sentido contrário, surgiu um ponto escuro que, pouco e pouco, se veio aproximando.

— É um caminhão — disse Danusa, inerta.

— É. . . Pode ser. . . — concordou Nenê.

— É uma perua! . . .

— Está muito longe, ainda! . . .

— É uma caminhonete!

— É possível. . . A caminhonete de alguma peixaria! . . .

— É um automóvel, Nenê!!!. . .

— exclamou Danusa, inquieta.

— É, sim! É um carro! — concordou Nenê, reduzindo a velocidade do Ford.

Um longo momento de expectativa e silêncio marcou a aproximação dos dois automóveis, e, de súbito, mordendo as mãos, trêmula e chorosa, Danusa exclamou:

— Meu Deus!!! . . . É o Márcio!!! . . . Faça a volta! Fujamos! Depressa! . . . Pelo amor de Deus! . . .

Nenê, atarantado, procurou escender-se e, precipitadamente, torceu a direção para os terrenos que ladravam a praia e eram cobertos de vegetação. O Ford rolou para a areia solta, encalhou e ali ficou patinando e rugindo, enquanto Danusa se encolhia em seu chão sob a japona de camurça do amante.

O carro de Márcio, a Mercedes oficial, com a chapa de bronze do Ministério, de côr preta e metais rebrilhantes, parou na areia firme e, em bermudas e chinelas havaianas, o Ministro e Deputado, que também se fazia acompanhar de uma jovem em biquini, desceu para socorrer o amigo, que lhe veio, rápidamente, ao encontro e o teve a certa distância do Ford.

— Olá, Nenê! Que surpêsa! . . . Que foi que houve?

— Oh! Dr. Márcio. . . Não houve nada! Parei aqui para ver uns terrenos. . .

— Vocês, os Froes, sempre às voltas com terras! . . . Mas me parece que você atolou na areia! — disse Márcio, sacudindo a cabeça e fazendo menção de aproximar-se do Ford.

Nenê seguiu-o pelo braço.

— Por favor, Dr. Márcio! . . .

— Ui! . . . Que é que há? ! . . . Quero ajudá-lo, também! Sou amigo macaco, cordas, correntes! . . .

— Por favor, Dr. Márcio! . . . Se quer me ajudar mesmo, caia fora! Estou com um material aí no carro. . . Quero que o senhor compreenda! . . .

O Ministro e Deputado arregalou os olhos, entre surpreso e desfeito.

— Um material? ! . . .

— Sim! Uma mulher! . . . — disse Nenê, impaciente

— Claro que compreendo, meu filho! Claro que compreendo! . . . — cochichou-lhe Márcio, piscando um ôlho e fazendo-se muito sério. — Mas espero que não dê a fôlha, hein! . . . Quero a fôlha! . . . Não se esqueça! . . .

Nenê sorriu contrafeito, enquanto Márcio, já destro de Mercedes, lhe acenava um adeus e arrancava.

Danusa saiu, então, de sob a japona de Nenê e, muito pálida, em lágrimas, quiz voltar, imediatamente, para casa.

— Mas, Danusa, o Márcio está aí à nossa frente! . . .

— Eu quero voltar! Tenho que estar em casa antes dêle chegar! . . .

— Olhe aqui! Ouça-me! Vamos para a Enseada. Lá, com calma, resolvermos sôbre o que fazer! . . .

— Ah! Não! . . . Eu tenho que voltar! Quero voltar, imediatamente! . . .

— Nada disto! Vamos para a Enseada! Lá acharemos uma boa saída para esta situação. Tenha calma, por favor!

— Eu quero voltar, Nenê! Eu tenho que voltar!

Sem dar mais ouvidos aos reclamos de Danusa, Nenê tratou de apanhar, na vegetação próxima, ramos e varas com que improvisou uma estiva por onde foi possível reconduzir o carro à areia firme. Tomou então, apesar dos veementes protestos de Danusa, o rumo da Enseada. Aos gritos, num fremer, ela sentou, bruscamente, arrebatar-lhe o volante.

— Quero voltar! Tenho que voltar! Pelo amor de Deus! . . . — clamava ela, em desespêro, com as mãos crispadas na direção do carro. Nenê deu-lhe, então, com o dorso da mão direita uma violenta bofetada, mas não a desprendeu do volante, que, por um momento, ela dominou, fazendo com que a cupê saísse da rêda e rolasse para o mar. A maré subia e, num instante, as águas inundaram o carro. Nenê e Danusa, ês exasperado, ela em pranto, ensopados, ofegantes, arrastaram-se para a praia, onde, arquilados e em silêncio, sentaram-se à areia.

A maré continuou subindo a pouco e pouco, inexorável, e, ao escender-se o sol, uma grande onda ergueu-se de súbito, no mar cinzento e, bramindo, correu sôbre as impetuosa para o Ford, envolvendo-o nas suas dobras e fazendo-o desaparecer para sempre.

VENTANA POÉTICA

Al gusano

Con tu pompa siniestra y amarilla
— Arquitecto preciso de la Nada —
vas reptando tu saba carcajada
tras el sepulcro que opulento brilla.

Tu paso sin semáforos ovilla
en la soberbia pulpa diseccada
y al son de tu certeza deintrallada,
el mundo de impotencia se arrodilla.

Que hiciste de la luz de las edades?
La fuente de la sêra y las deidades
en pálida carroña se convierte.

Tu cuerpo es como el signo que interroga
y con la omnipotencia que se arroga,
contestas a la vida y a la muerte.

GONZALO ESPINEL CEDENO

PORTUGAL, por Brasil Borba, 1.972. Comemorativo do 4º Centenário dos "Lusíadas" O Prof. Brasil Borba escreveu este sãplificativo trabalho, com a intenção de também comemorar o 4º centenário de "Os Lusíadas". Espírito admirável, cheio de bons propósitos e grandes conhecimentos, o Prof. Brasil reuniu aí alguns dos aspectos da Lusotropicologia, que são, por assim dizer, de imgáveel perpetuidade. Dezemos isso, porque, embora a política tenha mudado as coisas, a língua de Camões lá se conserva e se os nativos quiserem alguma comunicação com o mundo, estarão sempre demonstrando os 5 séculos do domínio que lhes construiu a nação e a ligou ao Brasil. Não há dúvida, Mestre Gilberto Freyre está certo e dáaso se pode orgulhar (e nós, com ele), a glória de Portugal não foi efêmera e nem passageira: perdura pelos séculos afora, com Camões e com as nações, que foram criadas pelo gênio luso!

LETRAS DA PROVÍNCIA, Revista de Cultura, Fundada por João de Souza Ferraz, Limeira, S. Paulo, 1.976, vários números.
O tradicional repositório de cultura e criação, conhecido em todo o Continente e fora dele, nos faz travar conhecimento, em seus apreciados números, com um mundo de coisas e acontecimentos, que ocorrem no cenário da vida cultural.

O Prof. Souza Ferraz é dos lutadores inconfundíveis, cuja existência transcorre, em meio a livros e magisterio, e onde sua magnífica atuação sempre nos orienta e conclama à perpétua campanha em prol da ilustração e dignificação do próximo, pelo exemplo da cultura.

"Letras da Província" é sempre benvinda a esta casa.

O LINCE, Juiz de Fora, Fundador Jesús de Oliveira, Diretor atual: M. Ladeira.
O veterano magazine, que tanto encanto deu à vida sócio-literária de Juiz de Fora, apresenta-se, agora, remodelado, mas continuando sempre com matéria de notável projeção e interêsse, tanto à cultura como aos meios diversos da comunidade. Em "O Lince", fala ainda a voz serena e privilegiada de seu fundador.

Continuemos, colegas, em nossa sagrada missão.

CULTURA AMERICANA, México, Por Juan Luna Cárdenas, 1.976.
Juan Luna Cárdenas, o insigne escritor e indigenista mexicano, é, antes de tudo, um incansável realizador de empreendimentos beneméritos e de natureza pan-americanista, digamos melhor, indoamericanista. Esta Revista é um esbôço extraordinário do que se poderia fazer pela verdadeira americanidade, ao mesmo tempo que, em rápidas e brilhantes pinceladas, nos dá conta do fervor e opulência do que se produz no Continente.

Avante, pois, Juan Luna Cárdenas!

AMÉRICAS já é tradicional, por seu rico e maravilhoso conteúdo, e, cada vez mais, a sua feição gráfica se modifica e beneficia os grupos de interessados.

O DEBATE, Irati, Diretor: José Maria Orreda. Órgão de ação e confronto, dentro dos limites da cultura. A literatura é aí sempre criticada, de maneira elevada e fundamental.

O TIBAGI, Monte Alegre. Diretor: Horácio Klabin. Porta-voz incontestável da comunidade do papel, da cidade estupenda, à qual todos tanto devemos.

Traz de tudo: literatura, economia, comunicações, política, religião e outros pontos da vida social.

Un Ser

Soy la belleza y desventura;
Preciso ser flor - y distribuir
mi perfume;
Ser agua y regar la tierra;
Ser quimera y vagar por los caminos. . .
— Soy una criatura humana —
sufro y amo cual todos

Glorian Fêres.
POESIAS JUVENILES

O Soneto Traduzido

(Da Academia Maranhense de Teatro)
Felix Aires

O sonêto, a bela forma perene, a mais popular, que aparece e desaparece, e torna a aparecer, cada vez mais amada, seja na arte de Petrarca, que escreveu 317 deles, na Itália; na de Boileau, Heredia e Arvers, na França e no mundo, mercecedo análise. Benerrad, tão conhecido também numa produção imortal; Dante, que escreveu seu primeiro sonêto aos nove anos; Shakespeare, autor de 154 deles, na Inglaterra; Herrera e Góngora, na Espanha; Camões e Bocage, em Portugal; Raimundo Correia e Olavo Bilac, no Brasil.

Vejamos este mimo de Santos Chocano, na versão de Silva Lobato: O S L A G O S

Copia o lago em seus cristais cambiantes
tudo o que se ergue no contôrno vago,
como se fôsse o veludoso afago
de uma galanteria de gigantes !

Chega um rio, qual fieira de diamantes,
e, por um dom de milagroso afago,
do bosque, ao fundo verde, deixa um lago
como um colar de chispas relumbrantes !

Dir-se-ia, ao ver-se, em pós, o lago, a
[cisa hora,
que a comprida serpente, que antes fora,
se enrodilhara ali, na mata fôsca,

porque, na andina serra a pátria linha,
o rio é uma serpente que caminha
e o lago uma serpente que se enrosca!

Os mestres do passado diziam que deve o catorzeto abrir com chave de prata e fechar com chave de ouro, para a perenidade da composição única, que, embora quase a todos os nossos poetas, quando se procura restaurar, dentre nós, o gôsto pelo seu cultivo, o que já não é sem tempo, porque o brasileiro o decora e diz, e coleciona e ama.

Admiremos Salvador Rueda, na tradução de Humberto de Campos: sonêto G R I T O

Ao sondar minha dor, qual se chorara,
pedi: "Cristão, vêde meu mal traiçoeiro !
Mas os homens, sem fé, no mundo inteiro,
ver não quiseram minha sorte amara.

Cheio de nojo, procurei uma ara,
e implorei: - "Homens d'hora, a mim
[primeiro.
E, de tanto fingido cavalheiro,
nenhum, para me ouvir, volveu a cara.

- "Filantropos - clamei - predicadores,
moralistas, filósofos, doutores,
consolai o meu íntimo desgosto !

Não se ouviu meu gemido suplicante. . .
Grito: - "Canalhas!" - e, no mesmo instante,
todo mundo me olhou, voltando o rosto !

O gôsto seletivo às vêzes se prende ao drama, ao lirismo exuberante, à graça descritiva, quando a preferência ainda recái em contrastes e confrontos inesperados. As coletâneas vão acompanhando as épocas; os clássicos, os românticos, realistas, naturalistas, parnasianos, simbolistas, decadistas; estudando as tendências, características estéticas, destacando o exato estado emocional, distribuindo os autores pelas unidades continentais, reunindo-lhes a notícia bio-bibliográfica, os marcos importantes da vida.

Lorenzo Stecchetti, está aqui na tradução do acadêmico Martins Napoleão:

Eu não quero saber que coisa havia
na tua cabeleira ao ser beijada,
e se em teu seio brpnco me escondia
um coração de santa ou renegada.

Que me importa a mentira fugidia
entre duas promessas escapada ?
Do que vale fazer a anatomia
daquela hora de amor que nos foi dada ?

Não procuro indagar se junto ao mosto
havia algema droga forasteira.
Bom era o vinho e me agradou ao gôsto. . .

Eu não quero saber o quanto és casta:
Amámo-nos realmente uma hora inteira,
fomos felizes quase um dia, e basta.

Gloriosa que é a composição poética de 14 versos dispostos em dois quartetos e dois tercetos. O brasileiro gosta mesmo do gênero, daí o grande número de sonetistas que possuimos. Há um movimento até se estendendo em favor da estrofe pelo país afora. Concurso sobre diversos temas, festivais, prêmios, porque o interesse vem, afim de reconquistar o prestígio perdido. Devemos cultivá-lo, sim; porque nos fala bem de perto. Que mocidade não vibraria com o estro de Paul Claudel, Adam Mickiewicz, Walt Whitman? E sem falar no gênio de Dante e na glória de Petrarca, lembremos o extraordinário Gabriel D'Annunzio. Ronsard, o príncipe da poesia francesa, na tradução de Manuel Bandeira:

Foi para vós que ontem colhi, senhora,
este ramo de flôres que ora envio.
Não no houvesse colhido, e o vento e o frio
(é-lo-iam crestado antes da aurora.

Medita neste exemplo, que se agora
não sei mais do que o vosso outro macio
rosto, nem flôr de melhor feitio,
a tudo a idade alterada sem demora.

Senhora, o tempo foge, o tempo foge. . .
Um dia morreremos, e amanhã
já não seremos o que somos hoje. . .

Por que é que o vosso coração hesita?
O tempo foge. . . A vida é breve e vã. . .
Por isso. . . amai-me, enquanto sois bonita !

A fôrça do sonêto está nisto: encontra sempre poetas gigantes para perpetuá-lo. Amado Nervo é autor de um dos sonetos mais populares, mais amados n.s país. Trazemo-lo na paráfrase do poeta maranhense Correia de Araujo:
Covardia.

Passou com sua mãe ! Ruivo lhe brilha
o cabelo. . . Ó beleza singular !
Seu corpo escultural, que maravilha !
Que porte real ! que ritmo no andar !

Passou, voltou-se, olhou-me, e sob a pilha
do azul fascinador do seu olhar,
corpo e alma, tudo em mim: "Segue-lhe
[a trilha !"
me gritava num êxtase sem par.

Mas lembrando os meus últimos amores,
recei reabrir por novas dores
as feridas que tenho ainda a sangrar.

E embora a minha sêde de ternura,
tive medo de amá-la com loucura,
cerrei os olhos. . . e a deixei passar. . .

Mostramos ainda a virtuosidade que traduziu admiràvelmente os versos de Calderon:- Olavo Bilac.

Laura ! dizes que Fábio ainda ofendido
e apesar de ofendido, enamorado,
buscando a extinta chama do passado
nas cinzas frias avivar o olvido.

Vá que o faça, e que o faça por perdido
de amor. . . Creio que o faz por desprezado:
Porque o amor, uma vez abandonado,
não torna a ser o que já tinha sido.

Não lhe creias nos olhos nem na bôca,
inda mesmo que o vejas, como pensas,
mentir caricias, desmentir tristezas. . .

Porque finezas sôbre arrufos, louca,
finezas podem ser, mas sôbre ofensas,
mais parecem vinganças que finezas.

Agostinho de Campos, em 1936, pública "Estudo sôbre o soneto", em três cuidadas conferências. A Editora "Claridad", na Argentina, traz a lume "O Livro dos mil e um sonetos", o trabalho de coletânea mais completo respeito o assunto, incluindo composições de todos os feitios e caprichos. O mestre luso no seu juizo declara: "O sonêto nasceu ocidental, meridional, latino e católico, o que não o impediu de conquistar toda a Europa e as duas Américas".

Esta preciosidade espalha-se pelo mundo inteiro no original, na imitação, paráfrases, arranjos e serve de motivo aos afeiçoados poetas do seu gênero, estilo e modo. Mantém a forma os internacionais no brilhantismo ecumênico, fazendo grande o seu "pequeno som"; na atualidade e nas classes, na renovação e no modernismo, na vivência e na autenticidade, dentro da rutilância do pensamento humano. A Corneile, Racine, Sá de Miranda, Passo, Teofile de Gautier, Antero e os maiores representantes das miraculosas 14 linhas, nossas homenagens.

Proposição do Clube dos 21 Irmãos-Amigos

Ponta Grossa - Pr - 1976

Justificativa

"Quando a casa está pegando fogo, as pessoas a abandonam pelas portas, janelas e até pelo teto. Quando não existem tais saídas, quando se trata do planeta terra. A poluição e outras formas de destruição do meio ambiente já assumiram proporções assustadoras. É o incêndio que ameaça a todos nós. Nessa situação como em tantas outras, cruzar os braços somente pode apressar o fim. É preciso que cada um faça algo de positivo, levando o seu balde de água para combater as chamas. "(PAULO NOGUEIRA NETO - "A criação de animais indígenas vertebrados")".

O movimento mundial em defesa da Natureza tornou-se já tanto legítimo quanto urgente, porque é, sobretudo, em defesa do próprio Homem.

A proteção da Flora e da Fauna, livrando-as da depredação, efetivamente, é imperativo de salvação do gênero humano. A poluição e contaminação do ar, da terra, dos rios e do próprio mar, ou do meio ambiente em geral, pelos gases nocivos, detritos letais e inseticidas venenosos, ameaça a tudo, constituindo perigo, cada vez maior, para a sobrevivência animal e vegetal no Planeta. Não mais se trata de linismo naturalista mas de problemas ecológicos graves, de conseqüências fatais para as populações urbanas e rurais, em franco e inconsciente estouro demográfico, que só os cegos não podem ver. . .

Assim, pois, já é tempo se promovam, com todos os recursos e por todos os meios, campanhas que objetivem a inadiável proteção à Natureza, incluindo-se, nos estatutos de entidades sociais como o Clube dos 21 Irmãos-Amigos, essa alta finalidade, que representa, sem dúvida, verdadeira salvação da raça humana e seu "habitat", ante as condições adversas à sua sobrevivência, criadas pelo progresso material desordenado.

A matança de animais silvestres sem critério conservacionista, a devastação das florestas sem adequado reflorestamento, a aração provocadora de erosão, a pulverização do solo com drogas tóxicas e condenadas, as pescarias e caçadas, em épocas impróprias ou de procriação e por métodos destruidores e proibidos, a descarga de exgotos sem rigorosos preceitos higiênicos, enfim, todos os atos individuais ou coletivos, que podem, mais e mais, corromper a Natureza e a Vida, que Deus legou ao Homem – tudo isso que concorre, a olhos visto, para a crescente impurificação do espaço físico, deve ser urgentemente evitado, se quisermos conservar vivo o Homem, como animal que é.

Por essas razões, é proposta, neste ensejo, a alteração dos fins estatutários do Clube dos 21 Irmãos-Amigos, para deles constar mais um item que pode ser assim formulado:

"– promover campanha de esclarecimento, objetivando a proteção da Fauna e da Flora, e do meio ambiente brasileiro, a fim de protegê-lo da poluição, contaminação e devastação da Natureza, para a sobrevivência do Homem".

Ponta Grossa, 25-03-76

Proponente:
Lourival Santos Lima

Presidente do Clube dos 21 Irmãos-Amigos: *Dr. Clyceu Carlos de Macedo.*

Revistas, Boletins, Jornais

e outros Impressos, recebidos pelo Centro Cultural "EUCLIDES DA CUNHA" 'Até Maio de 1.976)

"STADEN-JAHRBUCH" - Band 21/22 - 1.973 e 1.974.
Diretor: Jorge Frohlich e Rudolf Lanz.
Órgão do Instituto Hans Staden.
Bela edição, em línguas alemã, contendo numerosos trabalhos, assinados por escritores e cientistas notáveis, como K. Fouquet, Anatol Rosenfeld, Gerd Kohlhepp, Horst Figge, Francisco Lange e outros vultos, já nossos conhecidos.

CIÊNCIA E CULTURA".
VOLUME 28, nº 1, 2 e 3. A interessante Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência contém artigos, relatórios, comunicações, simpósiuns e registro de sumo valor e oportunidade. Antropologia, sociologia, biologia, física e matemática, em seus numerosos pontos, são ai tratados, exemplarmente, nesta era de tanta confusão.

Alegramo-nos com o incessante progresso da nossa Sociedade.

"CULTURA" (Conselho Nacional de Cultura). Vários Números. E publicação que retrata o ativo e importante órgão da Cultura, no âmbito nacional, revelando trabalhos, pareceres e incumbências, que muito significam para os caminhos aconselháveis do saber, numa era de desorientação e subversões.

Aí encontramos Mestre Gilberto Freyre, Manuel Diegues, Pedro Calmon, Afonso Arinos, Arthur Ferreira Reis e outros mestres indispensáveis.

REV. DE ANTROPOLOGIA, Revista do Prof. Egon Schaden, volta à circulação, no último ano. É publicação de ciências e consciências, pois seus brilhantes e indiscutíveis trabalhos, como se poderá logo ver, são escritos e realizados por antropólogos de longa experiência e aplicação à matéria. Schaden, o Mestre incansável, continua a tirar novas edições da preciosa Revista, que conta com a pena insuperável dos antropólogos do Brasil e Exterior.

Tem de tudo: artigos sérios, pequenas publicações, bibliografia, etc.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS, órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil, números 79 a 82.

É seu Diretor o sábio e insigne Dr. Horácio de Almeida, que tanto tem exclarecido o passado brasileiro, sem demagogia nem distorções estapafúrdias. Contém boa matéria, destacando-se os nomes de Félix Aires, Malba Tahan (falecido), Câmara Cascudo, Othon Costa, Silvio Júlio, Raimundo Nonato e outros mais, de projeção nas letras.

Ao Dr. Horácio, desejamos muitos anos de vida e novas vitórias.

BOLETIM DO MUSEU PARANAGUARA, orgão do Museu de Paranaguá, dirigido por Loureiro Fernandes, o emérito antropólogo e poligrafo. Muita matéria atraente, tratando de aspectos vários, que se relacionam com a matéria e ciências vizinhas. O Prof. Loureiro Fernandes é um cientista de grandes préstimos. Ainda agora, o Museu passou a ser Sede dos Museus Vizinhos. Mas, por motivos de saúde, teve o Dr. Loureiro de transmitir o cargo para o esforçado e ilustre Dr. Eloi da Cunha Costa, que, estamos certos, levará tudo a bom término

Nossos votos de pleno êxito.

O ITIBERÊ, Paranaguá, 1.976,
Diretor: João Régis Pereira da Costa.
Órgão de extrema dedicação aos assuntos da comunidade, com farta e importante colaboração, devida às figuras de prol das letras locais e estaduais, como Joaquim Tramujas, Autero Régis, Mário Montanha, Xavier Viana, Ali Bark, José Waldelei Dias, Anibal Ribeiro Filho, Ginês Gibrán, Valfrido Pilotto, Vasco José Taborda Ribas e outras penas rutilantes.

JORNAL DOS PROFESSORES, S. PAULO, DIRETOR: SÖLON BORGES DOS REIS.
Jornal da classe dos Professores. O Deputado Sólon é das mais evoluídas e dinâmicas criaturas que conhecemos. Espírito culto, vernáculo e substancioso, tudo quanto dirige, adquire o caráter de coisa séria e significativa.

Seu bem elaborado jornal, de certo modo, segue a trilha gloriosa de Moacyr de Campos, com sua grande Revista. Órgão de defesa, esclarecimento e criatividade permanente, no difícil setor da educação, que aí, constantemente, aparece atualizada, no noticiário bibliográfico.

Ao Prof. Sólon, de coração, renovamos aqui a nossa admiração e solidariedade anteriormente expressas.

REVISTA BRASILEIRA DE MEDICINA, Diretor: Salgado Filho. Fundador: A. da Silva Mello.
Continua a sua gloriosa trajetória a excelente Revista de Medicina, de Mestre Silva Mello. Artigos especializados, mas de utilidade também para o público em geral, dado o modo como expõe a matéria.

O Dr. Salgado segue, na íntegra, o caminho de seu glorioso antecessor.

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE, vários números.
Diretor: Prof. Luiz Carlos Pereira Tourinho.

O Prof. Pereira Tourinho vem fazendo magnífica obra de difusão de assuntos históricos em geral, promovendo edições comemorativas, sessões de fundo cívico e paranista, no bem sentido, antologias de trabalhos de mestres antigos, tragens inúmeras de artigos, monografias, discursos e pesquisas inéditas a cargo de autoridades, nos diversos assuntos, e outros empreendimentos do mesmo gênero.

Oswaldo Pilotto, Valfrido Pilotto, Altiva Balhana, Cecília Westphalen, Loureiro Fernandes, Oldemar Blasi, Edwino Tempski, Penido Monteiro, Manoel de Oliveira Francisco Sobrinho, Ostoja Roguski, Cleto da Silva, Nicolau dos Santos, Ediberto Trevisan e numerosos outros colaboradores de valor, aí estão, seguindo, emprestando seu nome à grande Revista.

REVISTA DE LETRAS, revista da UFP, dirigida por Temistocles Linhares.
É outra estupenda publicação, que traz rico e significativo conteúdo, compreendendo vários setores do saber e da cultura. Mestre Temistocles Linhares, com seus numerosos discípulos, qual a qual, mais animados e comunicativo, e os Profs. do terreno da lingüística e filologia, aí sempre estão com seus categorizados e imprescindíveis trabalhos de pesquisa e atualizada bibliografia.

BOLETIM DO MUSEU PARANAENSE.
Diretor: Oldemar Blasi.
O Museu Paranaense está, agora, instalado em amplo e adequado prédio, onde se acha, diariamente, aberto aos curiosos e estudantes. Graças ao Prof. Blasi, esse prédio, lúcido e incansável cientista, como já tivemos ocasião de dizer, a arqueologia, a antropologia, e a própria história deixaram de ser matéria meramente decorativas ou de imaginária ausência, para contribuir, com seu rico e variado patrimônio, para o crescente aperfeiçoamento das gerações. E, por outro lado, as publicações do Museu, também, nos desvendam mistérios de séculos e milênios, como é o caso das descobertas de Igor Chmyz, Wilson Rauth, o próprio Oldemar Blasi e outros, sem falarmos nas outras seções da vitoriosa casa do Homem e sua Cultura.

Um forte abraço ao Prof. Blasi.

REVISTA FOMENTO CULTURAL, México, 1.973, Diretor: Abel Tirado Lopes.
Revista de literatura e arte, com abundante matéria informativa e de sentido cultural. Poesias amenas e de índole grandiosamente mexicana. Crônica interessante de livros novos.

CAMÕES E A POESIA BRASILEIRA, Rio por Gilberto Mendonça Teles, insigne mestre e escritor goianò, está, desde há muito, no Rio de Janeiro. Ensina, orienta e informa, de maneira admirável, pois, que, além da matéria, que se liga a tudo, ele é versado em lingüística, folclore, sociologia e outras ciências que tais. Mas, como se poderá ver, a sua predilêção é a Literatura, em seu âmbito brasileiro, com ramificações interessantes com as criações regionais e, mesmo inter-regionais.

Seu trabalho sôbre Camões, o poeta *portugues e brasileiro*, ultrapassa, de muito, os limites estabelecidos pelo tema, para ilustrar-nos com exemplos, inúmeros e preciosos, de composição do verso, harmonia oculta na disposição das palavras, elo criativo perene entre escolas e fontes clássicas, enfim, os mistérios que nunca podem ser devendados, a um timpiles e rápido exame das composições poéticas, tanto modernas como tradicionais.

O Prof. Gilberto Mendonça Teles esteve, recentemente nesta cidade, onde realizou um Curso de Literatura Brasileira, convidado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Não precisamos dizer que foi um grande feito da nossa UEP, pelo que, de coração, a cumprimentamos, esperando que outras muitas séries de aulas sejam confiadas a tão brilhante e mentalmente ágil professor.

O NACIONAL, de PASSO FUNDO.
Diretor: Múcio de Castro.
É o glorioso órgão, a serviço de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul. São páginas de civismo, cultura e convivência confortante e construtiva. Por isso, vamos acompanhar, por exemplo, os artigos de Da. Delma Rosendo Gehm e outros valorosos colegas.

Agradecidos ao Dr. Múcio.

O MACABEU, Curitiba, órgão da coletividade Israelita do Paraná. Diretor Ishuda Spiegel e outros. Excelente publicação de alegre e característica veia satírica e de informação bem dosada. Em suas páginas, o leitor se sente bem disposto e grandemente ligado à ativa e construtiva colônia.

A LÁMPADA, Curitiba, Órgão do Instituto Néo-Pitagórico. Diretor: Rosalá Garzuze.
O Instituto Néo-Pitagórico é uma das mais dinâmicas e vigorosas entidades, de fundo filosófico, do Paraná e mesmo do Brasil. Seu porta-voz é sempre cheio de dados, informações, escritos de doutrina, conclaves internacionais e outras particularidades magníficas, que se destinam a trazer nomes e lição aos povos.

Lemos, aí artigos em varias línguas: castelhano, francês, esperanto, etc. Entre seus colaboradores, descobrimos muitos, que também o eram dêste Centro.

O Prof. Garzuze, de fato, semeia o bem, na Capital, no País e fora dêle.

PRÓ-GEA, Curitiba, em defesa da Fauna e da Flora. Fundador: Alcyone de Castro Vellozo. Admirável fôlha, destinada a ensinar o homem a viver. Quanta sabedoria e quanto conselho útil e fundamental vamos aí encontrar, com o objetivo essencial de ver o "macaco degenerado" aproximar-se, em pouco mais, da mãe-natureza e assim contribuir a tornar as coisas mais amenas e suportáveis !

Agradecemos aos Snrs. Editores de "Pró-Gea".

HUMBOLDT, SCALA, FÉRIAS FELIZES NA ALEMANHA, A REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA EM RESUMO, publicações alemãs, de sumo valor e intensa repercussão, Representam o que o heróico povo soube realizar, nestes finais e penosos anos de reconstrução do País, retalhado, ocupado e desencorajado em todos os sentidos. Trabalhos de divulgação geral, que todos devem ler e meditar sobre seu alcance, principalmente as nações novas, que se fazem presa fácil de totalitarismos de todo porte.

A Democracia aparece, nestes livros, como a fonte única de progresso e bem-estar, sem nenhum receio de fantasmas das policias secretas e seus rancorosos membros, que só conhecem a linguagem da traição e violência.

NOTÍCIA BIOBIBLIOGRÁFICA DE JOAQUIM INOJOSA e MALBA TAHAN, o MERCADOR DE ESPERANÇA, por Joaquim Inojosa, Rio.
O lúcido e escrupuloso escritor, Joaquim Inojosa, é uma das mais lídimas expressões da nossa intelectualidade. Orador magnífico, crítico de raro e valioso feitio, jornalista de fôrma e intemerata intrepidez, líder de movimentos literários como a *Semana de Arte Moderna*, que tão bem criaram raízes na Província, enfim, um conhecedor do idioma e suas particularidades, que hoje nos encanta e comove, principalmente, quando em luta com os inimigos gratuitos da gente de Camões, vile foi e é, sempre, visto e admirado em tôdas as principais rodas culturais do País.

O seu discurso sôbre Malba Tahan, com o qual foi recebido na Academia Carioca de Letras, é não somente um apanhado claro e maravilhoso da vid~ e obra do *Mestre da Matemática, do Verso e do Sonho*, tôda ela um painel de beleza e humanização, como também o ponto de vista de quem, embora sendo autoridade em língua e cultura, jamais pactuou com os bolorentos e eternos espíritos do conservadorismo inútil e sáfaro.

Nossos parabéns, pois, a Mestre Inojosa, pelo régio presente que tão gentilmente, nos remeteu.

MICROFOTOGRAFIA PARA ARQUIVOS, de Albert Leitinger Júnior, ANAIS (Associação de Membros do ICOM), BOLETIM DA UNESCO PARA AS BIBLIOTECAS, ICON NEWS e Américas Publicações e revistas, destinadas a promover intercâmbio cultural, nas Américas e através do mundo. Material importante, indispensável e metodizado, que muito beneficia as bibliotecas.

RUMO PARANAENSE, nº 28, Diretor: Mamédio C. Bark, Curitiba.
Esta excelente revista, que foi idealizada por Ali Bark, recentemente homenageado, em Curitiba, pelas principais personalidades e entidades Tem o cordão de dedicar cada número a um vulto importante do Paraná, além de divulgar muita coisa sôbre filosofia, antropologia, sociologia, poesia e até, paremiologia.

O número em questão presta sincera e merecida homenagem ao grande e augusto escritor, Dr. Vasco José Taborda Ribas.

Vasco José é um dos altruístas aos conscientes e esclarecidos da cultura, em terras de Curitiba e do Paraná. Fundador de uma imensidão de centros, institutos e academias, pertencente, dêle mesmo, a mais de cem, tanto nacionais como estrangeiros, criador de "*O Formigueiro*"; que tem lançado dezenas de literatos, enfim, autor de dezenas de livros e monografias, vê-se, pois, que, apenas neste setor, já fazia jus à nossa admiração e gratidão.

Mas, Vasco é muito mais que isso, pois é advogado, professor, jornalista e outras profissões de trabalho e desencontros.

Nosso abraço ao Vasco e ao imenso Ali Bark, pelo acontecimento inédito e grandioso!

LAIAZUL, S. Paulo, Fundador: Assis Féres.
Revista de seleto pessoal e nobre propósito, pois visa a aproximar o Brasil de Indo-América e do Mundo Árabe, Assis Féres é um poeta maravilhoso, que produz sonetos de fina inspiração, comovente repercussão e cordial acolhimento, como tivemos ocasião de ver em "Euclides da Cunha", e outros poemas. Por outro lado, como se poderá ver, sua Revista tem contribuído, não pouco, para o ideal de lançar novos e valorosos nates, incessantemente, entre os quais, contamos a sua talentosa filha, Glorian Féres, da qual, em páginas anteriores, reproduzimos alguns versos.

ARQUIVOS DA PALMEIRA, Curitiba, por Guisela Frey Holzmann.
A Prof. Guisela, que todos conhecemos e admiramos por seus trabalhos de fundo histórico, é a autora desta separata. Mostra o que se deve ler e interpretar para que se possa conseguir escrever a história de Palmeira.

Bem se houve a Profa. Guisela, em mais êste fino e providencial trabalho.

LEPROLOGIA, CURITIBA,
Diretor: Prof. Ruy Noronha Miranda.
Valiosa publicação, destinada a promover o progresso da ciência da Hansenase, pondo o mundo inteiro ao par dos trabalhos realizados por especialistas, aí incluindo também a dermatologia geral.

Sôbre o Prof. Ruy já falamos, noutro lugar.

O RADAR, Apucarana, Diretor: Fernando Pereira. Jornal de variado conteúdo, sempre servindo aos interêsses da coletividade, no lato do têrmo. Aí se nos deparam artigos de boa crítica, informações de valor substancial, enfim, tudo quanto possa fazer lembrar um radar, no sentido mais positivo e modelar. Fernando, Enio, Rosemary, Pe. Haneiko e outros, com suas brilhantes atuações, nos enchem de alegria, por nos sentirmos ainda seguros e com fôrça contra a decadência moral e a subversão que tudo pretende arrasar.

Bons artigos e orientação, de retidão e brio, acima de tudo.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA e LOUÇANIAS DA LINGUAGEM, Rio, pelo Pe. Arthur Schwab. do V.D.
O Pe. Arthur Schwab é um dêsses campeões do idioma, que hoje vão, cada vez mais, rareando, pois a mentalidade primitivada do homem moderno não pode imaginar que estejamos ligados aos mestres de outrora. Tudo é "quadrado", "taxativo", etc., como se, repentinamente, o idioma que falamos brotasse dos encantos de lemanjá ou fôsse criado por um dêsses *hippies* esdrúxulos, sem mais outra. Tudo, ao simples e primitivo, nada, ao tradicional, clássico ou pròpriamente civilizado.

Como o Pe. Schwab, as coisas se passam, de outra maneira. *Dicionário*, de custosa realização, bem elaborado e bem dotado, quanto aos fundamentos, como no que se relaciona com o patrimônio de língua. O mesmo sendo lícito dizer das *Louçanias*, maravilhosamente escolhidas, analizadas e empregadas, em contacto certo e louvável com os clássicos brasileiros e portugueses.

Que o Pe. Schwab, com sua modéstia e capacidade, nos honre com outros trabalhos como os atuais !

revista formulárius de álgebra, geometria, mecânica, hidráulica, estradas; tábuas de potências, senos, tangentes, logarítmos; anúncios de balanças, instrumentos topográficos, locomotivas. . . até chegar às páginas do diário:

12/1 – Têndo sido nomeado a 17 de novembro Inspetor das Colônias Militares do Paraná, ajustei hoje as minhas contas e recebi do Quartel General as passagens para seguir no vapor de 17.

17/1 – A bordo do vapor Rio de Janeiro saímos da Côrte às 10 1/2 horas da manhã. Tempo bom. Mar calmo.

18/1 – Às 9 horas chegamos a Santos e saímos às 2 horas. Tempo bom. Mar calmo.

19/1 – Às 6 horas entramos na barra de Paranaguá. Às 11 1/2 chegamos a Antonina. Iniciei telegrafou dizendo que permoitava no rio de Meio com o carro.

20/1 – Chove torrencialmente em Antonina.

21/1 – Continua chovendo torrencialmente. Seguiu minha bagagem.

22/1 – Saímos de Antonina às 7 horas da manhã. Chegamos a São João às 10 1/2 em casa do J. Negrão, onde almoçamos. Saímos à 1 1/2 horas e chegamos ao rio do Meio às 5 1/2. Estrada horrível.

23/1 – Saímos do rio do Meio às 7 horas e chegamos a Curitiba à 1 hora.

Apanhou a caneta de sôbre a mesa do ajudante-de-ordens e escreveu:

26/1 – Apresentei-me ao presidente Oliveira Belo.

A leitura do diário levou-o a pensar nas dificuldades da missão. Viajar até Chopim, Chapecó e Jataizinho não era nenhuma brincadeira. Cada inspeção àquelas longínquas colônias militares o obrigava a percorrer no mínimo 600 léguas, das quais apenas 40 em navio fluvial e as restantes 560 em lombo de burro! Nos dias que passara em Antonina pensara bem no assunto. Por diversas vêzes Maria Leocádia o encontrara mergulhado em cismas. "— Que se passa com vosmecê, Tourinho? ", perguntara-lhe então. "— Preocupações com a viagem das crianças até Curitiba" — dissera-lhe para despistar. Então seu pensamento fixou-se na figurinha muda da esposa. . .

Interessante as encruzilhadas do destino! Ao chegar pela primeira vez ao Paraná, em 1864, para fiscalizar a construção da estrada Dona Francisca, entre Joinville e Rio Negro, Maria Leocádia era uma menina de 10 anos. Mas só foi conhecê-la em 1870. Em 1867, a 23 de agôsto — dia frio, ventoso, irritante — era presidente da Província o dr. Polidoro César Burlamarque — recebeu das mãos do engenheiro Antônio Rebouças a direção das obras da estrada da Graciosa. As obras da 6ª e 7ª secções estavam terminadas. Ao público ficou franqueado o trecho compreendido entre o riacho das Laranjeiras, na Borda do Campo, até a Barreira, na extensão de 34 quilômetros. Sua tarefa, portanto, seria concluir o trecho de serra entre Barreira e São João, e iniciar os trabalhos da 5ª secção do 4º distrito, que compreendia a entrada da capital pelo prolongamento natural da rua do Nogueira — embora inústissem os Leôet que se fizesse pela rua da estrada da Marinha, lateral aos terrenos do Passeio Público. Todavia, só em 1870, ao assumir a presidência o dr. Antônio Luiz Afonso de Carvalho, então, talvez por influência do vice-presidente, dr. Agostinho Ermelino de Leão, os trabalhos de construção foram intensificados, embora o Govêrno Imperial achasse de contemplá-la com verba nos exercícios de 69 e 70, alegando a existência de um saldo de 120 contos no orçamento provincial de 68, que fôra aplicado na Graciosa. Porém, o novo presidente não admitia meias medidas. Compreendeu a importância da estrada e tomou a decisão heróica de determinar a contratação das obras que faltavam. Com êste intuito elaborou e fez estabelecer uma tabela de preços unitários. Depois, mandou pôr em hasta pública tôdas as secções por fazer. O 4º Distrito — trecho de campo — foi adjudicado aos empreiteiros Albino Schimmelpfenng e Jacob Hey; o 1º foi dividido em pequenas empreitadas a Felipe Hey, José Leonardo da Silva, Ramos Picaflores, Fernando Schneider e Silva Pontes; o ramal São João-Pôrto de Cima, contratou-se com Jorge Druzina; o que restou — o famoso morro do Bicho — não encontrou concorrente; finalmente, não foi levado a hasta pública o ramal de Pôrto de Cima porque seu estudo geométrico não fôra concluído. Então, tendo encarregado seu auxiliar, engenheiro Wiedland, das obras de serra-acima, o ajudente Azambuja Parigot da conclusão dos estudos do ramal de Morretes, reservou para si as obras do 1º Distrito, de maior responsabilidade por conter o trecho final de serra. Foi quando passou a residir em Antonina.

Fixou os olhos no teto de peroba como se quizesse alheiar-se do que existia em redor. . . Reviu Antonina. . . Manhã de inverno, temperatura amena. Saída da missa. Com 32 anos já se considerava um solteirão impretérito para o casamento. Foi quando distinguiu num grupo de moças que passavam, a mais miúda, a mais delgada, de feições extremamente meigas.

"— Quem é? " — perguntou ao comendador Antônio Alves de Araujo, opulento industrial e prestigioso chefe político, com quem palestrava na rua principal.

— É a menina Maria Leocádia, filha do primo Alféres Antônio José Alves e da dona Joaquina Soares da Costa. . ."

No mesmo ano, casou. Em 71 nasceu o primogênito Mário. A diferença de idade e a natureza doentia de Maria Leocádia, faziam com que ele a tratasse como filha. E agora, gravemente doente, às vésperas de sua partida para o sertão, de onde talvez não regressasse com vida, sua preocupação era a família. . . Maria Leocádia, Mário, Temista, Mercedes, e o caçula Plínio, que completaria 3 anos em fevereiro.

— Então, na opinião de V. Excia. devo assumir a presidência?

— Por que não, meu caro comendador? Uma vez que seu intuito Antônio não acertou a reeleição para a Assembléia, nada mais justo que o lugar caiba a V.S.

— E a composição da mesa?

— Fica à sua discrição. . . conheço pouca gente do Paraná.

Manoel Alves de Araujo lançou mão de uma folha onde estavam relacionados os 22 deputados que compunham a Assembléia Provincial. Pensou durante alguns segundos.

— Para a vice-presidência não encontro ninguém melhor que o Dr. Generoso Marques. . . É curitibano, advogado, moço, talentoso e experiente. Elegeu-se pela primeira vez em 1866, com apenas 22 anos. . . é sobretudo é liberal da gema!

Correu o dedo na lista.

— Agora, para a 2ª vice-presidência proponho o lapeano dr. Emílio Westphalen, ilustre desembargador. . . e para a 1ª secretaria o dr. José Lourenço de Sá Ribas, também curitibano, bacharel em direito. . . e excelente contador de caspê.

Sorriu.

— Tem uma imaginação fertilíssima ajuntou.

— Não está muito velho para o cargo?

— Anda pela casa dos 64. . . mas compensamos isso entregando a 2ª secretaria ao coronel João Manoel Correia Viana que está na flôr da idade - 31 anos — homem muito operoso, prático, acostumado a lidar com a indústria da erva, do arroz e no comércio atacadista.

— E os dois suplentes?

— A cruz e a espada. . .

— Não entendo. . .

— O cônego José Jacinto Linhares e o Brigadeiro Hipólito, meu irmão, ambos antoninenses.

— Os paranagenses não ficarão magoados?

— Paranaguenses só temos o Santos Andrade, o Manoel Eufrásio Correia e o Manoel Francisco Correia Junior, hoje mais entrosados na política de Curitiba que na de Paranaguá. . . V. Excia concorda?

— Confesso pouca gente. . .

— Visitamos a freguesia de Rio Negro?

— Na semana do Carnaval, de 24 a 27 de fevereiro, está bem! Há algo por lá que vale o sacrifício da viagem?

— Creio que sim. . .

O presidente levantou-se. Sem parar de falar, o comendador ouvia. . .

— Até 1816 a região estava infestada de botucudos que dominavam tôda a área até as margens dos rios do Peixe e Timbó. Daí para o oeste tomavam os coroados. O local onde hoje assenta a vila de Rio Negro ficou conhecido por Sertão da Mata e serviu de pouso e registro fiscal às tropas que viajavam de Vacaria para Sorocaba. Porém, como os botocudos teimassem em incomodar os viajantes, o govêrno paulista encaminhou para ali muitos mamelucos, até que, em 1816, estabeleceram-se 50 casais de portugueses açorianos.

— E como se chegava lá?

O comendador ouvia a carta pendurada na parede.

— Os primeiros descobrimentos devemo-los ao bandeirante curitibano Zacarias Dias Côrtes, em 1720. A repercussão foi tão grande que o governador da capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, exigiu que a Câmara de Curitiba lhe enviasse uma planta da região com o roteiro percorrido por Zacarias. Em 1727, estando no govêrno de São Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, foi incumbido o sargento-mor Francisco de Souza Faria, militar português, de abrir uma estrada que partindo de Laguna alcançase Curitiba, pondo o continente de São Pedro do Sul em comunicação com São Paulo, através dos Campos Gerais. Após muitíssimo Faria chegou aos campos de Lages, em 1731. Ali foi aprisionado e processado por ter mandado prender um padre do convento de Araranguá, responsável por contrabando; ele quis os religiosos julgavam-se no direito de conduzir gado e cavalgaduras pela estrada sem pagar direitos. Enquanto isso acontecia no sul, em 1729 a bandeira comandada pelo capitão Manoel Rodrigues da Mota abria a picada no sentido de Curitiba-Lages. Mas os dois caminhos não se encontraram. Então, o primeiro Mota, às suas expensas, organizou nova bandeira que que procedeu à retificação do traçado. A partir da abrir-se definitivamente a ligação terrestre entre São Paulo e o Rio Grande do Sul.

— E os alemães, quando chegaram?

— A primeira leva, em 1829. Era constituída de doze famílias católicas, procedentes de Luxemburgo e outros pontos da Alemanha. São os von Fiches, Sauer, Grein, Pixeni, Artigaud, Schuck, Schultz, Roth, Loffel, Peters e Kraus. Compunha-se de 60 pessoas. Nove meses mais tarde, isto é, em novembro do mesmo ano, chegaram mais 17 famílias com 79 pessoas. São os Schobelmann, Becker, Nuzer, Storkchneider, Rauen, Groten, Guebert, Han, Valiure, Mulber, Granemann, Stresser, Numer, Lungles, Kiros, Schird e Bley, sendo que êste último — Nicolau Bley — escreveu interessantes memórias nas quais relatou o sofrimento dos primeiros colonos.

— Então V. S. não deve esquecer de convidar os deputados Cleve Westephalen e Virmond para nos acompanharem — disse o presidente para encerrar o assunto. E perguntou:

— Falam o alemão, não é?

A porta abriu-se. Manoel Alves de Araujo estacou surpêso.

— Vosmecê por aqui, dr. Tourinho?

— E abraçando-o: Supunha-o na Côrte!

Soubesse disso ter-me-ia demorado menos. . .

— Seguro o capitão pelo braço e conduziu-o à presença do presidente.

— V. Excia não o conhece?

Oliveira Belo levantou-se:

— É o capitão Medeiros Tourinho?

— Exato — adiantou-se o comendador. E explicou: — A Província deve-lhe os mais assinalados serviços. Aqui chegou para fiscalizar a construção da estrada de dona Francisca, entre Joinville e Rio Negro; depois foi transferido para a Graciosa, que concluiu, tendo-a recebido das mãos de Rebouças; finalmente trazou e construiu o trecho inicial da estrada de Mato Grosso, entre Curitiba, Campo Largo e Palmeira.

O Presidente estendeu cordialmente a mãos ao capitão.

— V. S. é o novo inspetor das colônias militares, não é? Trabalho árduo.

Fez uma pausa para refletir.

— Sabe que já o conhecia de nome?

Monteiro Tourinho lançou-lhe um olhar de curiosidade.

— Sim. Li a "Descrição da Província do Paraná", trabalho elaborado por V. S. e os ilustres drs. Muncil e Lourenço de Sá Ribas. Acompanhei a leitura com a sua carta geográfica. E ajuntou: — Era o único meio de conhecer a terra para a qual me designaram presidente. Acompanhar a descrição pelo mapa que V. S. elaborou na presidência do Polidoro Burlamarquer facilitou-me sobremodo a compreensão.

O comendador bateu amigavelmente nas costas do capitão. O presidente continuou.

— V. S. é matemático?

— Apenas bacharel em ciências físicas e matemáticas. . . Posso saber por que?

— Vê-se pelo plano de trabalho: dividir cada dificuldade em tantas partes. . . e depois analisar uma a uma. . . não é a primeira regra do método cartesiano? E V. S. não começou a descrição dividindo o território em duas regiões distintas — o litoral e o platô — para, a seguir, tratá-las separadamente?

Monteiro Tourinho fez um sinal de assentimento.

— Sentemo-nos — convidou o presidente. E dirigindo-se ao visitante:

— Então a apresentação de V. S. prende-se. . .

Apenas uma apresentação, excelência, por ter sido nomeado inspetor das colônias militares de Chopim, Chapecó e Jataí.

— É muita disposição de sua parte. . .

Sentado no amplo sofá forrado de veludo, Monteiro Tourinho passou uma vista de olhos na sala. Demorou-se, particularmente, na galeria de retratos dos ex-presidentes. E enquanto Oliveira Belo assinou alguns papeis que lhe foram apresentados pelo ajudante-de-ordens, houve tempo para trocar algumas palavras com Manoel Alves de Araujo a respeito das famílias. A conversa foi cordial, embora o comendador estivesse filiado ao Partido Liberal, chefiado por Jesuino Marcondes, com quem Monteiro Tourinho se atritara na questão das terras de Pugas, destinadas aos russos.

— Como se comporta a Graciosa com as chuvas de verão? — quiz saber o presidente.

— Pestilmente. . .

— V. S. foi um dos seus construtores. . . e há quem diga que custou muito caro aos cofres da província, cêrca de 2 mil contos?

— V. Excia pensa assim?

— Não sou engenheiro. . .

— Eu não tenho a mesma opinião. . . Se a Graciosa hoje é onerosa à província é porque se gastou pouco na sua construção. Sua conservação é difícil é cara. Ora, uma estrada é como um corpo organizado que vem a perecer se não assumia definitivamente uma quantidade de substância igual à que perde. Não se exagere, portanto, o princípio da economia que não consiste em gastar-se pouco, mas em gastar-se proficuamente. . .

Oliveira Belo engulia em sêco. O comendador acudiu.

— Dr. Tourinho tem razão, presidente. . . Contou-me o saudoso Lamenha Lins que muitos consideravam impossível última a Graciosa com as dificuldades financeiras da província. . . A Graciosa deve ao dr. Tourinho os anos decisivos que vão de 67 a 73, quando foi concluida. E sabe V. Excia quantos presidentes tivemos nêsse intervalo?

Levantou-se e apontou para a galeria de retratos:

— Horta de Araujo, Antônio Augusto da Fonseca, Antônio Luiz Afonso de Carvalho, Venâncio Lisboa e Frederico José de Araujo Abranches. . .

— Presidentes em demasia — concordou Oliveira Belo.

O Mordomo trouxe o café. O presidente delicadamente serviu as visitas e tomou ao assunto.

— Alguém, que não me lembra a memória, afirmou-me ter sido a Graciosa um êrro. . . A picada do Itupava não só era mais curta, como evitaria o ramal de Morretes. Que me diz V. S., dr. Tourinho?

O capitão não teve pressa. Mexeu o café com a colherinha e só depois de prová-lo, falou.

— São coisas do passado, excelência. . . O estudo técnico coube ao ilustre engenheiro Beaurepaire Rohan. . . mas a decisão política foi do presidente Zacarias.

— Então houve decisão política?

— V. Excia se certificará se tem paciência para consultar os relatórios da época. . .

— É fácil obtê-los no Arquivo Público — interveio o comendador.

— Para que desenterrar cadáveres — retrucou Oliveira Belo.

— . . . no que Beaurepaire apresentou a Zacarias, a picada da Graciosa já aparecia com duas vêzes a extensão da Itupava. O motivo alegado foi a diferença de altitude das gargantas da serra. . . sendo a da Graciosa apontada com 100 braças e 8 palmos mais que a do Itupava. . .

Ingenu o resto do café.

— Ora, na verdade, tão grande diferença do nível entre os pontos culminantes das duas picadas — o que hoje sabe-se não ser verdade — postas em comparação, seria o bastante para abandonar *in-limine* a Graciosa, porque os mais triviais princípios da arte dos traçados de estradas aconselham procurar as mais profundas depressões nas transposições das serras.

Sorriu.

— Não vamos indagar como se fez êsse nivelamento que deu tão estranho resultado, mas é de se acreditar que o barômetro do engenheiro Villavia estivesse louco ou desregulado. . . Porém, é justo levar-se em conta que os 12 contos que o Império deu à Província para multiplicar os Graciosas, conforme diz o relatório de Zacarias — não seriam suficientes para estudos completos. A outro lado, a nascente província, nonha de finanças, desanimaria totalmente ante a idéia de uma via da comunicação cujo estudo custasse algumas dezenas de contos de réis. Portanto, êles não podiam desviar de imediato as influência do meio social. Realmente, quanto à extensão, ao número de travessias de córregos, aos volumes de pedra-sôlta a deslocar-se a pólvora e a alavanca, davam evidente preferência à picada do Itupava. Não obstante, para um estudo mais acurado, convinha reduzir-se todas essas quantidades heterogêneas a uma só espécie — valor em dinheiro — para fazer-se a comparação dos totais. Na verdade praticou-se isso sòmente com a primeira e a quarta parcelas — extensão e rocha viva — e o resultado foi assim mesmo contrário à Graciosa, conforme o próprio

engenheiro Villalva expôs no seu relatório. . .

— Entanto. . .

— . . . interveiu a política do baiano Zacarias. . . — completou o comendador. . .

— Sim — concordou Monteiro Tourinho. E explicou: — No relatório da presidência consta que a maior extensão da Graciosa produzirá uma despesa excedente à do Itapera de apenas 2 contos e 100 mil réis, e que "em tudo o mais" as condições de construção sólida e econômica favoreciam a Graciosa.

— "Tudo o mais" o quê? — quiz saber o presidente.

Monteiro Tourinho levantou-se e com o indicador apontou para a carta pendurada na parede.

— Na minha opinião — disse — êsse enigmático "tudo o mais" — lacônico desabafo do conselheiro Zacarias — só podia significar o problema da insolação da estrada, melhor na Graciosa. O costão do Mãe Catira, por onde gôga a terra, está voltado para o norte. Ora, na latitude em que nos encontramos isso garante-lhe insolação durante o ano todo. O mesmo não acontece às encostas voltadas para o sul, só insoladas no período de 21 de setembro a 21 de março. . .

— E somente isso superaria as outras vantagens da Itapera? — inquiriu o presidente.

Monteiro Tourinho tornou a sentar-se e aceitou mais café.

— Saiba V. Excia que a água é inimiga vital das estradas. . . não obstante, considero êrro o govêrno ter perdido de vista os interesses de Morretes e Porto de Cima.

— Policiagem dos pamanguaras — resmungou o comendador.

Monteiro Tourinho sorriu.

— Na minha modesta opinião — disse ao se fazer o balanço comparativo, ao invés da Graciosa entrar só, deveria ter entrado com o pêso do ramal de Morretes, qüe depois custou à Província quantia superior a 300 contos!

— Mas V. S. — segundo me contaram — foi contra a idéia aventada por Rebouças de abandonar-se a linha do rio das Pedras a Antonina para substituí-la por outra que passando por Morretes se dirigisse àquela cidade — insinuou maliciosamente Oliveira Belo.

Monteiro Tourinho compreendeu o alcance da pergunta. No íntimo sabia que a idéia aventada por Rebouças tinha endereço certo: agradar ao presidente Fleury. Mas não achou elegante tratar do assunto nêsses termos devido a estar ausente o grande engenheiro de quem recebera a Graciosa.

— De fato, excelência, fui contra a idéia aventada por Rebouças. . . mas isso ocorreu em princípio do a n o de 1865, quando as obras da Graciosa já estavam bem adiantadas. . . embora o presidente Fleury e muita gente graúda lhe dessem aprovação. . .

— Também fui favorável — confessou o comendador.

— Outros foram contra, ou levados por preconceitos políticos, ou por compreenderem que se assim acontecesse a importação e a exportação ficariam agravadas com o transporte de légua e meia a mais! Aliás, o projeto não assentava em dados seguros. Nenhum estudo fôra feito que o pudesse justificar e orçar.

Oliveira Belo assentiu com a cabeça.

— Concordo, capitão. . . concordo. Então a culpa cabe exclusivamente a Zacarias. . . Entanto, pergunto a V. S.: que razões políticas o levaram a se conduzir assim? Que poder maligno tinha Morretes que pudesse prejudicar Paranaguá ou Antonina?

Tornou a movimentar a cabeça.

— Sim. . . é incompreensível! Convivi com o Zacarias na Côrte. . . inteligentíssimo, mordaz, excelente orador, aparteador emérito. . . sobravа-lhe espírito. . . Daí o dito: baiano burro nasce morto!

— Sua intenção era salvar Paranaguá e Antonina das "forcas caudinas do rio dos Morretes" — aparteou o comendador em tom de mofa.

— Forcas caudinas! — exclamou o presidente. E intrigado: — Que diabo é isso ?

O comendador escondeu o sorriso com a mão. Depois esclareceu:

— Também eu, meu presidente, curtei a entender o que Zacarias quiz dizer com a expressão "forcas caudinas do rio dos Morretes" Durante muito tempo permaneci intrigado até que um dia o José Lourenço decifrou-me a charada. . . embora não julgue apropriada a imagem usada. . . Imparcialmente — e com o maior respeito devido à memória de tão ilustre estadista. . .

— . . . prematuramente roubado ao serviço da pátria a que tanto honrou — completou o presidente.

— . . . sempre achei descabida a tirada de Zacarias.

— Vamos ao que importa.

— V. Excia não desconhece a história de Roma, A república nascente vencera a maior parte das nações vizinhas, porém, ao tentar sua expansão para o sul da península, tropeçou nos samitas, povo de costumes rudes e muito belicoso. Possuíam as mesmas armas, a mesma disciplina, os mesmos hábitos de combate dos romanos. Ao romperem as hostilidades, os samitas acamparam perto de Caudium — daí a expressão caudinas no meio das montanhas. Pontius Herennius, seu general, resolveu atrair o inimigo a um desfiladeiro no qual seria fácil cercá-lo. Dez soldados samitas disfarçados de pastores aproximaram-se da vanguarda inimiga e pasmaram o boato que as tropas de Herennius assediavam Lucélia, cidade aliada de Roma. Para lá chegar o comandante romano escolheu o caminho mais curto, embora o mais perigoso: um desfiladeiro profundo, estreito, coberto de florestas. Contudo, mal ali chegaram, os romanos perceberam que as alturas estavam tomadas por soldados inimigos e as saídas bloqueadas. Só restavam duas alternativas: render-se ou morrer. O pai de Pontius Herennius, homem experimentado, sugeriu ao filho duas soluções: liberar os romanos sem qualquer vingança para transformá-los em amigos, ou trucidar todos para golpear mortalmente a juventude república. Pontius não aceitou nenhuma das sugestões. Decidiu humilhar o inimigo. A saída do desfiladeiro fez levantar forquilhas, fincadas na terra, e uma tereira por cima, disposta horizontalmente. E depois de obrigar os romanos a deporem as armas, fê-los passar de cabeça vergada sob o instrumento de opróbio. Daí porque a expressão" "Passar sob as forcas caudinas" — isto é, de Caudium — entrou na linguagem universal para caracterizar tôda concessão onerosa ou humilhante arracanda aos vencidos.

— E Morretes tinha por hábito humilhar Paranaguá e Antonina? — indagou o presidente.

Araujo fez um muchôcho com a bôca.

— Nunca, excelência. Por isso sempre julguei fora de propósito a imagem usada por Zacarias, embora, sem a Graciosa, todo o comércio de Paranaguá com o planalto devesse ser feito subindo o Nhundiaquara e passando obrigatòriamente em Morretes. . .

— E como foi o desabafo de Zacarias?

— A estrada da Graciosa e o porto de Antonina libertarão o comércio das forcas caudinas do rio dos Morretes. . .

LA PRESENCIA DEL INDIO EN LA POESIA DE RUBEN DARIO

(fragmento de una conferencia dictada en el Seminario de Indigenismo por la Srta. Mª Isabel F. de Colosía)

Rubén Darío en sus pocos poemas referentes al indio, lo describe en diversos aspectos. Si Rubén es universal en el conjunto de su obra, también lo es en el aspecto indígena. No sólo canta al indio de Nicaragua, sino también al de Méjico, Chile, etc. etc. . . . . en sus más grandes figuras.

Para el indio que ve Darío está entre la realidad y el idealismo poético. El poeta ha elevado tanto sus virtudes como sus defectos a un mundo de fantasía. Muchas veces nos mezcla a los dioses mitológicos griegos con las viejas razas americanas.

El poeta analiza al indio lo mismo en su aspecto físico como espiritual. Hasta su indumentaria la describe de formas distintas según el estado sicológico del personaje.

En Caupolicán, por ejemplo, nos presenta al indio bravo, semidesnudo, sin armas, sólo con lo que la naturaleza le donó. Es el indio guerrero que tiene : "Por casco sus cabellos, su pecho por coraza".

Sin embargo, cuando el indio está enamorado, como en la "Chinampa", le engalana con manto de plumas. Casco que son las fauces de un puma, en el cualtiembla un grueso penachо de color. El contraste es notorio.

En su aspecto físico y espiritual, nos lo describe como "Hombre de ojos sajones y alma bárbara", "libres como las águilas" como un "pueblo vibrante, fuerte, apasionado, altivo", que vive de "luz, de fuego, de perfume y de amor".

Como podemos observar es un mundo ideal, en el que el poeta nos hace resaltar una y otra vez su temperamento apasionado, cuyas causas las encuentra Darío en la misma tierra donde habitan, ya que es: "Tierra de huracanes", "de selvas foscas que vibran con el calor del día".

Es por lo tanto un indio que se identifica con la naturaleza.

En fin, el indio de Rubén Darío es el hombre que:

"SUEÑA, AMA Y VIBRA"

Trufas

Vasco José Taborda Ribas.

Eu sou uma folha perdida,
Perdida na imensidão
Da paixão que intimida,
Em profunda solidão.

MÃE

Há tantos versos de amor,
Nunca nenhum me empolgou
Quanto os que têm o calor
Que o teu amor me inspirou

Todo livro é letra morta
Enquanto ninguém o ler;
Depois, outo na retorta
Do desejo de aprender.

Eu gosto de carne tenra
Muito doce no apalpar. . .
Mas gosto de carne adulta
Maneirando à Beira-mar. . .

Macaco, animal vaidoso,
Que gosta de se mostrar,
Faz micagem só por gôzo,
Querendo ao homem imitar.

O barro é elemento útil
Serve até para panelas,
No entanto Eva por ser fútil
Provocou dor de canelas. . . . .

Filosofia

De Sá Barreto.

Se a vida é perenal irradiação
e nada se cria
e nada se perde
tudo se transforma
na natureza:
– a morte não existe.

A ciência prova que é assim
e, lógico, daí,
que a esperança, o consôlo
e até mesmo a certeza,
tomem conta de nossos corações
e nos convencam de que tanto faz
vivo estar
como estar morto.

Poderei morto, porém,
como agora, vivo, fruir
o instante inesquecível
de ser, inebriado,
esta ínfima rãzinha verde,
enlevada e frenética, coaxar
em louvór deste junco trêmulo,
à beira da lagoa? . . . . .

("Pássaro Sem Asas").

VVV

Fala a muitos rebeldes

(Da Academia Paranaense de Letras)
Valfrido Piloto

De poeta modemista intentas merecer,
com prestígio,
o título,
Mas de que valerá tão só usares,
vãmente,
um título?

Para que na verdade ao teu tempo pertenças,
e, mais que pertenças,
sejas útil,
mister se faz, ó meu amigo,
que, antes de tudo, te debruces nos recessos
de tua alma, bem lá dentro,
pois, se as águas forem as mesmas,
bastante escuras, velhas, tristes, prêsas,
paradas no fundo,
cá fora paradas,
como há de aí florir a flor de sol que almejas?
como há de ser o sêr que o novo sêr procura?

Até agora, apenas tua fôrça esteve
na rebelião de pôr em cinza os pontos e as vírgulas,
de, em sangue, derruir as pobres das maiúsculas,
– tudo na festa libertária,
que, aliás, já vai velhinha,
em que se trucidou a rima
e em que se deu sumiço à métrica. . .

Compreendo essa ânsia nova em que alvoreces
e que algo de incomum requer para a tua mensagem.
Onde, porém, embebes os teus versos,
que dos mesmos nada advém de belo, heróico e /sábio?

Ignoras, por acaso, a dor em que se inflama
o flagelar de um mundo em agonia extrema ?
Onde está o alento?
Onde a emoção que nos descanse e eleve?

Usas palavras,
arrevestadas fórmulas,
nenhuma fórmula.
Mas restam geladas as tuas estrofes,
e ôca é a tua encenação.

Como desejas ser moderno se isso tudo
em que te emaranhas
e de que te enches de vaníglória,
é o antigo?
Se nada sabes sôbre a tua densa história,
se nem sentes o oculto de onde vens,
e nem nos sentes, nem nos fazes te sentir?
Se nem
te expões,
nem nos expões
na luz?

Fugirás é do mêdo,
culturais o fratemo,
não serás mais escravo,
pensarás bem liberto,
sonharás de olhos no alto,
usarás a razão!

Verás, assim, que môças as palavras e que /prodigiosas,
e como o verso, renovado, pousará nas almas.
Verás como te integras
no teu enigma,
no do teu povo,
no das angústias que escurecem tôda esta hora.

Em teu poema haverá, então, poesia.
Em teu grito estará, então, o amor.
A poesia das extensas asas virá que não param /no lodo.
O amor que sobe e guia em holocausto à /redenção geral.

PARANAVANA PARA CURITIBA

MEU AMOR

VASCO JOSÉ TABORDA

Curitiba
verdaru
cidade decente
da minha boa gente
q. povoou pinheirais
q. hoje não são.

Curitiba
espraiada de 7
colinas
verdes
morrentes nas campinuras
cheinha assim
de crianças garrulas
gurias bonitas
mil trejeitos
de cativar.

Curitiba
sindusrializa
crescendo implode
gerando bairros,
fábricas aulas
casario pre ou não
multicolorido
alegrer vias
rostos corados
lindas matronas
de porte ameno.

Curitiba verdaru
teoremas
confusões
rush rugé
fungé funcia
milionária
embrionária
telepártica
petrolítica
politica
se embeleza
se pimpona
se enfavela
inteligentizi
no vive-vivendo.
da escola grande.

Curitiba verdaru
Urbi et orbi
gentarada
olhos conta
amendoados
nostálgicos
preto brancos
rosados
tudo todos
no cabo da enxada.

Curitiba verdaru
mentira
muitos curitibas
refestelados
mercedes bem
galaxie ein
q. formidável
verdaru cidade.

Cresce crescendo
cárles vertendo
nas verticais
estupidamente
arranha-céus
pululando
poluindo
tampando paisagem
pasto matando
e o povão
na rua entrega
e se lixa
na inflação costumeira
triscar comprando
fantástico plástico
imundicie
na balança internacional.

Curitiba verdaru
cidade crescida
frajola e alegre
de aninho novo
cara nova
rebocada de "velha"
q. tombamento
bobice
terra moça
estuante vibrante
vade retro velharia
et velhacaria.

Curitiba verdaru
surge ressurge
ex-surge refulge
ao sol solíneo
do poente ridente
do "buraco da velha"
sibarita
esquisita
bonita bonita
Curitiba dos poetas
da juventude
de estudantes
dos boêmios
dos operários
e patrões
Curitiba Curitiba
7 colinas
formigosas
ululantes
buzinantes
de vida e desejos
de luta e de dor.

Curitiba verdaru
sem misseis difeicis
sem tanks medonhos
sem desamor
sendo milheiros
juntos seguimos
buscando o porvir.

Curitiba verdaru
criança progrida
engrandeça
espaceje
redonda
quadrada
por toda vidinha.

Curitiba verdaru
de brasis
e estranjas cheia
recheia
flores e flores
pra ti meu amor.

(1853 / 1976)

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

DUALISMO ANTAGÔNICO : UM PRINCÍPIO UNIVERSAL

Ruy Miranda

Princípio: base, origem, razão fundamental, lei científica de aplicação geral. "No princípio. . . as trevas cobriam o abismo. . ." – disse o primeiro historiógrafo da humanidade. Princípio também, por exemplo, encontramos na Física clássica; aquele bem conhecido de todos e re-examinado modernamente, em face da teoria da relatividade; o "da independência do movimento" (A ação de uma força sobre um corpo é independente do estado de repouso ou de movimento do corpo). Com base no mesmo não se pode saber – afirmam físicos e astrônomos – se a nossa Terra, ao lado das influências mecânicas que recebe de outros corpos celestes, está em repouso ou tem algum movimento próprio.

Menção sobre a existência de uma "dualidade eterna", sob a forma de um dualismo antagônico, baseada na ciência investigativa e experimental, foi ouvida na Universidade de Buenos Aires, em setembro de 1974, quando um professor brasileiro proferiu conferência acerca do "iatrotopismo". Êste termo foi criado pelo conferencista, como um neologismo da nossa língua, para significar a cura de doenças inflamatórias ou tumorais, em seguida à retirada intensional de uma de suas partes. Mas, disse o orador: ". . .fenômeno oposto ia sendo observado. . . do agravamento do queloide" (espécie de tumor cicatricial), "sempre que era atingido cirurgicamente da piora de certos tumores, quando eram traumatizados ou biopsiados". Com a mengão de mais exemplos ficou ali, naquele dia, ressaltada a existência desse dualismo, que existe e é de fato eterno – completou o conferencista – "como que a equilibrar o universo". Ficou caracterizado, então, não mais como o simples enunciado filosófico e, de certo modo, dogmático do cartesianismo (século XVII), esse grande princípio a presidir as coisas.

Voltando ao primeiro historiógrafo – aquele que descreveu o princípio de tudo que existe e que se chamava Moisés – pode-se ler, em seguida: "Faça-se a luz". Então ELE, o autor de todas as coisas, "chamou à luz *dia* e às trevas *noite*". Deprende-se por isso, e de acordo com o depoente bíblico, que a feitura da luz, como segundo ato da obra da criação, que ELE achou que "era boa", que iluminou a noite com a claridade do dia, e mostrou com a luz o que havia na escuridão, opondo-se às trevas que cobriam o abismo, foi, em verdade, o primeiro dualismo de todos os tempos, o qual já argumenta em favor da existência desse princípio universal, pois foi plasmado dentro de um peculiar antagonismo. Antagonismo que não é tão somente histórico ou apenas perceptível pelos sentidos; muito ao contrário, ele, representa uma oponência que comporta um sentido de grande filosofia, por ser de imperiosa necessidade biológica, e que concorre, como tantos outros, "à equilibrar o universo".

Realizando uma excursão pelos domínios do conhecimento humano, não é difícil encontrar numerosos e variados exemplos disto que ora está sendo formulado. Na Eletricidade; a atração e a repulsão; na Mecânica, as ações e as reações; na Matemática, os valores positivos e negativos; na Microbiologia, o crescimento microbiano e os antibióticos; na Patologia, o iatrotopismo e o patotropismo; na Nutrição, as vitaminas e as antivitaminas; na Psicóloga, o prazer e o desprazer (o que, aliás, constitue um princípio: "o da adaptação às circunstâncias"). É um princípio de tal modo constante e difundido que mesmo a Linguística já o consagrou, elaborando, juntamente com os dicionários de sinônimos (palavras que confirmam o sentido das outras), dicionários de antônimos (palavras que infirmam o significado das outras). E se quizermos divagar, fazendo um pouco de humorismo, diremos que mesmo na Música, essa deliciosa criação que tem seu ponto alto no conjunto harmonioso dos instrumentos *sonantes*, vamos perceber, às vezes, e para grande mal-estar dos maestros, as indesejosas e sempre inoportunas notas *dissonantes*.

Mas que não fique a idéia no enunciado dos exemplos, que pode parecer, também, o depoimento da simples observação dos fatos. E nada melhor para desfazer esta impressão do que o estudo do nosso próprio organismo, sob os rigores da investigação bem dirigida e da comprovação experimental. Os resultados – que também podem ser obtidos em animais de laboratório, mamíferos como nós, e cuja fisiologia pouco ou nada difere da nossa – deixa-nos-ão maravilhados. Mostrarão, em verdade, como é grandiosa a obra da criação e que sabedoria incomensurável presiduu a organização dos mundos.

Dentre vários exemplos tomaremos um apenas: o do simpático e parassimpático. A inervação do nosso corpo é composta de duas grandes partes: os chamados sistema nervoso cérebro-espinhal ou *consciente*, aquele que é governado pela vontade, e o sistema nervoso vago-simpático ou *autônomo*, que independe da nossa mente. Pois bem, o vago-simpático – também chamados simpático e parassimpático – constitue um sistema antagônico; um opõe-se ao outro; do equilíbrio entre ambos resulta o bem estar corpóreo, a saúde. O coração é inervado pelos dois; o simpático o acelera, o parassimpático o retarda. Também os vasos sanguíneos: o simpático os contrae, o parassimpático ou vago os dilata (pressão sanguínea). As pupilas dos olhos: o simpático as dilata, o vago as contrai. Os músculos brônquicos são contraídos pelo vago (asma), relaxados pelo simpático; os intestinos. . . o útero. . . Este grandioso antagonismo deve estar compensado para que haja equilíbrio orgânico; do contrário vamos observar pessoas vagotônicas ou simpaticotônicas, sofrendo perturbações correlatas. Mas é fantástico que, além dos recursos existentes no próprio organismo animal para a manutenção desse equilíbrio, a mãe natureza foi ricamente dotada de substâncias que atuam, tanto na estimulação como na moderação de ambas as partes do sistema. São as plantas medicinais. Feliz a hora em que o bom Moisés disse-nos, mais uma vez: "Produza a terra verduras e ervas. . . foi o terceiro dia". E uma coisa ainda mais notável: a noite é estimuladora do vago; o dia, do simpático. Que harmonia global existe no universo !

Quem procura penetrar nos mistérios da Teologia, dá-se conta de que, nem alí, o imperioso e contrastante dualismo deixou de aparecer. A par do Benfeitor, o que fez todas as coisas e achou que "eram boas", surgiu o malfeitor, o espírito das trevas, aquele que não se empolgou pela luz e que se empenha, desde então, em destruir a obra.

Nós, criaturas humanas, modestos seres, somos, ao mesmo tempo, espectadores e palco desse grandioso desenrolar de fatos; desse maravilhoso espetáculo e incomensurável contraste, sempre dirigido para um equilíbrio salutar e perpetuante. Temos em nós, também, algo de trevas e algo de luz; um tanto de mal e um tanto de bem. Felizmente, . . temos algum pouco de centelha divina. Mesmo assim, ainda não somos dignos ou suficientemente sábios para podermos compreender em seu todo, louvar e amar, a maravilhosa obra da criação.

Curitiba, de 1976

Complementação da Décima Sétima Página

RELEMBREMOS DAILY LUIZ WAMBIER

DAILY LUIZ WAMBIER FOI SECRETARIO DE "TAPEJARA", de 1.950 (Fundação) ao ano de 1.965 (de sua morte). Hoje, como nos bons tempos de outrora, seu brilhante espírito é lembrado pelos muitos predicados que apresentava.

Por isso, "Tapejara", em sua nova apresentação, agora, é com muita saudade que se volta para o grande morto.

Entretanto, Tudo procuraremos realizar, no setor da cultura, para dar cumprimento aos nossos comuns ideais.

PEQUENA CONSCIÊNCIA de Fernando Vasconcellos.

Outro grande espírito, que tanto se tem evidenciado no terreno das letras, é o do companheiro Fernando Vasconcellos.

Atualmente, dirige um setor importante de firma antiga, ligada às Artes Gráficas, a dos KUGLER, onde nunca, no entanto, deixa de manifestar a brilhante vocação, tão preciosa nos dias que fluem.

Seu livro "PEQUENA CONSCIÊNCIA" é um estupendo testemunho de consciência mas em ponto grande, observações da vida, introspecção, preocupação indubitável pelo meio ambiente, recordações íntimas cada vez mais prementes, filosofia sutil acompanhando as mais deliciosas intuições, enfim, todo um complexo de tendências, idealizações e plena capacidade de execução, que nos deixa perplexos.

Nada escapa ao Fernando, tanto nas incongruências do mundo atual, como nas fantásticas criações de outrora, que tanto nos prendiam ao imaginário e irreal.

Nossos parabéns ao amigo Fernando Vasconcellos.

COMEMORAÇÕES EUCLIDIANAS

Na *Semana Euclidiana*, que se estendeu de 9 a 16 de agôsto de 1.975, o Centro Cultural "Euclides da Cunha", a exemplo da Casa de Euclides, em S. José do Rio Pardo, promoveu alguns atos, que muito significam, não sòmente quanto ao euclidianismo, mas também no que se refere à reabilitação da própria antropologia física, tão deslexicada e falha de trabalhos objetivos e responsáveis, para a exata aferição dos fenótipos brasileiros, hoje mais que nunca sujeitos à demagogia e racismos inqualificáveis. Destarte, foram publicados vários artigos, acentuando o caráter étnico de personagens históricas, atinentes ao elemento caboclo, mameluco ou indiático, sôbre o qual, como fàcilmente se vê, é simplesmente pauperíssimo o material colhido em pesquisas, tanto diretas como bibliográficas.

O nosso artigo de fundo, hoje, reproduz uma dessas investidas contra o estranho racismo às avessas, que nos vem de fora, e que pretendia e pretende eliminar o sangue importante do caboclo na formação do povo brasileiro e no cômputo geral da população atual.

CENTENÁRIO DE JÚLIA WANDERLEI

O Centenário de Júlia Wanderlei transcorreu, festivo e entusiástico, com várias conferências, palestras, discursos e artigos, escritos em Ponta Grossa, Curitiba e outros pontos do Estado.

Em Curitiba, entre outras comemorações, destacou-se a do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, em que, o ilustre intelectual, Prof. Oswaldo Pilotto, pronunciou magnífica conferência biográfica da famosa e proficiente poetisa.

Em Ponta Grossa, o Snr Secretário de Educação, Prof. Valdevino Lopes, também, se referiu ao caráter e qualidades intelectuais da saudosa pontagrossense, pioneira emérita do feminismo no século XIX.

Em outra edição, estaremos reproduzindo o trabalho do Prof. Oswaldo, que tão bem se conduziu na notável empreitada de saudade e admiração.

CENTENÁRIO DE ROMÁRIO MARTINS

Outro Centenário de Nascimento, que transcorreu em 1.975, foi o do insigne historiador, Romário Martins.

Autor de infinidade de livros, como *História do Paraná, Quantos Somos e Quem Somos, Guairacá, Paranismo, Bandeiras e Bandeirantes em Terras do Paraná, Paiquerê, Curitiba de Outrora e de Hoje, Ilex-Mate, Vozes Indígenas na Toponímia do Paraná, Plantando dá*, etc. etc.

Romário Martins é nome que todos reverenciamos, como sendo o ponto alto do sentimento paranista, não o dos ultramontanos, mas o das sagradas tradições, conquistas, criações culturais do povo brasileiro, hoje apoiado e prestigiado por filhos de todos os Estados do Brasil e, mesmo, do Exterior.

Em seu centenário de nascimento, o vulto de Romário Martins refulgiu como nunca, mòrmente por ter sido lançada, pouco depois, *"Biografia de Vila Velha"*, da autoria de Lourival Santos Lima, e Farís Antonio Michaele e Olavo Soares, na qual, ao mesmo tempo que se descreviam os encantos do pitoresco local, referendava-se, também, a idéia de Mestre Romário, qual a de erigir-se um monumento ao Chefe Guarani dos 19s Tempos da Colonização: *Guairacá*.

Não há quem não esteja, agora, ciente dos feitos do grande cacique e lhe não considere justa a homenagem: *"Esta Terra Tem Dono"*, diaas Guairacá.

Noutro local, há mais informes a repeito.

TÚLIO VARGAS, O NOVO IMORTAL

Túlio Vargas, o emérito escritor e homem de Estado, foi, há pouco tempo, em outubro de 1.974, reorganizado na Academia Paranaense de Letras, como Novo Imortal, na Cadeira Nº 23. Fêz o discurso de reorpção o Prof. Farís A. S. Michaele, que exalçou as qualidades incomuns de Túlio, dizendo:

"Túlio Vargas é um irredutível discípulo dos arquivos da vida e da cultura, das narrativas e documentos". Realmente, no cenário das letras atuais do Paraná, não há ninguém que, sendo tão fluente, harmonioso e sugestivo, apresente, ao mesmo tempo, tamanho apêgo às coisas rijas, desgraciosas porém objetivas e imprescindíveis da documentação dos arquivos e cartórios em geral.

A resposta do brilhante acadêmico foi das mais memoráveis e substanciais, conforme mostraremos, oportunamente.

Túlio Vargas, com seu espírito pujante, muito ainda irá mostrar aos seus admiradores, no tocante a história e personagens exponenciais.

O PROF. TOURINHO FOI REELEITO

O emérito Prof. Luiz Carlos Pereira Tourinho, Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, muito nos honra, como a todo o Paraná, pelo seu dinamismo, talento inegável e exemplar capacidade chefa, o que, seguidamente, tem demonstrado, nos postos e cargos que ocupa.

Ainda há pouco, foi reeleito Presidente do referido Instituto, para geral satisfação dos Membros e Companheiros de empreitada. É que êle, durante a sua gestão, soube imprimir novos rumos e estabelecer maior intercâmbio com os congêneres e centros de cultura em geral.

Nossos parabéns, ao insigne colega pelo que tem feito à frente do modelar estabelecimento de alta cultura e paranismo sadio.

O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFERIU A AULA INAUGURAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

A Aula Inaugural do presente ano, na Universidade Estadual de P. Grossa, contou com a cooperação da Secretaria de Educação, na pessoa do Ilustre Secretário, Prof. Francisco Borsari Neto, que proferiu a mesma, e que tanto agradou aos presentes e Exmas. Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas.

O Prof. Borsari Neto mostrou ser velho afeiçoado aos problemas humanísticos e científicos, em seu enquadramento com os problemas educacionais. Mais uma vez, citou abalisados filósofos, psicólogos, educadores e, mesmo, políticos de visão ecumênica, que, desde o aparecimento das Universidades no Ocidente, têm empolgado e instruído os espíritos.

Na era da tecnologia, apesar dos pesares, não pode, de maneira alguma, faltar o critério humanístico na apreciação dos problemas. Nossas congratulações ao Prof. Borsari Neto e ao Magnífico Reitor Odeni Villaca Mongruel, pela feliz idéia que tiveram.

REUNIÃO DOS MAGISTRADOS DO PARANÁ (4º SEMINÁRIO REGIONAL)

A Associação dos Magistrados do Paraná fêz realizar, nesta cidade, há pouco, um de seus magníficos Seminários Regionais, precisamente o 4º, para efeito de exame, estudo e instrução, a respeito dos feitos da judicatura em nosso meio, o que, além dos curiosos e autoridades, teve o afluxo dos estudantes de Direito.

Presidida pelo Snr Dr. Renato Pedroso, essa Nobre Associação tem produzido excelentes e positivos resultados, que ecôam por tôda a parte.

Com a presença dos Exmos. Snrs. Desembargadores Athos Moraes de Castro Vellozo e Ary Florêncio Guimarães, dois luminares de nosso mundo cultural, e do Dr. Sylvio Stadler de Souza, outro companheiro de intenso ideal e robusto talento, além de outros dignos juízes de todo o Estado, a abertura dos trabalhos, realizada, antes, pelo Exmo. Desembargador Athos, e, em seguida, pelo Snr. Dr. Renato Pedroso, foi uma verdadeira consagração para o mundo dos magistrados e advogados em geral.

Primeiro, saudou os participantes o Exmo. Snr. Dr. Heitor Pinheiro Lima, valoroso e inconcusso Juiz de Direito da Comarca, fazendo uso da palavra, em seguida, o lúcido e inconfundível Dr. Alvaro Augusto Cunha Rocha, ex-Reitor da nossa Universidade, e brilhante ensaísta, jurista e poeta.

As reuniões se prolongaram por três dias, terminando com um almôço de confraternização, no Vila Velha Hotel. Apresentaram três excelentes trabalhos os relatores, Magistrados Tadeu Marino Loyola Costa, Victor Alberto Azzi Bomfim Marins e Ronaldt Grollmann, que discorreram sôbre assuntos da respectiva especialidade, cultos e íntegros mestres da arte de julgar, como se nos apresentam.

São assim denominadas as monografias: *"Das Medidas Cautelares"*, *"Procedimento das Medidas Cautelares"* e *"Nulidades no Julgamento pelo Tribunal do Jurí"*.

Das autoridades que à mesma compareceram, anotamos: Dr. Amadeu Puppi, Digno Prefeito Municipal, Gal. Paulo Campos Paiva, distinto e valoroso Comandante da ID - 5ª., D. Geraldo Pellanda, DD. Bispo da Diocese de Ponta Grossa, Dr. Augusto Rêgo Melluso, Ilustre Promotor Público da Comarca, Reitor Odeni Villaca Mongruel, além de outras autoridades civis e militares, que abrilhantaram, com sua presença, o memorável conclave.

Regozijamo-nos, intensamente, com êsse extraordinário encontro, de caráter cívico-cultural, que tanto contribuiu para esclarecimento e melhor prática das normas jurídicas, dentro da sociedade.

O REITOR ODENI VILLACA MONGRUEL REALIZOU PALESTRAS

O dinâmico e capacitado Reitor da nossa Universidade, Dr. Odeni Villaca Mongruel, vem desenvolvendo contínuo e eficiente trabalho, no sentido de aumentar e completar o patrimônio geral da mesma. Além das naturais preocupações, atinentes à parte físico-administrativa, realiza, também, palestras, referentes à natureza complexa da vida educacional. Ainda agora, promoveu uma série de semelhantes estudos sôbre a UNIVERSIDADE, sendo muito aplaudido. Aos cumprimentos recebidos, acrescentamos as nossas sinceras e vibrantes saudações fraternais.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência é uma entidade, fundada em 1.948, e se destina exclusivamente ao progresso da ciência, sua divulgação e ligação entre os cientistas e amigos da ciência, para o supremo bem-estar da comunidade, da sociedade e da assimilação das conquistas da ciência, que ela, com certeza e objetividade, facilita em pesquisas e conclaves.

Todos os anos, há uma Reunião de um dos Ramos da Ciência, geralmente numa das Capitais. Para o presente ano, foi escolhida BRASÍLIA, e será no mês de julho.

Através de sua magnífica Revista *"Ciência e Cultura"*, ela está sempre em comunicação com os associados, espalhados por tôda a vastidão territorial do País. *Ciência e Cultura*, que sai todos os mêses, é um soberbo repositório de saber, investigações e debates, nos mais diversificados setores do conhecimento.

É, com ufania e pleno bem-estar espiritual, que nos sentimos, na qualidade de Membros da luminosa e imprescindível Casa da Ciência.

Noutro local, estamos falando dos nºs. da Revista.

MUSEU PARANAENSE

Sob a Direção do Prof. Oldemar Blasi, cientista de larga visão e profundos conhecimentos, o Museu do Paraná, após tantas lutas, está, finalmente, desempenhando seu salutar papel de ponto de referência, no que toca aos estudos da história, arqueologia, paleontologia e pesquisas em geral, hoje empreendidos por especialistas no gênero.

Atualmente, milhares de pessoas, principalmente estudantes, acorrem ao exemplar Museu, para solidificar seus conhecimentos e tirar qualquer dúvida, que, por acaso, exista.

Nossos parabéns ao emérito Prof. Oldemar Blasi!

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

O Conselho Estadual de Cultura, recentemente criado, já está funcionando, com caráter de coisa necessária e oportuna.

Conta com o Sr. Presidente e várias Câmaras, em que se distribuem os Srs. Conselheiros: Comissão de Ciências e Patrimônio Histórico-Cultural, Comissão de Artes, e Comissão de Legislação e Normas.

São seus componentes; Presidente: Dr. Alberto Garcez Duarte Filho, Conselheiros: Prof. Oldemar Blasi, Prof. Bernardo Schemer, Prof. F. Michael Rosário Farâni Mansur Guérios, Prof. Vasco José Taborda Ribas, Dr. Valfrido Pilotto, Profa. Maria Cecília Westphalen, Prof. Fernando Velloso, Dr. Salo Wolochita, Dra. Maria Elisa Duarte e Padre José Almeida Penalva. Substitutos: Profa. Nancy Corrêa Westphalen, Dra. Vera Vargas, Prof. Telmo Faria, Profa. Ceres Ferrante e Prof. Leonel Moro.

O PROF. FARÍS MICHAELE AGRACIADO COM VÁRIOS DIPLOMAS

O Prof. F. Michaele, nestes últimos anos, recebeu vários diplomas. Primeiramente, o Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, ordenda entidade, que tanto tem feito pela objetivação e difusão dos conhecimentos históricos no Estado, houve por bem, por proposta de seu Secretário Geral, Dr. Anibal Ribeiro Filho, eleger o nosso Presidente Euclidiano SÓCIO CORRESPONDENTE do referido Instituto, na cidade de Ponta Grossa. Assinam o Diploma os Drs. Anibal Ribeiro Filho e Hugo Pereira Correia.

Pouco depois, o Snr. A. Garibaldi, de Filgueiras, Portugal, teve a generosidade de incluir o Dr. Farís Michaele entre os associados da entidade lusitana, denominada Centro Cultural de Filgueiras.

Por outro, Mestre João Chiarini, conhecido e prestigiado folclorista de Piracicaba, e Presidente da Academia Piracicabana de Letras, enviou, igualmente, ao intelectual pontagrossense um Diploma de Sócio Honorário da famosa e efetiva Academia.

A todos, agradece, de coração, o Dr. Farís.

OUTROS EUCLIDIANOS SÃO TAMBÉM AGRACIADOS.

Nestes últimos anos, vários euclidianos tiveram a honra de receber Diplomas de entidade de fora. Assim, a Academia Passo-fundense de Letras, de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, agraciou os intelectuais: Dr. Edilon Teixeira Biscaia, Major Deodoro de Souza e Dr. João Alves Pereira, enviando, aos mesmos, Diplomas de Sócios Correspondentes, o que, em verdade, causou muito agrado e entusiasmo. Igualmente, o Centro Cultural de Filgueiras, Portugal, prestou suas homenagens a Deodoro Quintiliano e Deodoro de Souza, elegendo-os Sócios da entidade em terras do Brasil.

Nossos parabéns aos homenageados e nossos cumprimentos e agradecimentos aos nobres homenageantes.

DR. ARTHUR, CENTENÁRIO !

A 10 de abril último, o Paraná e o Brasil presenciaram a um acontecimento raríssimo, nos anais da educação e da cultura: Sr. Prof. Dr. Arthur Martins Franco completou oem anos de idade!

Cem anos de atividade, dignidade e lúcido saber, tudo impulsionado por desejo ardente de se utilizar aos seus e ao semelhante.

Autor de mais de 15 obras substanciais, como *"D. Pedro II, o Imperador Magnânimo"*, *"Diogo Pinto e a Conquista de Guanguaeu"*, *"O Marquês do Paraná"*, *"Recordações de uma Viagem ao Alto Paraná"*, *"Em Defesa do Índio e do Caboclo"* e muitas outras, ele, no entanto, sempre conservou o mesmo sereno, exemplar e produtivo temperamento, ensinando, escrevendo, falando e, mesmo, ocupando cargos efetivos, o que sobremodo nos orgulha.

O C. C. Euclides da Cunha, no dia 4 de abril fêz publicar um artigo, no "Diário dos Campos" o remeteu ao inédito Mestre, comunicando-lhe, assim, qúão intenso e sincero era o estado de ânimo de todos os euclidianos pelo incomum e maravilhoso acontecimento.

Ao Dr. Arthur, muitos anos de vida, ainda.

VERBAS AO CENTRO

Nestes últimos tempos, o C. C. Euclides da Cunha recebeu do Govêmo Federal, por intermédio do conceituado e dinâmico Deputado Federal – Dr. João Vargas de Oliveira, serbas que somaram Cr$ 4.000.00 (quatro mil cruzeiros) e que possibilitaram a compra de livros para a biblioteca, além de outros melhoramentos.

Ao Dr. João Vargas de Oliveira, neste momento que retomamos à lide jornalística, nossos agradecimentos plenos e leais.

FALECIMENTOS

Durante o tempo que *"Tapejara"* esteve inativo, tivemos o desprazer de perder vários dos Colegas e Mestres, tanto da Academia Paranaense de Letras como do C.C.E.C.

Assim é que, na Academia, faleceram as seguintes personalidades: Dr. Raul Rodrigues Gomes, Dr. Francisco Pereira da Silva, Dr. Heitor Stockler de França, Dr. Elias Karam, Dr. Júlio Estrela Moreira, Dr. Ardido Albuquerque e Dr. Benito Munhoz da Rocha.

Sôbre os pontagrossenses, estamos falando, noutro local.

O Prof. Raul Rodrigues Gomes foi um gigante, que sempre lutou pela educação, cultura e espírito cívico do Paraná. Brilhou no jornalismo e nós todos o admirávamos como incansável condutor de mentes e consciências. Sua obra é enorme e não faltam juízos

abonadores da mesma. Não há biblioteca, nem escola ou instituição de ordem cultural que não deva alguma coisa ao desprendido, dinâmico e privilegiado espírito do Dr. Raul.

Os Drs. Francisco Pereira da Silva e Heitor Stockler de França também deixaram bagagem bela, sólida e de alto gabarito, sendo sempre nossos companheiros inseparáveis na luta pela cultura. Bem assim, a conspícua e seleta cerebração, que o Dr. Elias Karam representa no rol dos intelectuais. Nunca deixou de estar de pluma em riste, tanto na Revolução Constitucionalista de S. Paulo, como nas esplêndorosas orações em prol da cultura, moral e religião, ou ainda na elaboração de biografias e trabalhos intelectuais, em que se extremou.

O Dr. Júlio Estrela Moreira foi um polígrafo que muito tinha de pesquisador, tanto que nos deixou inúmeros livros de História do Paraná *"Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá"*, *"Eleodoro Ébano Pereira e a Fundação de Curitiba"*, *"História da Medicina no Paraná"*, *"Prof. Roquette Pinto, uma vida bem Vivida"*, etc.

Mas, se o seu temperamento se prestava a outros gêneros de pesquisa e perquirição: *"O Dicionário Bibliográfico do Paraná"*, aí está, como muitos outros livros, para dizer da capacidade inegável do Mestre. O Dr. Arildo Albuquerque, por sua vez, foi um médico que se dedicou à boa literatura e sua pessoa deixou saudades, pelas características inconfundíveis que apresentava. Finalmente quem não conheceu a personalidade extraordinária do Dr. Benito Munhoz da Rocha. Aquele que se notabilizou na política e na cultura, como produto genuíno do Paraná. Seus livros ainda brilham pela sólida contextura que se lhes proporcionou: *"Uma Interpretação das Américas"*, *"A Significação do Paraná"*, etc.

Eis, em poucas palavras, uns tantos elementos que lhes proporcionarão uma idéia da intensidade de nossa dor e mágoa, pela série de perdas insubstituíveis, para o Paraná, para o Brasil e, mesmo, para o gênero humano, que todos foram figuras de magna projeção e constante operosidade.

LANÇAMENTO DE "A SEQUÊNCIA DE FULÁLIA"

A nossa Universidade, há alguns meses atrás, lançou um importante trabalho do Prof. Robert K. Bowles, catedrático de Linguística.

Aberta a sessão pelo Reitor Odeni Villaca Mongruel, o Prof. Robert justificou o fato, dizendo tratar-se do mais antigo texto da língua francesa. Realmente, o escritor é, segundo as autoridades no assunto, uma prova preciosa e insofismável das formas dialetais da Gália, quando o latim não se achava ainda afastado dos demais dialetos co-irmãos.

Nossos parabéns ao Prof. Bowles, por essa feliz e proveitosa idéia.

"TUPI E GREGO", TAMBÉM, FOI LANÇADO

Pouco antes, o Prof. F. Michaele teve lançado um utilíssimo trabalho, da mesma edição Universidade: "TUPI E GREGO".

O propósito aí foi mostrar que a língua indígena pode formar neologismos com seus prefixos e sufixos, não ficando a dever nada ao grego, língua erudita, por excelência.

Nossos cumprimentos, igualmente, ao Prof. F. Michaele.

"HISTÓRIA DE PONTA GROSSA"

Outro livro que a Municipalidade Lançou. Prefaciado pelo Dr. Faris A. S. Michaele, foi, recentemente, lançado um livro de muita pesquisa e elevado discernimento: *"História de P. Grossa"*, da autoria da Prof. Guisela Frey Holzmann e Prof. Olavo Soares.

Era um trabalho que vinha sendo esperado, ha muito tempo, pois que, além do mais, trouxe ao conhecimento do leitor muita particularidade, referente ao homem dos Campos Gerais e sua interação com o meio físico, através do tempo e do espaço.

A procura foi grande, estando em vésperas de nova edição, a Editora Requião, responsável pelo acontimento.

ALMENARA, MEDITAÇÃO, de Vasco José Taborda Ribas

O Prof. Vasco José Taborda Ribas é um prodígio em matéria de cultura e intercâmbio. Possuindo mais de 70 diplomas e tendo escrito dezenas de livros, ele jamais descansa, pois que, além de tudo, é Presidente da Academia Paranaense de Letras e faz parte de outras Diretorias, como também do Conselho Estadual de Cultura. Agora, somem-se a isso as suas atividades à frente de *"O Formigueiro"*, renovada Editôra do Escritor, que ele fundou e mantém, com notabilíssimas lançamentos, das quais ALMENARA é exemplo típico.

ALMENARA, obra pequena e elegante, cheia de pensamentos e meditações de exemplar emprêgo, na vida quotidiana e nos momentos de decisão e ações repentinas, onde a experiência e patrimônio contemplativo se fazem valer.

O Prof. Vasco é elemento imprescindível em tudo, no Paraná e, mesmo, no Brasil todo, onde é conhecido e admirado, como nô-lo informam as contínuas homenagens, com que é agraciado.

Assim prossiga, Mestre Vasco!

O Prof. LOUREIRO FERNANDES, HOMENAGEADO

O Prof. Loureiro Fernandes é um dos categorizados Mestres da antropologia e sociologia, sem mencionarmos o folclore e ciências afins.

Mas, não o é pela cultura, apenas. A sua vocação, os seus constantes estudos inloco, como quando descobriu os índios XETÁS, as promoções que acorçoa, como nas Congadas da Lapa e Cavalhadas de Palmas, as aulas que proporciona aos alunos, a distribuição de tarefas aos jovens cientistas, os museus que funda e dirige, enfim, as revistas, livros e monografias, onde seu glorioso espírito se expande, livremente, para aperfeiçoamento da ciência e educação razoável do povo, tudo isso comprova o que dissemos.

Os seus livros e escritos em geral estão aí, às centenas, desde a primeira mocidade. Os Museus devem-lhe (como em Paranaguá, ultimamente) magníficos Boletins, a Universidade, sem sua colaboração, não estaria contando com tantos luminares nos setores científicos do homem, os Institutos nunca negaram a sua benéfica participação, e as próprias Academias de Letras, vez por outra, se referem ao Prof. Loureiro Fernandes como a um sábio de raras qualidades e inquebrantável energia.

Por tudo isso, não admira, pois, que tantos lhe sejam os títulos, tamanhas lhe ocorram as homenagens, e, finalmente, como agora, seja considerado Professor Emérito pela Universidade, em sinal das coisas aéreas e produtivas que ele desenvolveu, durante os anos de magistério, e na direção das entidades, por ele também criadas.

Nossos respeitosos cumprimentos, ao insigne Mestre, Dr. José Loureiro Fernandes.

SÓLON BORGES DOS REIS, DEFENSOR PERPÉTUO DOS PROFESSORES

O Prof. Sólon Borges dos Reis, ilustre Deputado Paulista e Figura Exponencial do Ensino e Cultura, realiza em S. Paulo e no Brasil um trabalho de compreensão e benemerência.

Intelectual de raras qualidades, educador de várias gerações e cargos, orador que apenas pronuncia discursos adequados e proveitosos, homem de letras, segundo o demonstrou em vasta bagagem, como *"A Maior Herança"* e *"Lira da América"*, de um talento consagrador, dadas as inúmeras pré-excelências e virtudes típicas das composições, tanto quanto a atualidade das idéias expostas, jornalista, enfim, de modelar organização, como se espelha em "O Professor", eis aí, em poucas palavras, o perfil humano e cultural do Prof. Sólon.

O C. Cultural Euclides da Cunha, há muito tempo, lhe enviou a prova sumária de admiração e solidariedade, consubstanciada no Diploma Honorário, e que, hoje, se confirma, nestas poucas palavras, que, apesar de pobres e descoloridas, trazem, no entanto, a elevada significação de prestar merecida homenagem ao digno, lúcido e culto homem público, que é também educador e escritor.

O PROF. JOÃO DE SOUZA FERRAZ MUITO NOS HONRA COM SUAS OBRAS

Este é um educador, pensador e escritor, dos maiores que conhecemos, e que nos honra com seus trabalhos e amizade.

Como não o é Prof. Ferraz, pode-se dizer, se fôz por si, sem precisar tirar o chapéu a ninguém, Idealizou e criou *"Letras da Província"*, manancial perpétuo de beleza e cultura, proficiones várias gerações de limeirenses, tomou a peito desenvolver intercâmbio com várias nações irmãs, nunca deixou de traduzir e difundir livros originais, brilhantes, de talento e porteiro, ou obras comoventes, mais simples e humanas, de grande atualidade, no entanto, mas sem mudar-lhes uma palavra, na tradução.

Quanto às suas inesmantes lides no terreno da educação e literatura, não precisamos ir longe para mencionar, por exemplo, "AGUAPÉS FLUTUAM NA RIBEIRA", de tão vasta repercussão, ou as Psicologias, com edições em castelhano, ou, ainda "TÍMIDOS E AUGUSTIADOS", de descrição fácil, didática, de clareza, a toda prova.

Agora, o Prof. Ferraz nos envia uma obra de R. Caltofen, romanoe, que muito nos desvanece e prostra, pelo enredo, ligado ao flagelo das guerras. O autor, ao que parece, de experiência própria, sabe dar ao relato cunhos inegáveis de realismo e veracidade, sem que, apesar de tudo, desapareça o quinhão de lirismo e suavidade relativa, quando necessário.

Livro interessante, literatura de fatos e acontecimentos mais ou menos atuais, estilo simples, claro, fluente, de se ler de uma assentada.

Nossas felicitações ao Prof João de Souza Ferraz.

MESTRE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, NOVAMENTE HOMENAGEADO

Mestre Câmara Cascudo, sem favor nenhum, pode se considerado entre os maiores folclonstas do mundo.

O seu patrimônio bibliográfico é espantoso: mais de 100 títulos, tratando de tudo: folclore, antropologia, sociologia, lingüística, história, etc.

Não há livro, por exemplo, que se compare com o seu "Dicionário do Folclore Brasileiro", "Literatura Oral", "Antologia do Folclore Brasileiro" e outras obras de ciência e consciência.

O que mais admiramos no Dr. Câmara Cascudo é a sua espontânea cordialidade, seu prestimoso afã de servir a leigos e cultos, sua quase religiosa imparcialidade nas empreitadas, que leva a cabo, enfim, o exemplo claro e típico do sábio que impõe esfôrço e idealismo, como norma a ser seguida, no espaço e no tempo. Ainda agora, acabam de conceder-lhe mais um Prêmio de Literatura, ao mesmo tempo que seu nome é dado a outros prêmios pela Academia Brasileira de Letras e instituições congêneres.

Em carta que dele recebemos, o Mestre nos dá conta de estranha doença, que o faz segregar-se de todos e tudo, para gozar a ventura ou relaxiria de escritos de outrora. Mas, engana-se o emérito polígrafo, quando assim consoco se comunica; é a sua demasiada modéstia que lhe incute tais idéias no cérebro, a sua contribuição é perpétua, imorredoura, indispensável, mesmo.

Como Mestre Gilberto Freyre, ele realizou a difícil tarefa de desvendar ao povo brasileiro a enorme herança de quatro séculos de costumes, mitos, contos, fábulas, sabedoria popular, tudo aquilo que nos torna mais brasileiros e mais humanos.

Mestre Luís da Câmara Cascudo, receba o nosso respeitoso abraço de afeto e devoção!

O DR. GABRIEL BACILA COMPLETOU MEIO SÉCULO DE FORMADO

Em Dezembro último, o nosso companheiro e colega, Sr. Prof. Dr. Gabriel Bacila, responsável pela Cadeira de Parasitologia e Microbiologia da Universidade de Ponta Grossa e um dos mais admiráveis eucldidianos existentes, completou 50 anos de formado, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Os sobreviventes da Turma realizaram festividades no Rio de Janeiro, mas Ponta Grossa também lhe ofereceu uma Festa, de que participaram inúmeros amigos e companheiros. Falaram, durante o raríssimo acontecimento, os Sr. Dr. Amadeu Puppi, Digno Prefeito Municipal, Dr. Fulton Borges de Macedo, Diretor do Centro de Saúde e conhecido orador de grandes qualidades, Dr. Thiago Gomes de Oliveira, nosso talentoso companheiro, Dr. Alfredo Klaas veterano intelectual, em nome de Palmeira, Dr. Mário Jorge, abalisado tribuno e criminalista, Da. Emily Kardosh e Selem Chamma, estes em nome dos familiares.

Também, as filhas, Dra. Elizabeth Michaele Bacila e Rosalie, leram bonito jogral, em que puseram grande encanto e fina dedicação íntima, salientando a sua gratidão para com o genitor.

Finalmente, encerrando as festividades, e profundamente comovido, falou o Dr. Bacila, agradecendo a homenagem, que transcorreu brilhante e animada.

ARAMIS MILLARCH É SÓCIO HONORÁRIO DO C. C. EUCLIDES DA CUNHA

O conhecido jomalista e crítico de arte, Prof. Aramis Millarch, foi agraciado com um merecido Diploma de Sócio Honorário do C. C. Euclides da Cunha.

Ninguém mais que ele, em boa verdade, faz jús a tal nomeação espontânea e significativa, pelos incessantes serviços de informação, comunicação e encorajamento, referentes aos trabalhos culturais, no amplo domtêmo. Em suas maravilhosas secções, o Prof. Aramis nunca deixa passar ocasião, em que se não pronuncie, em relação aos movimentos de fundo cultural, intercâmmios entre cidades, Estados e nações, enfim, tudo quanto possa ilustrar e educar o espírito do povo.

Renovamos os nossos agradecimentos, acompanhados de votos de muita felicidade.

FALECIMENTO DE EUCLIDIANOS

Durante esse longo tempo, tivemos a desventura de perder vários amigos e colegas no C. C. Euclides da Cunha: o Sr. Filipe Justus, o Dr. Mozart Villaca, o Dr. Antídio Teixeira da Silva e Prof. João Ricardo Borel du Vernay. // por nós referido. Dizer o que cada um deli representava para o círculo intelectual pontagrossense, desnecessário se torna, pois as artes, ciências e demais setores de criação e pesquisa, aí estão, ainda, deplorando o grande desfalque de talento e competência, características. O Sr. Filipe Justus era um sábio, de modéstia e investigações, sempre compenetrado dos segredos da entomologia. Sôbre ele, em artigo separado, já nos manifestamos, e, agora, queremos apenas evocar seu glorioso nome como euclidiano de primeira fonte.

O Dr. Mozart Villaca também se dedicou à Medicina Veterinária, profissão que, nos momentos de folga, conjugava com a literatura, em suas variados setores. Dotado e ponderava como um autêntico brasileiro, cônscio de seus deveres e direitos, mesmo como funcionário zeloso e exemplar. O Snr. Antídio Teixeira da Silva já era escritor experimentado, com contos, novelas e livros de poesias.

"Vidas Íntimas" é livro que fêz época, tendo sido vendido até fora do Estado. Em seu cordial convívio, aprendia-se a admirá-lo, como mestre da linguagem simples, comunicativa e perceptiva, atinando a algum objetivo humano e ainda por realizar. Finalmente, o Prof. J. R. Borel du Vernay, personalidade conhecida em vários departamentos e iniciativas originais, o espaço, aqui, é muito curto para dele falarmos. Como professor, jornalista, escritor e esportista, além das realizações cívicas de que participava, êle cumpriu, durante a sua vida, mil e um objetivos, começando a lutar inteiramente só, em prol da mocidade.

Mas, ao lado do Prof. e autoridade da Secretaria de Educação do Paraná, Borel, que era carioca de nobre cepa, também tomou parte nas glórias de Monteiro Lobato, quando fêse genial cabocho procurava convencer o Brasil, de que havia petróleo em seu território. Daí, surgiu um livro, que ainda se mantém inédito. Borel foi homem talhado a grandes empresas e realidades, coisa, aliás, que transparecia, logo, através de breve contacto com sua personalidade.

Ao relembrarmos estes saudosos euclidianos, repetimos, a nossa intenção foi apenas a de prestar-lhes a homenagem dos companheiros que ficaram, e que, com seu exemplo, cada vez mais, procuraremos levar a bom têmo os nossos propósitos cívicos e culturais.

CYRO EHLKE LANÇOU UM LIVRO

O talentoso e perseverante colega, Dr. Cyro Ehlke, atualmente residindo em Joinville, lançou em P. Grossa o monumental livro: "A Conquista do Planalto Catarinense", monografia sôbre as vias do tropeirismo, (que atinga até Sorocaba), as explorações do litoral catarinense, em suas relações com o paranaense, enfim, em poucas paginas, quase toda a luta, que vinha dos mamelucos de Piratininga, em busca do Rio Grande do Sul, através de Laguna, o que foi, mais tarde, retomado pelos habitantes de Florianópolis. É claro que aí se nos revesam grandes textos e cerrada documentação, o que, graças ao estilo e linguagem de Cyro, tornam a obra de ótima leitura e valor inontestível.

Parabéns ao Dr. Cyro, euclidiano de primeira água, também.

O PROF. BENEDITO NICOLAU DOS SANTOS FOI RECEPCIONADO

A Academia Paranaense de Letras teve o prazer de recepcionar o nôvo imortal Prof. Dr. Benedito Nicolau dos Santos, que foi recepcionado pelo acadêmico, Prof. Dario Nogueira dos Santos.

O Prof. Dario profeiu interessante e afetuosa oração, pondo em relevo as suas ligações com a ilustre Família do recepcionado.

Por sua vez, o Dr. Nicolau, leu a

resposta, que durou quase duas horas, mas que decorreu como só em fazê-lo os trabalhos bem elaborados, com a noção de responsabilidade como elemento precípuo, enfim, todos aqueles instantes de auma transcendência, em que o homem tem em mira ponderar a respeito do valor das coisas que o comprometem, para, exultante, se nivelar aos colegas e prometer realizar o que dele se pede.

Bela oração, de educador, biógrafo, literato e escritor de muita aptidão e intento.

THEÓPHILC DE ANDRADE, MENTOR DE CULTURA E BRASILIDADE

O consagrado Mestre Theóphilo de Andrade, que tão fluentemente usa da pena para, diariamente, analisar, criticar e conduir sôbre politica internacional, economia, educação, histórla e outras especialidade, é, agora, um dos nossos Euclidianos.

Não é de hoje que admiramos Mestre Theóphilo de Andrade e seus monumentais escritos, capazes de fazer ruir as mais inexpugnáveis fortalezas.

O seu bom senso, agilidade mental, espírito voltado para a liberdade de expressão, no que a palavra tem de mais elevado, enfim, todas as manifestações que sobremodo honram a humanidade e a evolução do pensamento, tudo isso, conjugadamente, tão bem está representado em Theóphilo de Andrade, que a sua amizade e colegaismo muito nos enobrecem.

Seus livros aí estão, qual a qual, mais nobre, consciente e cheio de sadio brasileinismo, que é também de Mestre Gilberto Freyre: "Pedro I na Independência", "Burguesia de Capitalismo", "Viagem ao Fim do Tempo" (Prêmio da Academia Brasileira de Letras) e muitos outros, como "O Rio Paraná", "Os Arduos Problemas da Paz", "Jornalismo e Informação", "O Café nas Províncias Portuguesas da Africa" e trabalhos outros, com tradução até para o castelhano e italiano.

Sôbre seus livros ja nos pronunciamos, em data oportuna, pondo em relêvo o que aprendemos com o compulsar de suas páginas.

Esta nota, entanto, tem por objetivo, apenas, dizer ao grande brasileiro quanto nos sentibiliza, ao nos sentimos seus colegas, embora diminutos, neste C. C. Euclides da Cunha, cujo propósito principal é a promoção da cultura, humanamente compreendida, mas brasileiríssimamente estruturada, nos seus traços e complexos, nestes mais de quatrocentos anos de vida e mestiçamento, onde os donos da terra entraram, numa proporção que muito longe está do que se enaina por aí.

Ao Mestre Theóphilo de Andrade, o nosso abraço cordial e sincero.

NOVO LIVRO DE SÁ BARRETO

Octávio de Sá Barreto, o primoroso e substancioso poligrafo, de quando em quando, nos presenteia com uma de suas obras primas.

Desta feita, é "Pássaro Sem Asas", conjunto de inúmeras estrofes, de variado gênero e sabor, em que, graciosa, inocente e maliciosamente, conseguiu reunir êsse fino labor, comemorativo do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

É um *autêntico florilégio*, como diz Mestre Valfrido Piloto, em que todos nós aprendemos a amar e admirar a poesia pessoal e préciosa, saída da pena marcante, que tanto nos ensina também a adorar o Paraná.

Sá Barreto é, sem favor, uma das mais respeitadas cerebrações do Paraná de todos os tempos, de rutilantes e evocadoras composições, que muito tem contribuído a elevar-nos, no concerto geral.

Para os que ainda não tiveram a felicidade de ter um apanhado de sua bagagem, aqui mencionamos alguns títulos: "Nuvem que Passa", "Êste Livro", "Sapatos de Nonvado", "Emiliano", "Curitiba", etc.

Agradecemos ao Dr. Sá Barreto a remessa gentil, que muito nos desvanece.

DAVID CARNEIRO, O MESTRE HUMANO E INCONCUSSO

David Carneiro, o emérito historiador, humanista e homem de letras, é uma das figuras mais impressionantes de todos os tempos.

Dizemos isso, porque o seu ânimo combativo e esclarecedor, ligado a quase todas as ciências, não para nunca seu fervoroso e magnífico apostolado.

De sua mais que centésima bagagem cultural, podemos dizer que êsse notável e respeitado educador, abordou quase todos os assuntos, sempre documentado, explicando, simplificando e grangeando incondicionais amigos e admiradores: história, biografia, literatura, sociologia, mitologia, religião, astronomia, museologia, assuntos de Engenhxria, de Direito, artes plásticas, etc.

Mas, o espaço é mui exíguo para a descrição das pre-excelências de suas principais qualidades.

Diariamente, através de "Veterana Verba", ou, pelas palestras e conferências, de exemplar e proveitosa realização, mesmo no Estrangeiro, ou, ainda, pelos frequentes e fundamentais livros, vamos acompanhando o refulgir de sua segura e magnífica atuação no mundo da cultura.

Ainda, voltaremos, oportunamente, cabendo-nos, agora, apenas, estender-lhe o abraço fraternal dos euclidianos!

OSWALDO PILOTTO, O EMÉRITO PONTAGROSSENSE QUE TANTO ESTIMA OS SEUS.

Como quase todos os Pilotto, Oswaldo é também amigo dos livros e da cultura.

Seu verbo estuante e responsável, treinado nos anos de magistério, jamais nos decepcionou, seus inúmeros escritos, concebidos em estilo singelo, espontâneo, didático e informativo; e os atributos básicos de sua personalidade, que tanto se comprazem com a vida dos documentos e livros de compulsação direta, sem falarmos nas pesquisas *in loco*; enfim, a sua vocação inegável para a ciência e investigação em geral; tudo isso, em poucas palavras, nos leva a considerar Mestre Oswaldo Pilotto como sendo um dos baluartes de nossa cultura.

"Antonio Robouças", "Palavras de Paraninfo", "Curitiba", "Julia Wanderley", Becker e Silva", "Plácido de Castro", e dezenas de outras monografias, em boa verdade, nos atestam que o Prof Oswaldo Pilotto é, de fato, um dos luminares da nossa História e de nosso mundo cultural.

O seu trabalho sôbre o Prof. Becker e Silva, que foi por nós presenciado nesta cidade, é algo honesto, preciso, comovedor e de elevada configuração humana.

Esperamos, ainda, poder reproduzi-lo, nestas colunas.

EXPOSIÇÃO DE QUADROS NA UNIVERSIDADE

Juntamente com o Prof. Gilberto Mendonça Teles, houve, em nossa Ilustre UEP, a inauguração de uma Exposição de Quadros, executados pela pontagrossense, Suzana Vilela.

Suzana Vilela é uma artista de largos recursos e originais fontes de inspiração, pelo que, sem nenhuma intenção ue bajulá-la, podemos afirmar que, graças ao convívio com mestres e dedicação incomum, ela se apresenta, hoje, em condições de classificar-se, condignamente, caminhando para a consagração extrema, que a arte proporciona a todos os seus servidores leais e talentosos.

CONFERÊNCIA DO PROF. ERASMO PILOTTO

A Conferência realizada pelo Prof. Erasmo Pilotto, há bem uns dois anos, foi das mais brilhantes e proveitosas.

Na Universidade de Pontagrossa de P. Grossa, o emérito intelectual e valoroso educador, conhecedor profundo da vida de Emiliano Pernetta, deu-nos a honra de dissertar sôbre o Círculo do Movimento Simbolista, representado pelo imortal poeta paranaense e tendo, como companheiros dedicados, os vultos de Dario Vellozo, Antônio Braga e João Itiberê, o mais internacional de nossos poetas.

Durante duas horas, o Prof. Erasmo mostrou particularidades e estabeleceu diretrizes, quanto ao estudo da vida de Emiliano.

Foi uma das mais interessantes e originais conferências, que foram proferidas em Ponta Grossa.

O Prof. Erasmo, aqui um veterano da alta cultura, recebeu a consagração dos presentes e a prova de amizade e gratidão, através da palavra do Prof. Faris Michaele e do Reitor Alvaro Augusto Cunha Rocha.

FÓRUM JOAQUIM FERREIRA GUIMARÃES

Na mesma ocasião, o mundo da Justiça houve por bem, em merecida homenagem, dar ao Fórum local o nome do falecido Juiz de Direito da Comarca, Exmo. Sr. Dr. Joaquim Ferreira Guimarães.

O ato contou com o apôio do Rotary Clube, do Clube dos Advogados, dos Juizes e Promotores, bem como do público em geral, pois o Dr. Joaquim era figura benquista nesta cidade.

Noutro local, reproduzimos as palavras de agradecimento de seu ilustre filho, Exmo. Sr. Dr. Moacyr Guimarães, também nosso colega de euclidianismo, cultura e civismo integral.

Aos que tão bem souberam promover o rútilo ato de veneração e civismo, os nossos intensos louvores e nosso reconhecimento pleno e inconfundível.

A. TITO FILHO, IDEALISTA DO PIAUÍ

Quando falamos em Tito Filho, a todos ocorre, logo, a idéia de um dos novos e iconoclastas escritores do Nordeste.

Mas, nada disso, ele é cordial, desembaraçado, culto e de um talento vedadeiramente grandioso.

Ama, acima de tudo, tudo quanto nós amamos: torrão natal, sinceridade, espírito de sociabilidade, elogios com base construtiva e outras condições e disposições de espírito.

Mestre incontestável da pena, é considerado, sem que isso ihe aumente a vaidade, o maior escritor vivo do Extremo Nordeste.

A. Tito Filho, sem nunca descansar, continua produzindo: TERESINHA, MEU AMOR, PAÇA AQUIRAIÁ, SEM NÚMERO, SERMÕES AOS PEIXES, etc.

Sôbre eles, já nos pronunciamos, anteriormente.

Evocações interessantes, peculiaridades de cada rincão, relatos e descrições de homens e fatos, que cada vez mais, agora, vão desaparecendo, etc.

Mas, a vantagem de Tito Filho está, precisamente, na facilidade, com que êle divulga, difunde e nos faz, irretorquivelmente, tomar parte nos casos, acontecimentos e ocorrências, como se tratara de coisa nossa, muito nossa.

Privilégio de escritor nordestino ou falsa patente dos filhos de outras plagas brasileiras?

O que podemos dizer é que as composições, ensaios, crônicas e artigos de A. Tito Filho não são, de maneira nenhuma, coisa forçada, nem destoam das melhores produções na matéria.

Linguagem, estreme e bem articulada; estilo, suave, sugestivo e bem adequado; enfim, grande capacidade de comunicação, tanto quanto de ardorosas e rigorosas polêmicas, quando necessário.

Ao Dr. Tito, que nos honra com sua amizade e relações culturais, nossas efusivas congratulações pelo incessante trabalho que vem desenvolvendo.

INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DE PONTA GROSSA

O novel Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico de Ponta Grossa já está em perfeito funcionamento, contando com numeroso corpo de associados.

A primeira Diretoria está assim constituída: Presidente de Honra: Dr. Faris A. S. Michaele; Presidente: Dr. Clyceu Carlos de Macedo - Vice-Presidente: Dr. Gastão Pinheiro Machado; 1º Secretário: Prof. Egdar Zanoni; 2º Secretário: Prof. Roüger Miguel Vargas; Diretor de Patrimônio: Major Deodoro de Souza; 1º Tesoureiro: Dr. João Alves Pereira; 2º Tesoureiro: Dr. Silvio Luiz Zan; "1º Orador: Dr. Alfredo Bertoldo Klaas; Conselheiros: Srs. Arnaldo Schaaiepen, Sr. Gilberto Kaminski e Prof. Joselfredo Cercal de Oliveira.

Ao Instituto, os votos de prosperidade de *"Tapejara"*

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS, nº 21/22, Anos XII e XIII, 1.974/1.975

A Revista da Academia Paranaense de Letras é um órgão de significativo relêvo, no cenário das letras do Paraná. Melhor diríamos, no cenário da cultura, pois que, em suas páginas, não se nos depara, apenas, pletora de composições em prosa e verso, ao sabor dos clássicos tempos de decênios atrás, senão que, em capítulos quase seguidos, vai-se-nos despertando a curiosidade a respeito de ciências, artes e, até, estudos sérios do âmbito humanístico propriamente dito, dando-nos, então, a impressão de exato, substancioso e providencial tratado, que muito agrada e instrui, neste mundo que corre, intensamente, sem saber *por que e para onde.*

Sim, na súmula do presente número, a começar pelo artigo de fundo, que é sôbre o caboclo, portanto, chão da Antropologia Física, até *Monogenismo Linguístico*, da autora do Prof. Rosário F. Mansur Guérios, passando por biografias, educação, história, sociologia e outras secções importantes da cultura, os Acadêmico, mostram aí que o sentido de Academia se acha agora, um tanto, transformado, pois que, nesta quadra de tanto desperdício de talento e propósitos, o conceito respectivo, também, tem de *universalismo*, compreensão do homem através do saber, em suma, um cristivismo cheio de coisas originais e grandiosas, mas sempre fiel aos elementos humanísticos, por igual.

Oswaldo Pilotto, Túlio Vargas, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, Benedito Nicolau dos Santos, Oscar Martins Gomes, Vasco Taborda Ribas, De Sá Barreto, Rosário Mansur Guérios, Dario Nogueira dos Santos, J. M. Simões, Artur Martins Franco e inúmeros outros, vivos, ao lado dos mortos, estão aí, unidos e conscientes, diante das precariedades e distorsões da época, para proclamar que o homem não é êsse autômato sem expressão e sem vontade, a esbanjar a sua Divina espiritualidade em atos e fatos, que absolutamente nada podem acrescentar à compreensão e dignificação da espécie.

Se há entidade cultural que cumpre o dever atinente ao nome, essa, sem dúvida alguma, é a Academia Paranaense de Letras. Em tempo, sempre nos batemos pelo ingresso de sociólogos antropólogos, linguistas, economistas, historiadores, educadores e outros nomes, desde que suficientemente habilitados.

Paz e harmonia, pois, ao nosso Sacrário da Letras, que, deste modo, abrange inconmensurável domínio!

COMEMORAÇÕES DO SESQUICENTENÁRIO DE D. PEDRO II

Durante o mês de novembro, houve em Ponta Grossa uma série de comemorações, ligadas ao Sesquicentenário do nascimento de D. Pedro II.

Por iniciativa da União Cívica Feminina, dirigida pela esforçada e patriótica Profa., Da. Odisséia de Oliveira Hügemberg, duas importantes palestras na Televisão local, foram realizadas, a cargo do Prof. Faris Michaele e do . Dr. Alfredo Bertoldo Klaas, versando os seguintes títulos: *"O Poliglotismo de D. Pedro II"* e *"D. Pedro II e a Palmeira"*.

Ambos foram muito felizes em seus temas, pelo que, de coração, felicitamos a Profa. Odisséia e suas Dignas colaboradoras pelo notável e civico empreendimento.

A SOCIEDADE DE ASTRONOMIA PASSOU O PATRIMÔNIO PARA A UNIVERSIDADE

A Sociedade Pontagrossense dos Amadores da Astronomia, presidida pela figura nobre e lúcida de Manoel Machuca, deixou de existir, depois de longa e benemérita existência.

O seu patrimônio foi cedido à nossa Universidade, em reunião memorável, durante a qual, com muito entusiasmo, se fizeram ouvir o Prof. Olavo Soares, o Reitor Alvaro Augusto Cunha Rocha e Sr. Manoel Machuca, os quais, deixaram claro que se tratava de justa e significativa doação, diretamente, ligada à cultura pontagrossense, que, assim, melhor estará equipada para o seu glorioso desígnio.

De acôrdo com os eméritos colegas, *"Tapejara"* lhes envia cordial e intenso cumprimento.

ÉRICO VERÍSSIMO FALECEU, DEIXANDO CONSTERNADO O MUNDO DA CULTURA

Inesperadamente, faleceu, em dezembro último, em Pôrto Alegre, o valoroso e benquisto homem de letras, Sr. Érico Veríssimo.

Não é, nem, que seja pequena para o Brasil, desnecessário se torna, duma vez que todos estamos capacitados para avaliar o brilho, meticulosidade e genuidade de seus escritos. Suas obras aí estão: *O Tempo e o Vento, Olhai os Lírios do Campo, México, Gato Preto em Campo de Neve, Solo de Clarineta* e dezenas de outros excelentes livros.

Mas, em Érico Veríssimo, não era só o lado da magnífica produção que todos apreciávamos.

Também, o homem, as suas qualidades morais, o seu feitio social, enfim, a série imensa de bons princípios, que êle demonstrava ao menor contacto com sua personalidade.

O C. C. Euclides da Cunha e *"Tapejara"* tiveram experiência suficiente para proclamá-lo.

Nunca nos deixou sem resposta e era sempre com palavras de carinho e encorajamento que se referia ao nosso pessoal.

Belo exemplo, o do vitorioso e incomparável filho de Cruz Alta, que êle sempre celebrava com orgulho de guasca típico, que nunca abandona o velho rincão.

Aliás, Érico constantemente se lembrava do sangue caboclo, que lhe corria nas veias, em flagrante contraste com outros, que se só orgulham do que não são.

Aqui, deixamos a nossa imensa saudade à memória do insigne escritor, repetindo as palavras que então lhe dedicamos.

Requiescat in Pace!

O BISPADO DE PONTA GROSSA COMPLETA 50 ANOS !

Em maio último, o Bispado de Ponta Grossa completou 50 anos de útil e sacro apostolado nos Campos Gerais.

Para comemorar a expressiva Criação da Diocese, o Reverendíssimo D. Geraldo M. Pellanda e auxiliares, organizaram importante programa, constante de Sessão Solene, Missa Pontificial e Banquete do Cinquentenário.

Na Sessão Mgra. que reuniu a nata da catolicidade de Ponta Grossa e regiões circunvizinhas e, principalmente, o Núncio do Vaticano, Dr. Carmine Rocco, falaram diversos oradores, notando-se, primeiramente, o Dr. Gabriel de Paula Machado, que proferiu bonito discurso, alusivo à fé cristã e seus excelsos cometimentos. Em seguida, fez uso da palavra o Pe. Francisco Salache, uma das vozes autorizadas e eloquentes, que sempre estão prontas a realizar, com denôdo e galhardia, os sagrados mistérios, tanto no clero como no que se refere à educação da mocidade. Finalmente, S. Reverendíssima D. Antonio Fedálto, Arcebispo de Curitiba, especialmente convidado, e que, longa porém magistralmente, rememorou os fatos da história do clero no Paraná, desde os tempos coloniais, fazendo justiça aos índios e seus mestres: os jesuítas.

No tocante aos mamelucos bandeirantes, dentro do objetivismo histórico, soube dar interpretação precisa e imparcial: defendiam o solo da Pátria nascente. Aliás, eram de fato, Portugal e Espanha, a disputar a primazia no solo paranaense. Seja como for, os índios não foram exterminados, como apregoam certos demagogos, mas apenas incorporados à raça brasileira, sendo eles, hoje, uma das fontes essenciais da etnia caboclá, mameluca ou indiática, que predomina na Amazônia, Centro-Oeste, Interior do Nordente e nos três Estados do Sul, depois do elemento branco. Portanto são nove Estados dos vinte e um, em que, com facilidade, ainda se pode falar em sangue amerínido, no Brasil.

Aos prelados Bispos e Arcebispo, bem como aos que os acompanharam, nas festividades, o nosso cordial abraço, com cumprimentos pelo bom êxito das mesmas.

D. Geraldo Pellanda, com especialidade, merece elogio especial, ao lado de D. Antonio Mazzarotto, nosso primeiro Bispo, ainda vivo, graças a Deus!

O PROF. BOREL DU VERNAY, RECENTEMENTE FALECIDO, FOI HOMENAGEADO

O valoroso espírito do Prof. João Ricardo Borel du Vernay, a quem todos muito devemos, pois sempre foi companheiro leal e produtivo, foi, há poucos dias, homenageado pelos colegas, companheiros e mocidade em geral, a que deu boa parte de sua vida.

Primeiramente, por iniciativa de seu filho, o Dr. Hélcio Borel du Vernay, incansável lutador pelas boas causas, foi a biblioteca particular do Prof. Borel doada à Biblioteca Pública, solenidade que teve lugar no Prédio da mesma.

Falou, com a voz embargada, o colegi. Hélcio, dizendo de quanto se via confortado, ao ter ciência do rumo louvável que os livros estavam tendo, esses livros que seu genitor tanto prezou.

Agradeceu, em nome da Biblioteca, o Dr. Júlio Ferrmann, que, muito devanecido, afirmou ser o nome do Prof. Borel um privilegiado testemunho de trabalho, honradez e amor aos livros, dignos de seguir pelas gerações de pontagrossenses, paranaenses e brasileiros em geral.

Outra significativa homenagem, esta, de inauguração do retrato do Prof. Borel, numa das dependências do Estádio que leva o seu nome, foi prestada, poucos dias depois, tendo sido ofertante, em nome da coletividade, o Prof. Joselfredo Cercal de Oliveira, que se expressou em palavras cálidas, espontâneas e cheias de sinceridade, quanto aos atributos do homenageado, que muito comoveu os presentes, sendo, ele mesmo, arrastado pelo estado de espírito.

Seu filho, mais uma vez, também usou da palavra, para agradecer, o que, de maneira nítida e decidida, deixou claro quanto o falecido Prof. Borel du Vernay representava para P. Grossa, para a cultura e para a generosa mocidade, que sabe sempre ser grata aos que a beneficiam.

Ao Prof. Joselfredo, nosso colega e amigo, e ao Dr. Hélcio, que tão fiel se mostra das qualidades paternas, nossos agradecimentos e votos intensos de continuarem a trilhar o caminho do dever e do bem-estar da coletividade em geral!

GUAIRACÁ TERÁ SUA ESTÁTUA, em Guarapuava.

Há muitos anos, graças aos estudos de Romário Martins e outros, surgiu, ante os olhos surpresos dos leitores, a figura heróica de Guairacá, o chefe guarani dos meados do século XVI, que é o imortal autor da frase: "KÓ IVI OGUEREKÓ YARA", ou "ESTA TERRA TEM DONO!"

Não faltaram os sábios e engajados para asseverar que se tratava de coisa forjada, precisamente porque Romário queria transformá-lo em herói nacional, com estátua no Rio de Janeiro.

Mas, hoje, que vivemos a exaltação da raça cósmica, que o Brasil está demonstrando poder existir, sem privilégio de nenhuma outra, Guairacá será apenas o Índio de Guarapuava, que integra nosso movimento espiritual e material, que, cada vez mais, nos aproxima dos irmãos naturais, da mesma estirpe que os carijós ou guaranis do Paraná, a partir das populações litorâneas.

Guairacá é América, tronco primeiro, ramificações caboclas da estirpe, sentido inconfundível do pendor telúrico, que a todos une e congraça no Brasil e fora dele, enfim, toda a herança animológica e ergológica dessa proveniência, entrelaçada com as de outras origens, para formar esse colosso que chamamos *Brasil*.

Guairacá existiu e os dados, informações e referências a respeito de sua vida, estão em dezenas de livros e escritos, tanto nacionais como estrangeiros. Portanto, só podemos louvar e apoiar tão útil quanto oportuna iniciativa, encabeçada, hoje em dia, por Antonio Lustosa de Oliveira, conhecido homem público e lucido jornalista, que, por sua vez, tem uma comunidade inteira a acompanhá-lo.

As entidades culturais mais em relevo no Paraná, igualmente, se solidarizam com a patriótica e objetiva empresa, que já devia ter sido realizada, há muitos anos.

Por um Brasil mais indoamericano, mais original e humano, e, acima de tudo, mais em consonância com a realidade presente, mormente a sua, que é universalista, fraternal e voltada para a justiça e o bem-estar dos humanos e seus atos de perpétua duração.

Guairacá é a união das raças e culturas, das tradições e regionalismos, das criações espirituais e concórdias eternas na memória da espécie.

O PROF. ANTONIO RUBBO MULLER ESTEVE EM PONTA GROSSA

O conhecido Prof. Antonio Rubbo Müller, da Escola de Sociologia e Política, de S. Paulo, aqui esteve, há quase dois anos, para ministrar aulas e superintender pesquisas, realizadas nas fábricas locais, e a cargo das Profas. Cleide Faria Rodrigues, Cléia Campos Mello e Neusa Moro.

Na indústria Monofil, graças à compreensão do Sr. Gerente, os trabalhos correram muito bem, notando-se, a cada instante, a versatilidade e conhecimento integral do Prof. Müller, a cuja competência se deveu, em S. Paulo, a fundação da Escola, pioneira da Universidade. Ele e mais: Donald Pierson, Herbert Baldus, Trujillo Ferrari e outros.

O Prof. Rubbo Müller tem um processo típico de desenvolver, esquematicamente, as pesquisas, baseado sempre num critério objetivo e coerente.

Recebidos pela Profa. Cléia de Mello, lá estivemos com o ilustre visitante, mais o Dr. Luiz de Campos Mello, o célebre cientista e historiador pontagrossense, que vive no Rio de Janeiro, e as referidas professoras, transformado-se, então, a reunião em verdadeira Sessão de alta cultura.

Ao Prof. Rubbo Müller, nossos agradecimentos e nossa saudação sempre viva!

"MUDANÇA SOCIAL" É O NOME DE UM LIVRO

Na série de lançamentos da UEPG, muitos livros ficarem sendo conhecidos e seus autores, suficientemente credenciados nos círculos universitários.

Citemos, apenas, o que ocorreu com o trabalho *"MUDANÇA SOCIAL"*, escrito por Cleide Faria Rodrigues, Profa., de nossa Universidade.

Trata-se de algo inédito no interior do Brasil.

Trabalho consciente e meticulosamente preparado, com escolas e movimentos, profundamente analisados, bibliografia vasta e eficiente, e, acima de tudo, uma linguagem capaz de ser compreendida por qualquer pessoa.

A Profa. Cleide foi elogiada pelos consagrados Mestres: Antonio Rubbo Müller, F. Michiele, Erasmo Pilotto, Oswaldo Pilotto e outros pontagrossenses ou que aqui conosco estiveram.

É que o livro representa, por assim dizer, a última palavra, em matéria de apreciação dos fatos e acontecimentos, aliados aos processos sociais e relações interativas.

O CEL. REGINALDO M. MIRANDA ESTÁ, AGORA, EM MATO GROSSO

Há uns poucos meses, deixou esta cidade, para ir servir em Mato Grosso, na cidade de Aquidauana, o emérito Ten-Cel. Reginaldo M. Miranda, das nossas mais compenetradas mentalidades, no setor da pesquisa e documentos em geral.

Pertencente a várias entidades no gênero, inclusive das Capitais, a sua presença, entre nós, foi das mais providências, quando da fundação do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Pontagrossense.

Mas, continuamos a nos comunicar com ele, com possível assiduidade e proveito, uma vez que ele não cessa jamais as suas investigações, conforme nós-lo demonstrou, através dos exemplares que aqui vieram ter.

Ao Cel. Miranda, os votos de progresso e bem-estar, com os nossos agradecimentos pelo que aqui realizou.

O DR. DAVID FEDERMANN Reservou Verba para o C. C. E. C.

Como nunca deixa de acontecer, o nobre e capacitado Homem Público, Dr. David Federmann, também incluiu o C. C. E. da Cunha entre as entidades merecedoras de seu louvável plano geral de auxílio, pois que, a não ser com as magras mensalidades, o Centro não dispõe de mais nada a prestigiar-lhe as iniciativas.

Portanto, foi das mais sábias e coerentes a atitude do Dr. David, há tantos anos Deputado eficiente e responsável na Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Ao estimado conterrâneo, nossos sinceros agradecimentos, acrescidos de votos de muita felicidade e novas empresas de valor cívico-cultural, como é o caso do empréstimo da presente verba.

Trovas para Ponta Grossa, no seu Sesquicentenário

Por Maria Eulinia dos Santos Schena.
(Do C. C. Euclides da Cunha)

Querida Ponta Grossa,
No sesquicentenário teu,
O bela terra nossa,
Recebe o abraço meu.

As lindas verdes campinas
São imensas plantações.
A alma destas colinas
São os nossos corações.

Ponta Grossa, meu encanto,
Possuis belezas mil,
Ó terra que amo tanto,
Meu pedaço de Brasil !

Nos teus campos verdejantes,
Bela terra altaneira,
Brinquei nos tempos distantes
Da infância breve e ligeira.

A saudade me amofina
E acompanha pela vida. . .
Da cidade pequenina. . .
Tão alegre. . . tão querida !. . .

Vila Velha milenária,
Filha do vento e do sol,
Cidade bela, lendária,
Joia a luzir no arrebol

Quanta beleza encerra
A cidade de arenito.
E Vila Velha descerra
Uma visão do infinito.

Cidade bela e faceira,
Orgulho do Paraná !
Linda flor, terra campeira,
Assim querida, não há !

Não reconheço a princesa !
Era simples e singela. . .
Agora a sua grandeza
Pá-la pujante e mais bela ! !

Minas Gerais

(A colônia mineira do Paraná)

Nobre escrínio de antigas tradições,
oculto entre montanhas alterosas,
de ti conservo mil recordações,
mil lembranças queridas e saudosas!

Bem revejo as tuas tardes graciosas
e o aconchego macio dos teus sertões
onde pulsam amaveis corações,
que são como outras pedras preciosas!

Hei de louvar-te a minha vida inteira,
ó pedaço da Pátria brasileira
feito de seduções e de carinho.

Terra do sol, cantiga e de amores,
de poetas, heróis e sonhadores,
de Tiradentes e do Aleijadinho!

Francisco Pereira de Silva

Fim do Mundo

Lourival Santos Lima

No ar poluído e cinza, há só poeira e fumaça,
o solo árido envai-se, na erosão profunda,
a água contaminada e o rio, por onde passa,
vai corrompendo a vida, impura e nauseabunda. . .

peixes mortos boiando, apodrecendo em massa,
já pássaros não há, na floresta infecunda,
que se torna um deserto. . . A flora e a fauna
/escassa
é um herança fatal e que a morte circunda. . .

O planeta se esgota. . . a população cresce
e sua fome, também. . . enquanto a guerra espera,
atômica e fatal. . . entre a "pílula" e a prece. . .

E o homem egoísta – esse grande pigmeu ! –
esquecera de Deus. . . E o mundo, que lhe dera,
ele só destruiu e não o mereceu !